

**EDUCAÇÃO FÍSICA E HOMOSSEXUALIDADE: INVESTIGANDO AS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ESTUDANTES DO CENTRO DE
DESPORTOS/UFSC**

por

Marcelo Victor da Rosa

Dissertação Apresentada à Coordenadoria de Pós-graduação em Educação Física da
Universidade Federal de Santa Catarina como Requisito Parcial para Obtenção do Título
de Mestre em Educação Física

Florianópolis, março de 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A Dissertação: **EDUCAÇÃO FÍSICA E
HOMOSSEXUALIDADE: INVESTIGANDO
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS
ESTUDANTES DO CENTRO DE
DESPORTOS/UFSC**

Elaborada por: **MARCELO VICTOR DA ROSA**

E aprovada por todos os membros da banca examinadora foi aceita pelo Curso de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina e homologada pelo Colegiado do Mestrado como requisito à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Área de concentração: Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física.

Data: 12 de Março de 2004

Prof. Dr. Adair da Silva Lopes
Coordenador do Mestrado em Educação Física

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva (Orientador)

Prof. Dr. Denilson Lopes (Membro)

Prof^a . Dra. Sônia Weidner Maluf (Membro)

Prof. Dra. Maria do Carmo Saraiva Kunz (Suplente)

(...) na medida em que diferentes emoções
constituem domínios de ações distintas,
haverá diferentes tipos de relações humanas
dependendo da emoção que as sustente, e
será necessário observar as emoções
para distinguir os diferentes tipos de relações humanas,
já que estas as definem.

Assim, se observamos a emoção que define
o domínio de ações em que se constituem as relações
que na vida cotidiana chamamos de relações sociais,
vemos que ela é o amor,
porque as ações que constituem o que chamamos de social
são as de aceitação do outro
como um legítimo outro na convivência.

Humberto Maturana¹

¹ Cf. Maturana, Humberto R. (1998). **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG.

Dedico essa dissertação a todos/as
pesquisadores/as que investigam a
homossexualidade, assim como as diversas
alteridades ligadas às questões de gênero,
classe, raça/etnia, geração e cultura.

Agradecimentos

Várias pessoas me ajudaram direta ou indiretamente na construção desta dissertação, para não correr o risco de esquecer de alguém, desde já agradeço a todos os/as amigos/as que de alguma forma estiveram presentes comigo nesta caminhada, dentre eles, o meu orientador Maurício, para os íntimos Mau-Mau, que acreditou na idéia central deste projeto, que esteve sempre ao meu lado, e tenho a certeza de que a nossa amizade, que se iniciou em 1994, não acaba neste trabalho, pois amigos como Mau-Mau são para sempre.

Também gostaria de agradecer ao Diretor do Centro de Desportos, Prof^o Júlio C. S. Rocha, que autorizou a minha permanência no CDS no período de férias.

Aos membros da banca, Dr. Denilson Lopes, que sempre me atendeu por email e esteve aberto à troca de informações. À Dra. Sônia Maluf, pelas contribuições importantíssimas na qualificação e à Dra. Maria do Carmo, que mesmo distante, foi uma das primeiras pesquisadoras a me influenciar nos estudos de gênero.

Aos professores do Mestrado em Educação Física da UFSC, Dr. Giovani de Lorenzi Pires pelos esclarecimentos aos conceitos indústria cultural, mídia e semi-informação. À Dra. Ana Márcia Silva e a todos os alunos da disciplina de “Corpo, Consciência e Natureza”, que me engradeceram, principalmente a Bete.

Às professoras do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFSC, Dra. Miriam Grossi e Dra. Carmem Rial, pelos conhecimentos mediados.

A todos os meus colegas de turma, em especial a do “Çurubom Científico” (Roger, Natacha (irmã), Claudia, Adriana e Márcio).

À nova turma de Mestrado e novos amigos: Tais, Andrea, Sergio, Cassia e Éden, que sempre me escutavam falando sobre homossexualidade e debatiam comigo este tema.

Aos colegas que me ajudaram na prova de inglês, um momento pesado para mim, que superei através dos amigos: Roger, Andrea, Themis, Paula e Adriana.

Ao amigo Jairo (Secretário do Mestrado) pelo apoio e incentivo.

Às professoras e alunos da 1^a fase e 7^a fase de 2003/2 do curso de Educação Física da UFSC que aceitaram participar da pesquisa.

Ao colega Adriano pelas aulas de inglês.

Ao prof^o Osdair, pelas correções (para lá do Português) que gratuitamente se ofereceu e em muito me ajudou.

Ao amigo Sérgio de Vitória/ES, que me acolheu em sua casa, durante o ano de 2002, no 1º Congresso de Homocultura.

Ao meu amigo antropólogo Marcelo Regis, pelas diversas trocas de conhecimento e debates sobre o tema.

Ao meu amigo Jacson Tavares, por escutar as leituras do que eu recém havia escrito (dissertação) e demonstrando sua sincera opinião.

À minha família, que mesmo ausente, sempre teve orgulho de mim e perguntavam como iam os meus estudos.

Aos amigos, que conquistei nesta vida, que de alguma forma, fazem da vida um momento mais feliz: Aurélio (Selma Light), Ronaldo, Mirele, Marli (Loca), Laurete, Apolinário, Grupo Shapanã e alunos de Dança de Salão do Conselho Comunitário do Pantanal.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo investigar as representações sociais dos/as estudantes do curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, em relação ao tema da homossexualidade. Realizei entrevistas semi-estruturadas e coletivas, acompanhadas da exposição do filme *Delicada Atração*. As categorias surgidas a partir do campo e do referencial teórico foram: *outras categorias* – no qual observei que os alunos não conheciam os reais significados históricos do conceito de homossexualismo, pertencentes a patologia; *identidade* – a principal idéia dos informantes é que a homossexualidade seria uma opção, uma escolha do sujeito, ao contrário do que apontam os Estudos Queers, através do conceito de *coming out*, que é entendido enquanto a escolha de se reconhecer ou não homossexual; *gênero* – aqui existe uma padronização dos universos masculinos e femininos, inserindo a homossexualidade no universo feminino, e por fim, que as mulheres aceitariam mais facilmente os homossexuais do que os homens. No ponto de vista teórico-metodológico no que se refere aos tratos com as questões de gênero, privilegiei os autores de formação marxista, articulados com os elementos introdutórios da Sociologia da Vida Cotidiana na perspectiva dialética; *preconceito e Educação Física* – a qual surgiram discussões de ambas as fases, cujas representações emergiram em forma de “brincadeira” com a questão da homossexualidade, apresentada como um disfarce para ocultar os estigmas, estereótipos e discriminações presentes nessas “brincadeiras”. Outro achado da pesquisa ocorreu na 1ª fase, que a intitulei: *homofobia velada*, que se constitui no medo de que os homossexuais ao se aproximarem, procurariam de alguma forma estabelecer relações sexuais, ao contrário do que pude perceber entre os alunos da 7ª fase, que por terem um maior convívio com homossexuais (entre amigos e alunos), pela influência positiva que veicularam as interações na universidade, e nas suas experiências profissionais, isto não apareceu. Por fim, constatei que este tema ainda é polêmico e pouco discutido na Educação Física. Este campo de conhecimento tem trabalhado historicamente com modelos ideais e tem tratado a homossexualidade de forma homofóbica, indiferente e intolerante para com as diversas alteridades.

Palavras Chaves: Homossexualidade Masculina, Gênero, Identidade, Preconceito e Educação Física.

Abstract

The present dissertation has as an objective, investigate the social representations of the undergraduation students of Physical Education at Universidade Federal de Santa Catarina (Federal University of Santa Catarina), regarding the issue of homosexuality. I have carried out semi-structured and collective interviews, followed by the exhibition of the film *beautiful thing*. The categories that came up from the field research and the theoretical references were: *other categories* – where I noticed that the students didn't know the real historical meaning of the concept of homosexuals, concerning to pathology; *identity* – the main idea of the informers is that homosexuality would be an option, a choice of the person, that is the opposite to what the Queer Studies indicate through the concept of *coming out*, that is understood as the choice to choose to recognize oneself as a homosexual or not; *gender* – there is a standardization of the male and female universe, setting up the homosexuality within the female universe, and finally, that the women would accept the homosexuals easier than men. By the theoretical-methodological point of view, regarding to dealing with the gender issues, I privileged the authors with Marxist background, articulated with the introductory elements of Daily Life Sociology by the dialectic view; *prejudice and physical education* – which caused discussions in both stages, where the representations emerged in the form of “jokes” with the homosexuality issue, presented as a disguise to hide the stigmas, stereotypes, and prejudice within such “jokes”. Another finding in the first stage, which I entitled: *veiled homophobia*, that is the fear that the homosexuals have, when getting closer, would try, somehow, to establish sexual relations, opposite to what I could notice among the students of the seventh stage, that having a further acquaintance with homosexuals (among friends and students), through the positive influence the interactions at the university have disclosed, and their personal professional experiences, was not present. Finally, I verified that the issue is still controversial, and shortly discussed in the course of Physical Education. This area of acquirements has worked historically with ideal models, and has treated homosexuality homophobically, indifferently, and impatiently towards the various alterities.

Key words: Male Homosexuality, Gender, Identity, Prejudice and Physical Education.

Sumário

Introdução: Justificativa e Relevância do Problema.

Capítulo 1 – Imagens do Campo: Reflexões Teórico-Metodológicas.

Capítulo 2 - Discutindo a Homossexualidade Masculina: Possíveis Caminhos de Problematizações.

2.1. Esboçando alguns conceitos acerca da homossexualidade masculina.

2.2. Breves incursões sobre a homossexualidade masculina.

2.3. Reflexões introdutórias sobre a homossexualidade masculina no Brasil.

Capítulo 3 – Gênero, Identidade e Educação Física, Esportes e Lazer.

3.1. Gênero, identidade, e suas possíveis relações com a homossexualidade.

3.2. Gênero, identidade, e suas relações com a formação dos professores de Educação Física no CDS.

3.3. Educação Física e homofobia: desvelando preconceitos, estigma, estereótipos e confrontando alteridades.

Conclusões Provisórias

Referências

Introdução: Justificativa e Relevância do Problema

O problema de pesquisa em questão consistiu em *investigar quais as representações sociais dos/as professores/as em formação na Educação física em relação à homossexualidade, nas diversas práticas pedagógicas do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.*

Esse problema já vem sendo tratado com profundidade nos estudos de masculinidade e *Teoria Queer*. Contudo através de um resgate do “estado da arte” na área de Educação Física, porém não encontrei trabalhos publicados sobre esse assunto.

Agripino júnior (2001) que discutiu a produção acadêmica sobre gênero na área de Educação Física, durante as décadas de 80 e 90, comenta que foram realizados apenas 13 trabalhos ligados à questão de gênero, destes, apenas dois são do Sul, ainda menciona a dominação feminina nessas produções, ou seja, as mulheres estão pesquisando sobre gênero mais do que os homens. Isto significa que os trabalhos direcionados à temática de gênero são raros e os pesquisadores homens, da área de Educação Física, não estão trabalhando com esta temática. Outro ponto pertinente são as fundamentações teóricas, que, segundo o mesmo autor, não se referem aos conceitos (feministas, sociais, relacionais, políticos) que a teoria de gênero abrange. Na maioria das vezes, os pesquisadores estudados usam o termo gênero apenas como sinônimos de masculino e feminino, não discutindo as reais implicações desta oposição binária.

Outro dado apontado foi obtido por intermédio da consulta ao site: <http://www.nuteses.ufu.br/index3.html>. Ao se pesquisar as palavras *homossexualismo*, *homossexualidade* e *homoerotismo*, não há trabalhos/pesquisas na área de Educação Física que discuta esses conceitos. Procurando pela palavra gênero foram listadas 22 ocorrências. Nenhum deles tratam das relações homoeróticas, e não abordam o conceito gênero de uma forma abrangente e relevante.

Em relação aos três últimos CONBRACE², não foram encontrados trabalhos ligados à problemática de homoerotismo no GTT 12- Educação Física, esporte, memória, cultura e corpo. Este grupo de trabalho temático é o que mais se aproxima das discussões relacionadas às questões de gênero. Contudo, estudar homoerotismo talvez ainda seja um tabu em virtude de preconceitos e discriminações, as quais enfrentam os sujeitos que se relacionam sexualmente com pessoas do mesmo sexo. Ou seria o fato de que a Educação Física vem mascarando a presença da homossexualidade? Ou ainda seria o constrangimento de um homem querer pesquisar sobre a homossexualidade masculina?

Na produção e veiculação de artigos em revistas da área de Educação Física foram encontrados apenas dois textos: Joaquim Motta (1998) e Carlos Cunha Jr & Vitor Melo (1996), que não são frutos de dissertações e teses acadêmicas, mas de pontos de vista, o que não tira a relevância desses dois artigos para a área.

Recentemente, através do Professor Dr. Jocimar Daólio, fiquei sabendo de um trabalho de conclusão de graduação em Educação Física da Unicamp, do qual foi o orientador. O autor chama-se Alexandre Batista Reis (1994) e o título da pesquisa é: “Imagem corporal homossexual: Reflexões sobre o discurso que se faz deste corpo em aulas de Educação Física”. Mais, especificamente, no terceiro capítulo, tratarei melhor sobre o conteúdo da pesquisa, que em linhas gerais tratou do preconceito e discriminação ao qual o corpo vai sofrer por expressar uma identidade sexual homossexual.

² Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte - Realizados em 1999 (Florianópolis), 2001 (Caxambu) e 2003 (Caxambu).

Esse indicador da inexistência de estudos ligados ao homoerotismo, é por si um fator relevante para a realização desta pesquisa. Vários seriam os motivos que justificariam tal pensamento. Um deles está ligado à formação profissional dos professores de Educação Física. Segundo observações assistemáticas do cotidiano da atuação profissional, os professores não estão preparados para trabalhar com as diversas identidades e diferenças de alunos e alunas, por isso há a necessidade de uma investigação profunda, que estude na formação acadêmica como os/as professores/as que estão em formação no curso de Educação Física tratam a diversidade do sexo e gênero, especificamente no que diz respeito aos estudos homoeróticos. Penso isto desde a minha formação, enquanto acadêmico, pois percebia fortes condicionantes sócio-culturais que dizem respeito aos estigmas, estereótipos de gênero (“boiola”, “viado”, “bicha”) ligados ao homoerotismo, que ainda estão impregnados nas representações sociais do curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

A este respeito, pude realizar observações assistemáticas que ocorreram na disciplina de Estágio de Docência, orientada pela professora Vera Torres. Trabalhamos com a disciplina rítmica. Em uma aula que tratava acerca da introdução aos estudos de gênero e possíveis relações com a educação física (após exposição e debate do conteúdo, já no final da aula) foi solicitado aos alunos/as expressarem uma pequena avaliação da aula. A maioria dos alunos concluiu que mesmo tendo entendido o assunto, acreditava que as discriminações e preconceitos dificilmente acabariam, como afirmou um acadêmico:

Ah, eu já acho assim oh: aqui é fácil de falar, olhar: Ah que bonitinho! Mas o dia que tiver um filho, eu quero ver se vão ter a concepção da coisa, eu expressei sinceramente o que eu acho, tá ligado! Eu acho muito bonitinho, olhar: Ah, que bonitinho, mas quando tiver um filho a parada é outra, eu tenho mais a consciência, eu já vejo assim, eu não gosto muito não, eu expressei a minha opinião, tá ligado!

A expressão: “Ah, que bonitinho” supracitada, refere-se a um vídeo em que crianças dançavam. Entre as coreografias, havia um solo, no qual o bailarino dançava de forma suave e contemporânea. Isto, de alguma forma, evidenciou para o acadêmico uma identidade homossexual na criança, o que em sua concepção (e de muitos/as pessoas) era repugnante. Sei que mudar esse quadro social de discriminação não é tarefa muito fácil. Só o fato de trazer à tona a discussão acerca do homoerotismo é por si rica e muito significativa à formação de homens e mulheres que vivem em uma sociedade plural, mas que em alguns casos exige comportamentos e identidades singulares.

Por isso, priorizo os estudos homoeróticos, por entender que o conceito de homoerotismo ainda é muito pouco discutido e divulgado no meio acadêmico. Pouco se explica e muito se discrimina. Lembramos que no Brasil a união civil³ entre sexos iguais ainda não é permitido. Este é um dos infinitos exemplos de discriminação e preconceitos que se submetem os sujeitos⁴ que se relacionam sexualmente com outros sujeitos do mesmo sexo.

Todo preconceito pode gerar nos sujeitos uma culpa de sentir desejo e prazer por pessoas do mesmo sexo. Esta culpa é retratada de uma forma bem significativa em um conto de Cooper apud Eliane Berutti (2002) no qual um jovem se masturbava lendo revistas masculinas. Em uma das suas falas, observei tal culpa:

Depois da masturbação, vinha o remorso que me inundava, substituindo a satisfação. Cada vez que eu olhava para uma daquelas revistas, meu apetite por homens era confirmado, e me afligia pensar que o preço que teria que pagar era a condenação do mundo. Como uma pena tão horrível poderia resultar de uma sensação tão intensa?... Você anseia por uma forma de entender sua natureza. Você mergulha de cabeça no seu poço interno ... Todo dia você espera por desonra. Você procura um aliado e não encontra nenhum, porque encontrar alguém significaria que você tinha confessado. Você finge ser uma pessoa que você não é, depois se aborrece por seu fingimento ser óbvio, tão vulnerável a insultos como o próprio segredo. Numa tentativa desesperada de autoproteção, você se encolhe até virar quase nada, e mesmo assim você está lá, fechado como uma pedra (p.31).

E como termina o conto? O jovem queima as revistas como um ritual de purificação e perda do seu objeto de desejo. Esse não é apenas um conto, é uma realidade presente em milhares de sujeitos que se culpam por sentirem desejos homoeróticos. Por que ocorrem tais procedimentos?

O problema acima é uma entre outras questões que abordei neste estudo, como as que seguem:

Quais as representações sociais dos sujeitos investigados sobre o conceito da homossexualidade?

³ A ex deputada federal e hoje atual prefeita de São Paulo Marta Suplicy, elaborou o Projeto de Lei Federal Nº 1.151 (sobre a união civil entre pessoas do mesmo sexo), que não foi aprovado pelo Congresso Federal e ao que se percebe, existem grandes resistências para o seu aceite.

⁴ Quando utilizo na escrita o gênero masculino, não estou incluindo o feminino, apenas optei por este meio, para que a leitura não se torne cansativa e repetitiva.

Quais estereótipos de gênero estão presentes na vida cotidiana do curso de Educação Física da UFSC⁵?

Os professores do curso de graduação Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina estão preparados para intervir pedagogicamente em situações de práticas corporais e demais situações de aula, no sentido de refletir e desconstruir os estereótipos de gênero?

Será que esses estereótipos aparecem de forma clara e direta ou aparecem de forma sutil e velada?

Existem alguns episódios de natureza homofóbica?

Existem ações e atitudes homoeróticas nas relações pedagógicas alunos(as)-alunos(as), professor(a)-alunos(as), alunos(as)-professor(a) e professor(a)- professor(a)?

Será que de fato as práticas dos/as professores/as investigados estão permeadas de ações discriminatórias e estigmatizadoras no ponto de vista do homoerotismo?

Existem ações no sentido de trabalhar as diferenças sociais ligadas ao sexo por alunos/as e professores/as?

Estabelecidas estas questões, urge então, dimensionar o objetivo central deste trabalho que foi: *investigar como professores em formação na Educação física tratam as relações homoeróticas, nas diversas práticas pedagógicas do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.*

Também fazem parte dos objetivos deste estudo: contribuir para minimizar os preconceitos e estereótipos no cotidiano do curso de graduação Educação Física, no que diz respeito ao homoerotismo; Discutir a hegemonia do entendimento de homossexualidade, trazendo para discussão o conceito de homoerotismo.

⁵ Utilizo aqui o conceito de currículo oculto, que segundo Apple (apud Domingues, 1986, p.326) “são as normas e valores que implícita, porém, efetivamente, são transmitidos pela escola e que, habitualmente, não são mencionados na definição, feita pelos professores, dos fins ou objetivos da sua matéria.” Acrescenta: “é o que os estudantes tacitamente experienciam e o que ajuda a reproduzir a hegemonia.”

No sentido de dar uma coerência interna ao texto, sobretudo em função das categorias surgidas no campo e nas reflexões teóricas suscitadas pelos autores, estruturei esta investigação da seguinte forma: capítulo 1, intitulado: *Imagens do Campo: Reflexões Teórico-Metodológicas*, no qual apresento as questões teóricas emergidas no campo; capítulo 2, intitulado: *Discutindo a Homossexualidade Masculina: Possíveis Caminhos de Problematizações*, no qual discuto os conceitos acerca da homossexualidade masculina, articulando com algumas passagens históricas a respeito deste tema; já no capítulo 3, intitulado: *Gênero, Identidade e Educação Física, Esportes e Lazer*, trago à tona as categorias de gênero, identidade, preconceito, relacionando com a homossexualidade e com a Educação Física.

Capítulo 1

Imagens do campo: reflexões teórico-metodológicas

Neste capítulo, comentarei sobre a entrada no campo desta pesquisa, contudo, faz-se importante apresentar brevemente o conceito de representações sociais, afinal, é justamente o objeto da minha investigação. Para tal, tomo por base a pesquisadora Maria Minayo (1995), que fez um resgate histórico de como esse conceito foi pensado por diferentes autores⁶.

Segundo a autora (p.89), representações sociais pode ser conceituado como:

Representações Sociais é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento. Nas Ciências Sociais são definidas como categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a. Enquanto material de estudo, essas percepções são consideradas consensualmente importantes, atravessando a história e as mais diferentes correntes de pensamento sobre o social.

Para ser considerada um pesquisa com enfoque nas representações sociais, segundo a autora citada acima, necessita-se estabelecer a relação entre um objeto a ser conhecido e um sujeito que “conhece”.

A categoria Representações Sociais teve como primeiro pensante o sociólogo Durkheim que usava esse conceito como sinônimo de Representações Coletivas: “O termo se refere a categorias de pensamento através das quais determinada sociedade elabora e expressa sua realidade” (p.90).

⁶ Ou seja, todas as citações não são falas dos pensadores (Durkheim, Weber, Schutz, Gramsci e Bourdieu) mas sim de Minayo. Utilizo esse recurso para que o texto não fique muito repetitivo.

As idéias positivistas de Durkheim foram criticadas e superadas por Max Weber, que segundo Minayo (1995, p.93) o conceito era compreendido como: “Juízos de valor que os indivíduos dotados de vontade possuem”. Foi com Max Weber, que o conceito de “Visão de Mundo” foi elaborado para entender as idéias e como cada sociedade concebe o mundo, que de maneira geral, estas idéias são elaboradas por grupos dominantes.

Outro autor a colaborar nessa discussão, foi Schutz, que trouxe à tona o conceito de história de vida, que era entendida como: “Cada ator social tem um conhecimento de sua experiência e atribui relevância a determinados temas, aspectos ou situações, de acordo com sua própria história anterior”.

A dialética marxista também contribuiu para a superação e criticidade do conceito de Representações Sociais. Gramsci, resgatando o conceito de Senso Comum assevera que: “Deve ser recuperado criticamente, uma vez que ele corresponde espontaneamente às condições reais de vida da população”, trouxe novos argumentos a compreensão do papel ora individual ora coletivo das Representações Sociais.

Para os autores marxistas, dois outros fatores são importantes para a real entendimento das Representações Sociais, o primeiro seria a fala, a comunicação verbal. Seria através das falas que as pessoas refletem as suas formas contraditórias de pensar e agir na sociedade, na qual a resistência está dialeticamente relacionada com a submissão.

O segundo fator seria o *Habitus*, conceito criado por Bourdieu, que significaria praticamente como o inconsciente, ou seja, o indivíduo teria idéias sobre as coisas, de uma “natural” e posta, que não necessitaria de ser questionadas, seria então verdades absolutas, e que refletem no modo em que os sujeitos vivem e se relacionam socialmente.

Segundo Richard Dyer (1993, p. 1)) as representações, ou como o autor cita:

Equally re-presentation, representativeness, representig have to do also with how others see members of a group and their place and rights, others who have the power to affect that place and those rights. How we are seen determines in part how we are treated; how we treat others is based on how we see them; such seeing comes from representation⁷.

Associando esse entendimento com a temática em estudo, posso dizer que como os heterossexuais vêem os Homossexuais interfere na forma como os próprios homossexuais vêem os heterossexuais e a si mesmos.

⁷ Tradução: Da mesma forma reapresentação, representatividade, reapresentando também tem a ver com a forma pela qual os outros vêem os membros de um grupo, seu lugar e direitos, os outros que detêm o poder de afetar estes lugares e direitos. A forma como somos vistos determina, em parte, o como somos tratados; a forma como tratamos os outros é baseada no como os vemos; tais olhares vem da representação.

Ainda pensando sobre a influência das representações para os homossexuais, Dyer (1993, p. 19) comenta sobre a tipificação gay:

A major fact about being gay is that it doesn't show. There is nothing about gay people's physiognomy that declares them gay, no equivalents to the biological markers of sex and race. There are signs of gayness, a repertoire of gestures, expressions, stances, clothing, and even environments that bespeak gayness, but these are cultural forms designed to show what the person's person alone does not show: that he or she is gay. Such a repertoire of signs, making visible the invisible, is the basis of any representation of gay people involving visual recognition, the requirement of recognizability in turn entailing that of typicality. Though not indispensable, typification is a near necessity for the representation of gayness, the product of social, political, practical and textual determinations⁸.

Se de um lado, a representação forma um estereótipo do gay, através de leituras inscritas no corpo e de ambientes GLBT. É através das representações, que o gay vai formar um conhecimento de si próprio, podendo se reconhecer como um homossexual.

No ponto de vista teórico-metodológico da Sociologia da Vida Cotidiana, esta pesquisa busca se aproximar de alguns elementos da corrente Marxista, pois segundo Brown apud José Pais (1986, p. 29):

É também no terreno da vida quotidiana que as formas elementares de consciência de classe se desenvolvem ou são reprimidas. Consequentemente, só após ser empreendida contra a repressão, a este nível microssocial, a batalha das massas pela libertação subjectiva na vida quotidiana (...) se estará em posição de tomar consciência do contexto macrossocial mais amplo e dos processos que, em última análise, determinam o carácter da vida quotidiana.

As relações homoeróticas estão incluídas em um contexto maior de repressão e desigualdades sociais, podendo como por exemplo, serem abordadas teoricamente nas dimensões de gênero, classe, raça/etnia, geração e cultura. Neste sentido, há necessidade de se estabelecer muitas vezes uma simbiose dialética entre o macro e o micro social, o particular e o geral. Contudo, “o microssocial” possui particularidades que são estudadas e defendidas pelos atuais estudos gays e lésbicas em vários países.

⁸ Tradução: Um grande fato a respeito de ser gay é que não se demonstra. Não há nada na fisionomia dos gays que declare que são gays, nenhum equivalente ao mercado biológico de sexo e raça. Há sinais de comportamento gay, um repertório de gestos, expressões, posturas, vestimentas, e até mesmo ambientes que denunciam a condição gay, mas estas são formas culturais modeladas para mostrar o que a pessoa por si própria não demonstra: que ele ou ela é gay. Tal repertório de sinais, tornando visível o invisível, é a base de qualquer representação dos gays envolvendo o reconhecimento visual, o requisito de reconhecimento acarretando assim na tipificação. Apesar disto, não indispensável, a tipificação é uma necessidade clara para a representação da condição gay, do produto de determinações de ordem social, política, prática e textual.

No ponto de vista da dimensão de classe, algumas correntes feministas criticam a corrente marxista afirmando que dividir a luta de classes em dois pólos (burguesia e proletariado) não atinge grupos que mesmo estando dentro do grupo de proletariado sofrem mais discriminações, como as mulheres, negros/as, homossexuais, portadores de necessidades especiais e outros/as.

Este trabalho reconhece a multidimensionalidade e facetas dos estudos homoeróticos (gênero, classe, cultura e outros). No entanto, trazer à baila as misérias do cotidiano da instituição acadêmica, no que diz respeito a dominação, preconceito, estigmas, é fundamental no sentido de discutir as reais implicações dessas misérias na formação de professores de Educação Física.

Relacionar o método dialético com as relações homoeróticas é de suma importância, porque, como mostra a história dos estudos sobre a homossexualidade brasileira, ela sofreu um salto qualitativo, pois tais estudos deixaram de ser analisados e estudados apenas pelas áreas psicanalistas, policiais e de saúde pública para a área das ciências humanas.

Este salto qualitativo busca compreender que toda realidade objetiva é parte de um todo, um momento de um processo mais abrangente e totalizante. Nunca alcançaremos uma etapa definitiva e acabada, evidenciando que a totalidade é contraditória, concebida como a qualidade dialética da totalidade. Neste sentido, um exemplo esclarecedor seria o fenômeno “homossexualismo”. Para entendermos tal fenômeno, não podemos isolá-lo das relações sociais, compreendidas, portanto, na sua dimensão mais ampla e complexas das relações do gênero humano.

Não é fácil exercer a crítica. Somos educados para sermos acríticos, tanto na vida cotidiana como na prática da pesquisa. Um exemplo disso seria a concepção do campo de pesquisa, que é frequentemente indicada como o lugar (espacial e específico), um grupo particular de sujeitos que iremos estudar, ou seja, existe um momento e um lugar ideal para a concretização da pesquisa.

Segundo Lahire (2002, p. 40) o campo consiste em: *um microcosmo incluído no macrocosmo; possui regras específicas; é um sistema ou espaço estruturado; existem lutas internas, constituindo relações de poder.*

Esta compreensão de campo amplia a concepção acrítica de campo já citada, pois estas relações específicas estão relacionadas aos outros campos e às lutas internas e externas e do próprio campo. Assim, o desafio é mediar essa relação sem perder as especificidades e papéis sociais próprias do campo (vida cotidiana) e do campo maior (homossexualidade no mundo)

Afinal, os professores em formação também fazem parte desta sociedade capitalista que discrimina pobres, homossexuais, mulheres e negros de forma perversa. Neste sentido, grande parte dos cursos de formação de professores não ensina a trabalhar com as diferenças, e sobretudo, no que diz respeito à homossexualidade não ensina a desconstruir a homofobia, o racismo e os preconceitos contra as classes empobrecidas. No âmbito de todo esse “campo” de opressão e conservadorismo também é possível contrariamente se vislumbrar possibilidades rumo à emancipação dessas consciências aprisionadas pelos preconceitos.

O que busquei com essa pesquisa foi justamente observar, compreender e analisar criticamente como se dão as redes de comunicação para além do campo específico, percebendo se existem resistências e mudanças próprias desse campo para com as relações homoeróticas através da análise de conteúdo, que segundo Romeu Gomes (1994, p. 75), após a escolha das unidades de registros (palavras, frases e outras) e das unidades de contexto (situando em uma estrutura mais ampla) o resultado mais comum será a formulação de categorias (que apresentarei neste capítulo).

Os sujeitos/as de pesquisa, são os professores em formação do curso de Educação Física⁹ que estão frequentando a 1ª e 7ª fase¹⁰. Essa escolha se justifica justamente pela possibilidade de visualizar se no decorrer da formação profissional, todas as vivências teórico-prática no curso de Educação Física da UFSC teve algumas interferências positivas, no sentido de entender, problematizar e trabalhar pedagogicamente com as diferenças, e em especial com a homossexualidade.

⁹ No sentido de apresentar melhor o curso de Educação Física da UFSC, trago as seguintes informações contidas na página do CDS (www.cds.ufsc.br): **OBJETIVO DO CURSO:** O profissional graduado em Educação Física obterá o título de Licenciado por meio de uma formação de cunho generalista que o habilita a exercer prioritariamente a função de professor junto aos sistemas de educação escolar e secundariamente funções educacionais em opções de trabalho não escolares. O desenvolvimento da competência ao exercício de magistério balizada no espírito crítico, na originalidade, na sociabilidade e na liderança frente a sua realidade de atuação. Nesta página, pode-se encontrar outras informações como grade curricular, horários, criação do curso, departamento, núcleos e outros.

¹⁰ Os alunos da 1ª fase, segundo relatos da coordenadoria, são jovens que possuem em sua maioria uma faixa etária entre 18-25 anos, já os da 7ª fase, possuem 22-27 anos.

No ano de 2002, foram coletadas informações exploratórias, de cunho qualitativo. Essas primeiras informações foram importantes, através delas ampliei o referencial teórico e já vislumbrei futuras intervenções neste campo. Todas as aulas foram filmadas, com autorização dos/as alunos/as.

Essa experiência foi rica sob vários aspectos, inclusive ético. Um destes aspectos diz respeito às técnicas de filmagem (feito pelo pesquisador e alunos), tanto como na exposição de ser filmado, que não foi nada fácil. O respeito para com os sujeitos foi enorme e sempre apoiado pelos mesmos.

Foram realizadas três entrevistas coletivas, uma com a 1ª fase e duas com a 7ª fase, isto porque a professora da 7ª fase abriu mais um espaço para dar continuidade às discussões da pesquisa, que estavam muito interessantes naquele momento. As entrevistas partiram da exposição do filme *Delicada Atração*.

Foi elaborado um roteiro, semi-estruturado para análise do filme, o qual foi o ponto de partida para as discussões, ou seja, dependendo da forma e expressões dos sujeitos ele poderia ou não ser acionado, as perguntas começavam de uma forma mais aberta, discutindo o filme, para logo em seguida discutir as implicações do filme no CDS/UFSC. O roteiro estruturou-se da seguinte forma:

- Apresentação da pesquisa
- Apresentação do filme
- Perguntas introdutórias: O que acharam do filme? Quais os momentos do filme que mais lhe chamaram a atenção? Em que medida as questões abordados pelo filme são tratadas no CDS?

Homossexualidade e os Conceitos:

1 – Como vocês conceituam a homossexualidade, homossexualismo, bicha, viado, gay, entendido, enrustido, boiola etc?

2 – Existem diferenças entre esses conceitos?

3 – Como esses conceitos são veiculados no CDS?

Estereótipos, estigma, preconceitos, discriminação e homossexualidade:

1 – De que forma esses conceitos apareceram no filme?

2 - De que forma esses conceitos apareceram no CDS?

Escola, Família e Homossexualidade:

- 1 – Como a escola trata a homossexualidade no filme?
- 2 – Qual o papel da escola perante as diferenças dos alunos (homossexualidade)?
- 3 – Qual o papel do professor de Educação Física neste contexto?
- 4 – Qual o papel da família na questão da homossexualidade?

Práticas Corporais, Corpo e Homossexualidade:

- 1 – Quais as representações do futebol (bola) vinculadas no filme?
- 2 – Como o corpo homoerótico é vinculado no filme?
- 3 – Situar no âmbito das práticas corporais do curso de Educação Física da UFSC, a homossexualidade.
- 4 – Existiu no currículo do curso alguma discussão sobre a homossexualidade?

Identidade e Homossexualidade:

- 1 – Como o filme abordou a questão da construção da identidade?
- 2 – Como no CDS as várias identidades são tratadas?

Relações afetivas e Homossexualidade:

- 1 – Como vocês perceberam as relações de afeto no filme?
- 2 – Como se dão as relações afetivas homossexuais no CDS?

A relação entre o público e o privado no tangente da homossexualidade:

- 1 – Como a relação entre o público e o privado foi abordada no filme?
- 2 - Como a relação entre o público e o privado foi abordada no CDS?

Avaliação Final: Comentários curtos sobre o campo.

A entrevista coletiva foi flexível aberta às intervenções e sugestões tanto do pesquisador, quanto dos sujeitos e professora da turma, acompanhada de Diário de Campo, visando a captar o indizível, o invisível, gestualidades e outros episódios e ocorrências do cotidiano do curso de Graduação e Educação Física da UFSC.

As entrevistas aconteceram da seguinte forma: *1º Exposição do filme*: após ser muito bem recepcionado por uma professora da 1ª fase e outra da 7ª fase, que rapidamente aceitaram participar da pesquisa e ceder suas aulas. O próximo passo foi apresentar o projeto para as referidas turmas, expondo os objetivos e a metodologia da pesquisa.

Na 1ª fase, a exposição foi muito rápida (no final da aula) e todos muito quietos aceitaram participar da pesquisa, apenas uma aluna perguntou se todos eram obrigados a falar, e eu respondi que eles não eram obrigados a nada, por ser uma entrevista coletiva, cada um poderia participar do seu jeito, emitir suas opiniões, juízos de valor, críticas, enfim, representações sobre o problema em questão.

Já na 7ª fase foi muito diferente, a professora abriu a aula me apresentando e logo em seguida apresentei o trabalho. Ao contrário da 1ª fase, várias perguntas foram feitas; eles queriam saber com clareza do que tratava a pesquisa, porque os escolhi para serem sujeitos da pesquisa, porque escolhi um tema tão polêmico e porque escolhi esse filme, se o filme iria de alguma forma influenciar nas respostas. Todos se mostraram muito empolgados em participar da pesquisa e isso foi reforçado quando a professora me falou que quase todos foram até a sua sala para confirmar o dia da entrevista.

Já na exposição do filme, na 1ª fase, alguns problemas de ordem técnicas ocorreram, o vídeo apresentou problema e tivemos que trocar de sala, e como a câmera já estava posta no tripê, tivemos que voltar após a exposição do filme para a mesma sala, para gravar as falas.

A gravação das falas foi feita por um amigo antropólogo que esqueceu de tirar a câmera do “pause” e quando percebeu já tinha perdido várias falas. Este fato só não foi pior pelo fato de eu ter em mãos o diário de campo com várias anotações e, após a entrevista, eu, o antropólogo e a professora da 1ª fase ficamos lembrando e discutindo as falas perdidas.

Na 7ª fase isto não ocorreu, para garantir a gravação das falas levei além da câmara um gravador. Quem fez a filmagem foi a professora da 1ª fase que ficou curiosa em ouvir as falas da 7ª fase e, no segundo dia, de gravação realizei a filmagem.

Na 1ª fase, sete alunos saíram da sala, duas alunas (que alegaram dor de cabeça) e cinco alunos (um alegou estar com problemas) e os outros não justificaram nem para mim, nem para a professora. Talvez esses pretextos retratem realmente o não interesse em participar da pesquisa, desviando-se do conflito gerado pelas discussões de um tema tão polêmico e socialmente relevante.

Na 7ª fase, apenas um aluno saiu da sala e não justificou o porquê. No segundo encontro, ele não sabia que eu estaria novamente com eles. Quando cheguei na sala para montar o equipamento ele já estava. Perguntei por que ele não ficou para a entrevista e ele respondeu que tinha outros afazeres. Mas tarde os outros alunos me relataram que este aluno era da religião Testemunha de Jeová.

A reprovação das religiões em relação a homossexualidade é um fato já bem conhecido. É de tempos que os homossexuais foram perseguidos pela Igreja. Em um texto que reflete sobre a formação de padres a Irmã Regina Maria Meireles et all (1999, p.20) comenta que:

A própria Santa Sé parece estar convencida de que não se pode mais adiar uma discussão pedagógica mais séria sobre o assunto. O problema da homossexualidade entre seminaristas, religiosos/as e sacerdotes não pode ser ocultado. Há indícios de que está aumentando. Em segundo lugar, evita-se no texto atribuir à palavra homossexualidade o qualificativo de ‘problema’, preferindo-se defini-la mais como ‘debilidade’.

O texto procura compreender a homossexualidade não como um problema social, mas como uma doença, por isso utilizam a palavra debilidade. No decorrer do mesmo texto, entendemos que não interessa muito a orientação sexual do seminarista, pois este terá que jurar o celibato, contudo, a narrativa deixa claro que para os seminaristas com tendências homossexuais, isto será mais difícil, porque segundo os autores supracitados (p.23):

Mesmo tendo consciência de que existem muitas ressalvas a serem feitas, constato uma certa incidência, em homossexuais por constituição, de tendências, atitudes e comportamentos que denotam labilidades de vários tipos. Algumas delas contra-indicam à Vida Religiosa e ao ministério. São, entre outras: posturas narcisistas primárias; ciúmeiras em relação às pessoas, amigas ou não; expressões exageradas de respeito a vassalagem para com superiores simpáticos (ou o oposto); exasperação do espírito de posse e exclusividade; apego a coisas, pessoas, cargos e até espaços; oscilações emocionais nos relacionamentos e no exercício de funções de poder; tendência a refluir para um grupo de pertença mais fechado; atitude de evitação aversiva de mulheres (ou, ao contrário, de busca pegajosa às mesmas); superficialidade e inconstância nos contatos que supõem a superação de níveis de gratificação afetiva imediata; apaixonamentos que levam a cumplicidades restritivas; descontrole emocional, verbal e comportamental etc.

Isto de alguma forma se repete nos Testemunhas de Jeová, que por serem até mais radicais e tradicionais não conseguem sequer ouvir falar sobre o tema.

Continuando a reflexão sobre o encontro com os sujeitos, em relação aos alunos da 1ª fase que saíram da sala, não posso afirmar com certeza que eles saíram talvez por achar o tema irrelevante ou por uma atitude preconceituosa. Contudo, a única certeza é que aquele horário era de aula e eles estavam na aula, então fica a pergunta, por que saíram? Por que um tema tão relevante para uma área que reflete o corpo, tem contatos corporais, práticas corporais é rechaçado por esses educadores em formação.

Outro ponto que marcou a exposição, foram alguns alunos da 1ª fase dormirem durante a exposição do filme, e em cenas mais eróticas como beijos, abraços, dança, exposição da bunda, observei gestos de indignação, ou simplesmente colocaram a mão no rosto, fatos que não ocorreram na 7ª fase.

Roberto Romano (1993, p.12), comenta em seu artigo que: “(...) o ódio é incentivado, bem como o horror pelos diferentes.” Segundo bem frisou: “(...) não se odeia aquilo que não se tenha a mínima semelhança.” Ou seja, nós aprendemos que devemos odiar os homossexuais ou outra análise possível seria, que odiamos aquilo que justamente nos incomoda, temos curiosidades, mais não conseguimos enfrentar, é o caso da homossexualidade.

Também ocorreram muitas gargalhadas, pois o filme é leve e divertido. Provavelmente esse humor, aconteceu como momentos, pausas, frente à seriedade de como a homossexualidade é tratada no filme

2º Momento: Discussão no grande grupo :

A discussão com os 15 alunos (9 mulheres e 6 homens) da 1ª fase partiu de um momento de silêncio após em perguntar o que acharam do filme. Por não obter nenhuma resposta, perguntei o que mais chamou a atenção, e o debate então se iniciou. Alguns alunos permaneceram calados todo o tempo e mesmo no final, não quiseram expor um breve comentário avaliativo do encontro.

Com os 12 alunos da 7ª fase (7 homens e 5 mulheres) o debate fluiu e todos participaram constantemente.

A partir do roteiro semi estruturado e das falas dos sujeitos, as categorias que surgiram foram *gênero*, apontando para a divisão entre o mundo feminino e masculino e como esses dois pólos são considerados opostos, e compreendendo a homossexualidade como integrante do universo feminino e por isso inferior e discriminado. Outra categoria que surgiu foi a *identidade*, que, em linhas gerais, aponta que a homossexualidade seria uma opção e por último *preconceito* e *práticas corporais*, que revelam de um lado as dificuldades dos homens em se tocarem e de todo o controle masculino com o corpo e de outro lado as influências positivas da universidade para com a formação dos professores de educação física para além da formação técnica, ou seja, uma formação pedagógica e humanística.

Quadro das categorias surgidas no campo

CATEGORIAS DE ANÁLISE - PESQUISADOR	GÊNERO	IDENTIDADE	PRÁTICAS CORPORAIS	PRECONCEITO	OUTRAS CATEGORIAS
CATEGORIAS DOS NATIVOS	Meio cultural e Tradição	Experiência	Toque	Brincadeira	Intencionalidade e da fala
	Machismo	HIV – DST e Sexo	Formação Universitária	Cristalização	Agressão
	O natural	Opção	Convívio	Família	Chic X apelidos
	Universo Feminino X Universo Masculino	Descoberta	Atividades Sexistas	Homofobia velada e Respeito	Moda e TV
	Estereótipos	Perversão	Atuação Profissional	Normal – não normal	Evolução
	Virilidade	Crise		Sacanagem	Dúvida
	Submissão			Ódio	Religião
				Modelos	

A construção do quadro heurístico emergido no campo contribuiu no sentido de responder: como os professores em formação do curso de Educação Física tratam as relações homoeróticas. Na primeira linha encontram-se as categorias gerais (em caixa alta) e nas demais linhas encontram-se as categorias dos nativos (em caixa baixa), ou seja, após várias leituras das falas das entrevistas, fui categorizando as idéias que se repetiam, para tal utilizei apenas uma palavra, que expressasse todo o conteúdo de tal pensamento. A partir das categorias dos nativos, fui reunindo as mesmas em categorias de análise. Observando o quadro por colunas, temos na primeira linha a categoria geral que engloba todas as categorias nativas que vêm logo abaixo nas próximas linhas (na mesma coluna).

A escolha de tal metodologia, deve-se ao fato de a entrevista coletiva permitir uma maior interação entre pesquisador-objeto-sujeitos/as. Maior comunicação entre os mesmos e por ser uma tentativa criativa de superar as formas tradicionais de coleta de dados, além de constituir numa forma de intervenção político-pedagógica, não caracterizando assim apenas um momento de coleta de dados, mais uma possibilidade de aprendizado e discussão sobre a homossexualidade.

Houve a preocupação de trabalhar com sujeitos aos quais já possuímos um relativo conhecimento, isto porque, além do estágio de docência, dois outros momentos formais ocorreram, um foi uma aula na disciplina de Fundamentos Humanísticos, no qual tratei sobre o tema de preconceito e alteridade na aulas de educação física (disciplina da 5ª fase), uma aluna da 7ª fase estava presente, e o outro momento foi uma aula para a 6ª fase, na disciplina de Introdução à Pesquisa, na qual falei sobre o meu campo de pesquisa, também haviam alunos da 7ª fase nesta aula. Para além dos 6 anos formais de estudos no CDS (4 de graduação e 2 de mestrado) que realizei no CDS, tentei “estranhar” o que de alguma forma já me era “familiar”, tudo para não cair em uma falsa familiarização como aponta Pierre Bourdieu (1997):

Ainda que ela possa proporcionar o equivalente teórico do conhecimento prático associado à proximidade e à familiaridade, o conhecimento prévio mais aprofundado continuaria incapaz de conduzir a uma verdadeira compreensão, se a ela não correspondesse uma atenção ao outro e uma abertura oblativa que raramente se encontram na existência comum (p.701).

Essa relação social de alteridade ou “atenção ao outro” no âmbito da investigação, é muito discutida no texto “Compreender” do autor supracitado, trazendo algumas reflexões para a elaboração, concretização e transcrição de uma entrevista, destaco algumas: a) *Superar as receitas de como encaminhar um entrevista*, por pretender padronizar o campo da pesquisa, como se todos os campos fossem iguais; b) *estar atento para todos os sinais verbais, não verbais, corporais e outros que possam fazer parte da entrevista*; c) *estar atento à “dissimetria”, uma relação imposta de superação entre pesquisador e pesquisados/as*; d) *entrevista entendida como “exercício espiritual” visando a uma “conversão do olhar” dos sujeitos estudados*; e) *estar atento a qualquer processo de naturalização das informações colhidas*; f) *transcrever é reescrever o que o outro disse, dando real significação as palavras*, sem cortar as riquezas de expressões ditas e não ditas, tempo das falas, gestos e tudo mais que foi estabelecida na relação da colheita de informações.

A relação estabelecida a partir da posição indissimétrica (que minimiza a relação hierárquica de poder entre pesquisador-sujeitos), busca perceber no *outro* o *eu*, ou seja, é respeitando o *outro* que pude entender melhor o que ele/as disseram e assim consegui obter informações pertinentes para a construção do objeto de estudo.

Para uma melhor compreensão do porque da utilização do filme *Delicada Atração*, passo neste momento a apresentar algumas análises que realizei do filme mencionado.

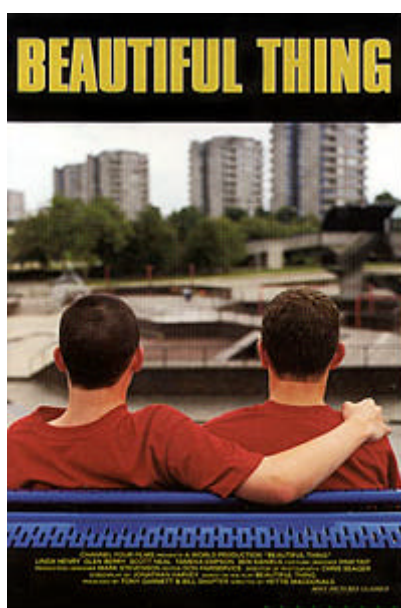


Fig. 1. Capa ilustrativa do filme Delicada Atração¹¹.

¹¹ Fonte: <http://www.sonypictures.com/classics/beautiful/index.html> , acessado em 13/11/2003.

Beautiful Thing, traduzido como *Delicada Atração*, é um filme inglês, do ano de 1996, classificado por alguns críticos como romance, outros o classificam como drama, dirigido por Hettie McDonald, escrito por Jonathan Harvey. Trilha sonora Mama Cass.

Hettie McDonald recebeu o prêmio de melhor direção no Festival Internacional de Paris e no Festival Internacional de São Paulo. *Delicada Atração* também ganhou o GLAAD Media Award de melhor filme do ano.

O elenco principal conta com os/as seguintes atores/atrizes: Glen Berry (Hugh Jamie Gangel), Scott Neal (Ste Pearce), Linda Henry (Sandra Gangel), Tameka Empson (Leah Russell), Bem Daniels (Tony), Daniel Bowers (Trevor Pearce) e Garry Cooper (Ronnie Pearce).

O filme aborda temas muito polêmicos, entre eles a discriminação racial, a diferença de idade, a droga, famílias não tradicionais, ou seja, aquelas que não são formadas por um pai, uma mãe e filhos, violência familiar, a independência feminina, relacionamento social (no caso do filme vizinhos). Contudo o eixo central do filme é a homossexualidade, por esse motivo selecionei esse filme para apresentar aos sujeitos da pesquisa.

Antes de iniciar propriamente as análises do filme, faz-se importante um pequeno recorte sobre os personagens, permitindo uma maior compreensão dos fatos por parte dos leitores.

Jamie, um jovem decidido, apaixonado por Ste, filho único de Sandra (o filme não comenta sobre seu pai), é discriminado na escola por ser considerado homossexual. Demonstra ser um jovem carinhoso, meigo, sensível e inteligente.

Ste, um jovem em conflitos, tanto com relação a sua homossexualidade, como em sua família; é o filho mais moço de uma família formada apenas por homens, seu pai (Ronnie) e irmão mais velho (Trevor), freqüentemente é espancado pela família. O filme faz a menção de que ele utiliza drogas. É responsável pelos afazeres da casa. Demonstra ser um jovem imaturo, frágil, inseguro, contudo, a trama lhe permitiu superar alguns desses conflitos.

Sandra, mãe de Jamie, uma mulher batalhadora, trabalha para sustentar seu filho, teve um relacionamento rápido com Tony. No momento em que descobre a homossexualidade de seu filho, fica “decepcionada e triste”, entretanto, supera tal dificuldade e acolhe Jamie. Demonstra ser uma mulher forte, decidida, trabalhadora e compreensiva.

Leah, vizinha de Jamie e Ste, filha única, uma jovem negra, extrovertida, alegre, louca por Mama Cass, no início do filme não se dava bem com Sandra. No final se entenderam. Leah é amiga dos namorados e contribui de uma forma bem humorada no namoro e no próprio enrolar do filme. O filme faz a menção de que ela utiliza drogas. Demonstra ser uma jovem alto astral, divertida, uma simpatizante da GLBT.

O filme inicia com uma aula de Educação Física, mais especificamente, uma aula de futebol numa escola.

Logo, de início, os colegas de Hugh Jamies, fazem uma rodinha, brincam com a sua mochila (jogando-a entre eles) e por último o humilham jogando sua mochila fora da cerca da escola. O próprio Ste, vizinho de Jamies, também participou da rodinha. No momento em que Ste recebe a mochila, Jamies pede para Ste devolvê-la, mas ele não o entrega.

Em dois momentos distintos, o filme retrata a escola como uma instituição que não problematiza as diferenças e desigualdades presentes entre os seus alunos.

Na primeira cena retratada, percebemos a humilhação que um aluno enfrenta por ser identificado como homossexual. Mesmo que o filme de imediato não aponte tal insinuação, questão esta que buscarei melhor explicitar no segundo episódio de violência simbólica e exclusão na escola, o personagem é exposto ao ridículo, servindo de chacota para todos rirem de uma suposta fragilidade. Esse foi o meio encontrado por um grupo de alunos para estigmatizar um sujeito apenas. Geralmente, esses rituais de discriminação ocorrem em situações e em espaços públicos (na escola), onde possam expor o humilhado e ao mesmo tempo fortalecer a masculinidade coletiva dos agressores, pois, no momento em que o agredem, comprovam que são homens viris, por isso se diferenciam das mulheres e dos homossexuais que são considerados frágeis e subordinados.

O autor Daniel Welzer-Lang 2001, no artigo intitulado: A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia analisa que:

Para ganhar o direito de estar com os homens ou para ser como os outros homens. Para os homens, como para as mulheres, a educação se faz por mimetismo. Ora, o mimetismo dos homens é um mimetismo de violências. De violência inicialmente contra si mesmo. A guerra que os homens empreendem em seus próprios corpos é inicialmente uma guerra contra eles mesmos. Depois, numa segunda etapa, é uma guerra com os outros.

É verdade que na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal.

Essa violência que o autor aponta, parece ser coletiva. Para ser considerado um homem, o sujeito deve passar por rituais de violência contra si mesmo (como por exemplo fisiculturismo) e contra os mais frágeis, como no exemplo do filme. Isto pode ser verificado na cena em que todos os meninos que participaram da rodinha e jogaram a mochila fora da escola estavam mostrando para si mesmos e para o grupo que eram homens, pois essa atividade supostamente “lúdica” é repleta de agressão e desprezo para com Jamie, considerando-o subordinado. Caso algum menino não realizasse tal ação seria considerado pelo grupo um fraco (associado à mulher ou aos gays) por este motivo Ste também participou da ação, mesmo sendo amigo e vizinho de Jamie.

No desenrolar do trama, Ste faz comida para a sua família e deixa queimá-la. O pai faz ele comer tudo, em seguida Trevor (irmão) espanca Ste por ter usado o seu tênis.

À noite, quando Sandra (mãe de Jamie) volta do trabalho, encontra Ste chorando e o leva para a sua casa. Jamie e Ste dormiram na mesma cama.

No dia seguinte, Ste e Jamie se molharam para buscar a bola de Jamie e todos caíram em um lago. Em sua casa, Jamie vê Ste no banheiro trocando de roupa e ao mesmo tempo em que admira o corpo dele, vê também as marcas da violência que recebia em casa.

À noite, quando Ste chega de uma luta de boxe (que foi ver com sua família) e novamente é espancado por Trevor, por isso recorre outra vez para a casa de sua vizinha Sandra.

Na cama com Jamie, Ste mostra as marcas das surras que levou e Jamie se prontifica a passar um creme aliviante de hortelã. Ste gostou da idéia, porém não deixou Jamie passar creme na parte anterior do corpo. Em seguida se esconde rapidamente nos cobertores e pede para Jamie desligar as luzes.

Jamie muito mais assumido e certo que estava apaixonado por Ste, pergunta-lhe se já beijou alguém de língua e em seguida diz que Ste é bonito. Jamie pede para Ste dormir ao seu lado. Este, de início, recusa, pedindo para Jamie não se aproximar. Depois cede e vai dormir ao seu lado. Foi neste momento que Jamie dá um “selinho” em Ste, esse beijo rápido foi a forma que Jamie encontrou para evidenciar seus sentimentos por Ste e buscar uma maior aproximação corporal, célula dramática que gerou o seguinte diálogo:

Ste – “Acha que sou uma bicha?”

Jamie – “Não importa o que eu acho.”

Jamie – “Posso tocar em você?”

Ste – “As feridas estão sensíveis.”

Em seguida, seguem cenas de carinhos e mostra simultaneamente Ste e Jamie dormindo abraçados e Sandra e Tony dormindo abraçados.

No filme, Jamie, desde o primeiro momento, sempre mostrou ser um jovem certo do que é, e apaixonado por Ste. Para tal, utiliza-se de estratégias de sedução como passar um creme, pedir para dormir junto e num ato rápido e surpreendente beija Ste. Ste para se defender diz: *“Acha que sou uma bicha?”*, é o mesmo que dizer não sou bicha, caí fora, e mais uma vez Jamie responde de uma forma muito sutil e inteligente: *“Não importa o que eu acho.”* Isto significa dizer que ele não afirmou ser bicha, o que ele quis dizer, foi que o sentimento dele por Ste era grande, sentia desejos, e o mais importante, não importa como a sociedade classifica tal ação e identifica tais sujeitos, seja o que for o sentimento de querer era maior do que qualquer pré-conceito.

No dia seguinte, Jamie rouba uma revista Gay.

A noite, em uma festa de jovens, Ste e Jamie se encontram após o ocorrido da noite passada:

Jamie – “Procurei você. Achei que ia aparecer.”

Ste – “Com esse calor, acha que ia ficar dentro de casa?”

Jamie – “Não, é que ... é esquisito.”

Ste – “Eu estava fora e daí?”

Jamie – “Fiquei preocupado.”

Ste – “Não fique.”

Jamie – “Mas fiquei.”

Ste – “Pois não fique mais.”

Ste – “Não aconteceu nada. Estou bem, estou ótimo.”

Ste – “Está tudo ótimo!”

Jamie – “Está machucado!”

Ste – “Dá um tempo.”

Jamie – “E agora, seu pai parou de bater em você?”

Jamie – “Queimou o jantar?”

Ste – “Já disse para cair fora!”

Jamie – “Está com medo.”

Ste – “Não estou com medo de nada.”

Jamie – “Não?”

Ste – “Não!”

Ste – “Na semana passada, fui a Woolwich.”

Ste – “Vi um cara na sarjeta, bêbado, caído ali.”

Ste – “Todos passaram sem vê-lo, eu quase pisei nele.”

Ste – “Era o meu pai.”

Ste – “Aí, eu pensei: por que ter medo de um cara que já está morto?”

Jamie – “Bem, ele já lhe deu umas boas surras.”

Ste – “Ele não passa de um estorvo. Por que ter medo disso?”

Jamie – “De ser chamado de bicha?”

Ste olha para ver se se aproxima alguém e pergunta:

Ste – “Você é?”

Jamie – “Talvez.”

Jamie – “Talvez não.”
Ste – “E você é?”
Jamie – “Bicha?”
Ste – “Gay.”
Jamie – “Sou muito feliz.”
Jamie – “Sou feliz quando estou com você.”
Jamie – “Pronto, falei. Vamos, pode rir.”
Jamie – “Não acha engraçado?”
Jamie – “Acho hilário.”
Ste – “Então, por que não ri?”
Jamie – “Quer ir em casa hoje à noite?”
Jamie – “Diga algo.”
Ste – “Não posso.”
Jamie – “Então diga não.”
Ste – “Vamos beber alguma coisa?”

Esse longo e rico diálogo, evidencia primeiramente o quanto é difícil um indivíduo assumir sua sexualidade considerada “desviante”. De início, Ste quer que Jamie esqueça tudo o que ocorreu na noite passada, Jamie abre seu coração e diz gostar de Ste, como podemos perceber na seguinte fala: *“Sou feliz quando estou com você.”*

O ato de se assumir a homossexualidade em uma sociedade é complicado. Não estou falando em assumir uma identidade fixa de homossexual, mais um ato de assumir e permitir relacionar-se com outras pessoas do mesmo sexo sem sentir-se culpado, como se estivesse fazendo algo errado e pecaminoso.

Aqui, utilizo o conceito de fluidez das identidades, que trabalharei melhor no segundo capítulo, pois os meninos do filme não se identificam completamente como homossexuais, “Talvez” “Talvez não”, essa relação tênue entre - ser - não ser – estar - implica em não rotular, não amarrar os sujeitos em uma forma única e eterna, é como se as categorias sexuais: heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade fossem estanques, permitindo apenas um modelo de prática por categoria, ou seja, é como se todos os héteros fossem iguais pelo simples motivo que esses se relacionam com pessoas de sexo diferente, e mais, o conceito de fluidez das identidades proporciona um experimentar as sexualidades sem a preocupação de instaurar uma identidade.

Em seguida, Sandra vai até a festa e briga com Leah, Ste e Jamie saem da festa, Leah vai atrás deles e pede drogas, Ste não quer dar. Leah diz que vai contar tudo o que viu e escutou para o pai e irmão de Ste. Jamie pede para Ste entregar a droga. Ste fica bravo com Jamie e diz:

Jamie – “Vamos?”
Ste – “Você é idiota ou o quê?”

Ste – *“Tira as mãos de mim! Tira essas mãos de bicha de mim!”*

Dois fatos me chamaram a atenção nessa cena, uma foi a chantagem que Leah fez para Ste e Jamie. Mesmo sendo amiga de ambos, Leah, por saber do “segredo” de ambos, possui o poder de o revelar para todos. Aqui a homossexualidade é expressa como o “Amor que não pode revelar seu nome”, uma prática permitida apenas entre quatro paredes.

Tal condição clandestina mobilizou a luta por uma maior visibilidade da homossexualidade, que é fruto do trabalho do movimento gay, que além de ressaltar os aspectos positivos da homossexualidade, luta pelos direitos humanos dos homossexuais. Cidades como Porto Alegre, Rio e São Paulo, vemos algumas vezes pessoas do mesmo sexo passeando pelas ruas trocando carícias, o que considero importante para desmistificar o negativismo presente no conceito de homossexualidade da população. Essas cidades além de serem grandes capitais brasileiras são centros importantes na história da homossexualidade brasileira, o que veremos melhor no primeiro capítulo.

Essa visibilidade não é uma prática aceita por todos aqueles que se relacionam com pessoas do mesmo sexo, como por exemplo, os homens casados que procuram outros homens para fins de sexo, é comum a obrigatoriedade de uma total descrição e segurança. Outro exemplo seria a própria manifestação homofóbica de Ste, que pede para Jamie *“Tira essas mãos de bicha de mim”*, ora, era o mesmo que dizer: por que você revelou o nosso segredo? Ficar entre quatro paredes é a fuga necessária para não estar sujeito a discriminações, à fruto da coragem de assumir tal orientação sexual ou quem aparentemente não consegue forjar outra orientação sexual, é o caso dos efeminados, simplesmente por serem considerados potencialmente gays, já sofrem com preconceitos rotulantes.

Retomando o filme, no dia seguinte após a festa, Jamie conta para sua mãe que Ste está apaixonado, Sandra dá dinheiro para Ste comprar um presente para sua namorada. Ste compra um chapéu e dá a Jamie. Jamie mostra a revista gay roubada para Ste, e os dois vão até o bar gay Gloucester .

No mesmo instante em que Jamie se despede de Sandra, essa recebe outro telefonema da escola de Jamie, que notifica os insultos e discriminações aos quais Jamie está passando. Vai até o quarto de Jamie e lê no caderno riscado: “Bicha” – “Veado” – “Bicha sem-vergonha”, também vê desenhos de pênis ora penetrando uma bunda, ora gozando. Sandra também encontra a revista gay e segue Jamie até o bar.

No bar, eles encontraram outros gays, beijos de língua, *drags* e um espaço para viverem a sexualidade com privacidade e plenitude.

Depois de saírem do bar, em uma linda cena de amor e romance do filme, Ste e Jamie saem correndo por entre árvores e se beijam apaixonados.

Tanto o roteiro como a direção do filme não entraram no binarismo popular de atividadeXpassividade. Com isso, o filme não passa uma imagem de erotismo, mas ao contrário, trabalha com a sexualidade dos personagens. Ambos se tocam, se envolvem em carinhos, trocam sentimentos de amor, o que foge da idéia um pouco senso comum que em uma relação homossexual só existe sexo, ligada à idéia vulgar de sacanagem e promiscuidade, o que é fruto de um determinismo de submissão e dominação presentes no ato de penetração e no próprio entendimento dos papéis fixos de um relacionamento homossexual, na qual caberia ao mais efeminado assumir o papel de passivo e o mais “homem” ou “masculino” assumir o papel de ativo (esses conceitos já foram abordados anteriormente).

É muito interessante analisar a forma como os personagens brincam, ao tentarem fugir um do outro, ou a intensidade do beijo, que além de ser demorado, evidenciou uma paixão, um fogo, uma construção de uma relação mais demorada, que foge aos ditames do “ficar” efêmero da pós modernidade. Infelizmente essa cena “só” pode ser revelada pelo ocultamento das árvores e da escuridão da noite. A expressão livre dos sentimentos humanos ainda só é possível para os pares heterossexuais, aos homossexuais, cabe aos guetos, enfim, becos, praias específicas, bares, boates e saunas gays, o que de certo modo já foi analisado no capítulo em que desenvolvo a história da homossexualidade.

Após essa cena, Jamie chega em casa e Sandra conversa com ele o que descobriu:

Sandra – “Divertiu-se?”

Sandra – “Foi ao cinema?”

Sandra – “Com Ste?”

Sandra – “Não precisa mentir, Jamie!”

Jamie – “Não é mentira.”

Sandra – “Foi ao Gloucester, não foi?”

Sandra – “Olhe para mim.”

Jamie – “Só fui tomar uma cerveja.”
Sandra – “É onde vão os gays.”
Jamie – “Não só gays. Também vão outras pessoas.”
Sandra – “Pessoas como você?”
Sandra – “A Srta. Chauhan me ligou.”
Jamie – “Aquele peruca?”
Sandra – “Nunca me contou que apanha!”
Jamie – “Todo mundo briga.”
Sandra – “Todo mundo também é chamado de bicha e veado?”
Sandra – “Você está bêbado!”
Jamie – “Não estou.”
Sandra – “Está bêbado!”
Sandra – “E bebeu num bar gay!”
Jamie – “Como sabe que é gay?”
Sandra – “Por causa da bunda de néon do lado de fora.”
Jamie – “Me espionando?”
Sandra – “Alguém do meu bar o viu!”
Jamie – “Não significa que eu seja gay.”
Jamie – “E isso não é conta deles.”
Sandra – “Eu disse isso.”
Jamie – “Então, por que age assim?”
Sandra – “Porque, às vezes, Jamie ... eu somo 2 e 2 e dá 4. Não sou idiota.”
Jamie – “Fui tomar uma cerveja só isso.”
Jamie – “Todos na minha turma bebem.”
Sandra – “Mas nem todos no Gloucester.”
Jamie – “Alguns se drogam, eu não.”
Sandra – “Espero que não.”
Jamie – “Muitíssimo obrigado.”
Jamie – “Volte para a cama.”
Sandra – “Não consigo dormir.”
Jamie – “Não desconte em mim.”
Sandra – “Vamos conversar?”
Jamie – “Estou exausto.”
Sandra – “Por favor, fale comigo.”
Jamie – “Sobre o que?” (já chorando).
Sandra – “Eu sou sua mãe.”
Jamie – “Há coisas que são difíceis de dizer.”
Sandra – “Eu sei.”
Sandra – “Eu sei disso.”
Jamie – “Você me acha novo demais.”
Jamie – “Acha que é só uma fase, que pegarei AIDS, e ... tudo isso.”
Sandra – “Você me conhece bem, não?”
Sandra – “Não chore. (Jamie abraça sua mãe chorando).”
Sandra – “Está tudo bem.”
Sandra – “Não vou botar você na rua, como uma garrafa vazia.”
Sandra – “Estava preocupada pelo desconforto de vocês dividirem ... a cama, mas vocês estavam lá, o tempo todo ... fazendo 70 menos 1.”
Sandra – “Eu gosto dele, Jamie.”
Sandra – “Mas ele é inexperiente.”
Jamie – “Ele é bom para mim.”
Sandra – “Ele é?” (Sandra sai do quarto e Tony entra no quarto).
Tony – “O que fez dessa vez?”
Jamie – “Nada.”

Tony – “Então, por que ela está nervosa?”

Jamie – “Porque sou bicha. Maricas. Veado. Boiola. Frutinha.”

Tony – “Está bem. Já entendi.”

Jamie – “Deixe-me em paz.”

Tony – “E ela sabe?”

Jamie – “Acha que te contaria primeiro?”

Tony – “Está ... tudo bem.”

Tony – “Boa noite, garoto.”

Esse importante diálogo retrata ao mesmo tempo a forma como a escola lida com as diferenças existentes dos seus alunos, a dificuldade de aceitação por parte da família de aceitar um integrante homossexual, dificuldade de Jamie para se abrir com sua mãe e finalmente a aceitação de Sandra da orientação sexual de Jamie.

A escola enquanto um agente de transformação da sociedade, seria o local apropriado para trabalhar as diferenças. Contudo, estas diferenças acabam geralmente não sendo trabalhadas, ao contrário, são legitimadas, reproduzidas e constroem sujeitos estigmatizados ou mais grave ainda permite a construção de subjetividades oprimidas, no dizer de Goffman “identidades deterioradas”.

Quanto a essa questão, Roger Andrade (2003. p. 72) comenta que:

A escola está constituída e preparada para lidar com um tipo de indivíduo que, em princípio, talvez não precisasse dela. Um tipo de indivíduo idealizado pelas metodologias pedagógicas que é oriundo de família branca bem estruturada, desejoso de aprender o que o professor ensina, portador de uma linguagem e um comportamento compatíveis com as metodologias e com os programas escolares, ou que apresentam “o núcleo estável do eu”, desenvolvido e socializado primeiramente pela família e, em seguida, pela escola. (p.7)

Em suma, o autor quer dizer que a escola não está contribuindo pedagogicamente para a formação integral e crítica daqueles alunos que estão fora dos padrões aceitos e tidos como normais. Nesse contexto, encontram-se os homossexuais, que por serem considerados transgressores e “*anormais*”, são tratados com indiferença ou sequer são ouvidos, e não como seres sociais que constroem história e política.

Talvez uma saída para tal situação é a compreensão do outro, como um outro que não me agride, considerando principalmente o conceito de alteridade que é de fundamental importância para a construção de uma educação mais democrática.

Segundo Neusa Gusmão (2000, p.12) alteridade seria um:

Espaço permanente de enfrentamento, tensão e complementariedade. (...) A alteridade revela-se no fato de que o que eu sou e outro é não se faz de modo linear e único, porém constitui um jogo de imagens múltiplo e diverso. Saber o que eu sou e o que o outro é depende de quem eu sou, do que acredito que sou, com quem vivo e por quê. Depende também das considerações que o outro tem sobre isso, a respeito de si mesmo, pois é nesse processo que cada um se faz pessoa e sujeito, membro de um grupo, de uma cultura e sociedade. Depende também do lugar a partir do qual nós nos olhamos. Trata-se de processos decorrentes de contextos culturais que nos formam e informam, deles resultando nossa compreensão de mundo e nossas práticas frente ao igual e ao diferente. (...) O eu e outro, enquanto nós, é parte de um contexto relacional marcado, antes de mais nada, por relações de hierarquia e poder.

Trabalhar com o conceito de alteridade, respeitando as diversidades, é entender que a posição do outro, por ser diferente de mim, tem muito a acrescentar na minha formação individual. Tais atitudes de compreensão não são adquiridas e compreendidas sem uma intencionalidade por parte daqueles que estão à frente do processo ensino-aprendizagem, os professores, por isso a sempre renovação e formação continuada dos professores é desejável, para que os mesmos consigam primeiramente entender que existem muitas diferenças entre os alunos (sexo, gênero, raça/etnia, classe, corpo, cultura, geração e outras) e que essas diferenças são o conteúdo de natureza ontológica que se tem às mãos para construir uma outra relação entre alteridade e ética.

A escola não é a primeira instituição a negar o respeito para com as diferenças. A família é a primeira instituição a realizar tal atitude. O filme evidencia duas famílias opostas, uma que aceita a orientação sexual do filho e outra que nem sequer sabe, pois não aceitaria tal condição. O interessante é que ambas fogem ao modelo clássico de família: pai, mãe e filhos, pois Ste só tem pai e um irmão e Jamie só tem sua mãe.

Sandra mesmo abalada com a informação da homossexualidade de Jamie, conversa de igual para igual, e sentido a fragilidade e dificuldade de Jamie em se considerar gay (primeira vez no filme em que Jamie mostra tal fragilidade) abraça o filho e deixa claro que aceita e o ama acima de qualquer situação ou orientação sexual.

Essa compreensão, por parte de Sandra, foi um grande momento do filme, o que certamente não é uma prática cotidiana na nossa sociedade patriarcal e sexista (orientada para o sexo compreendido apenas na dimensão heteronormativa). Nem o fato de Jamie ser muito novo e do terrível medo da “peste gay” – AIDS - muito difundida no final dos anos 80 e início dos 90, fez-la assumir o ato de expulsá-lo da sua casa, muito freqüente nas famílias mais tradicionais, sendo que quando descobrem, não perdoam e freqüentemente perdem o contato com o filho assumido gay.

Na seqüência do filme, Tony vai conversar com Sandra, a qual está chorando no varanda.

Sandra – “Ele foi o bebê mais lindo de Bermondsey.”

Sandra – “Passeava com ele, com um chapeuzinho de babados ... num carrinho chamado ‘A Rainha da Rua’.”

Tony – “Nada disso mudou.”

Tony – “Você está lutando contra isso.”

Sandra – “Lutando?”

Sandra – “Lutei minha vida inteira!”

Sandra – “Quando os garotos implicavam, eu estava lá.”

Sandra – “O Conselho negando o seguro social, lá estava eu.”

Sandra – “Quando fiquei sem um tostão, roubei por esse menino.”

Sandra – “Por isso, não me fale de lutar.”

Sandra – “Quando você teve de lutar por alguma coisa pra sua vida?”

O universo de aceitar ou não um integrante da família que se assume homossexual, vai além do ato de aceitar ou não, é no cotidiano que vamos perceber como as relações serão estabelecidas deste momento em diante. No caso do filme, mesmo que Sandra tenha aceito a sexualidade de Jamie, percebemos no diálogo acima, uma certa decepção por sua parte, e mais para o final do filme, ela diz que nunca será avó.

Para além dessa dimensão reducionista, já existem alguns trabalhos na área da homocultura que tratam da homoparentalidade e as implicações em se constituir uma família gay, estamos lutando por direitos humanos, e ser pai ou mãe, adotar uma criança, faz parte do planejamento de vida de muitas famílias gays. Por isso, o medo da não reprodutividade dos gay não é uma sentença verdadeira para muitos, e sim mais um mito que aos poucos vem sendo problematizado na direção de uma possível superação.

Depois que Leah incorpora Mama Kass e Tony vai salva-la; Ste, Jamie e Sandra se encontram e conversam:

Sandra – “Jamie, para dentro.”

Jamie – “Ste, ela sabe.”

Jamie – “Minha mãe sabe.”

Ste – “Por que tinha de contar?”

Jamie – “Não contei.”

Ste – “Como ela soube?”

Sandra – “Porque ela não é cega nem boba.”. (Ste começa a chorar).

Sandra – “Jamie, dá um lenço para ele.”

Sandra – “Tem uma caixa ao lado da minha cama.”

Sandra conversa com Ste e diz que não vai contar para o seu pai e irmão para que eles não matem Ste. No dia seguinte, todos estão se arrumando. Ste convida Leah para ir ao Gloucester (bar gay) e Jamie convida Sandra para ir também. Sandra fica meio sem jeito por estar na frente da sua amiga, e diz:

- *“Nunca terei netos.”*

No final do filme, em outra cena de amor e romance, Jamie convida Ste para dançar e Leah convida Sandra para dançar, isto em pleno calçadão público, o que gera muito estranhamento por parte de alguns e contemplação por outros.

Tal cena pode ser compreendida como metáfora a qual pode estar seguida de algumas hipóteses: apoio da mãe para com o filho, quebra de preconceitos, mexer com os conceitos discriminatórios da sociedade, busca por uma experiência homoerótica, aproximação amigável com Leah (pois foi esta quem a convida) e outras.

Os olhares ora de discriminação, ora de desprezo como a da mãe de Leah, ora de admiração como a da amiga de Sandra, juntamente com os outros olhares dos atores coadjuvantes constroem alguns dos sentimentos possíveis em relação a troca de carinhos e apego por parte de sujeitos homossexuais em via pública.

Foi justamente nesse momento que Ste supera alguns dos seus conflitos e aceita dançar com Jamie em plena via pública sob o risco até de ser descoberto por sua família.

Sem se preocupar com a repercussão de tal ato, os dois dançam de uma forma integral, ou seja, se permitem tocar, trocar sentimentos, novamente sem demonstrar um erotismo vulgar, mas contrário, exploram seus corpos apenas na possibilidade da descoberta e da entrega conjunta de um para o outro. A dança é tão pura e convidativa, o que gerou até a aproximação de Leah e Sandra que dançam também, sem que atos homofóbicos fossem revelados pela população presente.

Esta cena, lembrou-me o Espetáculo *Empresta-me Teus Olhos* – da Cia de Dança Quasar, com duração de 75’ e ano de estréia: 2001¹².

Segundo o site oficial do grupo:

O inevitável passar do tempo inspirou Henrique Rodovalho e a Quasar Companhia de Dança a criarem um espetáculo conceitual e abstrato que reflete sobre a submissão do homem às perdas, físicas ou emocionais.

¹² Fonte: www.quasarcia dedanca.com.br, acessado em 13/11/2003.

O espetáculo discute como o tempo interfere na vida e a vida interfere no tempo. E em busca de respostas, *Empresta-me Teus Olhos* percorre universos paralelos, trazidos para o palco através do vídeo, questionando convenções sociais estabelecidas à revelia dos sentimentos humanos e as expectativas para o futuro numa comunidade marcada pelos muitos anos de vida.

Em uma das coreografias, enquanto dois bailarinos dançam, ao mesmo tempo, passa em uma tela improvisada, a projeção dos olhares de estudantes em pleno recreio para com dois homens abraçados no meio do pátio escolar.

Esses homens estão apenas abraçados, mais o estranhamento por parte dos alunos se manifestou em forma de risos, surpresa, indignação, ironia, gozação e sarcasmo. O mesmo, podemos perceber na cena final de *Delicada Atração*, quando Jamie e Ste, Leah e Sandra dançam em pleno calçadão.

Vivemos em uma sociedade que ainda não consegue emprestar seus olhos para o diferente. Ao contrário, esses acontecimentos aparentemente agridem e reforçam um sentimento de “nojo” e rejeição por parte daqueles mais sexistas e preconceituosos.

Quiçá, um dia não ouviremos os sussurros da platéia decepcionada ao ver Rodrigo Santoro vivendo uma travesti (no filme *Carandiru*), ou pessoas saindo indignadas ao perceberem o enredo do filme *Meninos não Choram*. Mesmo que a Globo evidencie em seu horário nobre duas lésbicas “bonitas”, “femininas” e “apaixonadas”, estamos longe de atingir a garantia total da cidadania e direitos humanos para com os sujeitos que na fala de Trevisan: “Queremos o direito de ser diferente”.

Termino essa resenha com a tradução da música *Dream a Little Dream of Me*¹³ (*The Mamas and the Papas*) tema do encerramento do filme *Delicada atração* (*Beautiful Thing*), pois ainda acredito na possibilidade última do sonho:

¹³ ¹³ Fonte: <http://geocities.yahoo.com.br/daibloga/0307.htm> , acessado em 13/11/2003

*Estrelas brilhando acima de você
As brisas da noite parecem dizer "eu te amo"
Pássaros cantando em um plátano
Tenha um pequeno sonho comigo*

*Diga "Boa noite" e beije-me
Me abrace forte e me diga que sentirá a minha falta
Enquanto estou sozinha a triste
Tenha um pequeno sonho comigo*

*As estrelas desaparecem mas eu continuo, querido
Ainda desejando seu beijo
Estou prolongando até a madrugada, querido
Só dizendo isto*

*Doces sonhos até que os raios de sol te encontrem
Doces sonhos que irão deixar suas preocupações de lado
Mas em seus sonhos, seja lá quais forem
Tenha um pequeno sonho comigo.*

Como se pode perceber o processo investigativo foi permeado de tensões, surpresas e descobertas. Enquanto pesquisador principiante percebi a enorme responsabilidade e compromisso sócio-político-epistemológico em estudar a problemática da homossexualidade em nossa sociedade, considerando que, apesar dos avanços, ainda estamos longe de entender alteridade como um processo que envolve o respeito ao outro na plenitude de seus direitos e de sua dignidade. Dito isto, vale destacar que esta pesquisa significa ainda um campo em aberto na tentativa de decifrar os códigos sócio-político-cultural e econômico que envolvem a vida cotidiana do gênero humano.

Capítulo 2

Discutindo a Homossexualidade Masculina

2.1. Esboçando alguns conceitos acerca da homossexualidade masculina

No capítulo anterior, tratei sobre as questões teórico-metodológicas que envolvem o cotidiano da pesquisa. Neste capítulo, me proponho de forma provisória, esboçar alguns conceitos acerca da homossexualidade masculina, sob o ponto de vista epistemológico e histórico.

Senão vejamos, algo ainda não muito definido nos estudos de gays e lésbicas é o emprego ou não dos termos gay, bicha, fresco, homossexual, homossexualismo, homossexualidade e mais recentemente homoerotismo, homossociabilidade, homoafetividade e homocultura¹⁴.

¹⁴ Além disso, no senso comum existem algumas expressões que estão marcadas no popular ou mesmo forjadas pela mídia, são elas: biba (nacional), boiola (nacional), xibungo (Bahia), qualhira (Maranhão), frango (Recife), fresco (Rio Grande do Sul), perobo (Rio de Janeiro), marico (Aracajú), baitola (Ceará)

A crescente preocupação teórica em diferenciar esses conceitos surgiu a partir dos estudos de gênero, e muito particularmente, através dos Estudos Gays e Lésbicos (ou os denominados *Queer Studies*). O vocábulo inglês “*queer*” tem originalmente o sentido de estranho. No final dos anos 1960 e início dos anos 1970 começou a ser usado pejorativamente como termo ofensivo a homossexuais, nos Estados Unidos. Com o crescimento do “*Gay Power*”, o termo começou a ser usado entre a própria comunidade gay, não mais como ofensivo, mas como outra palavra a nos definir: diferente e singular. Isto também ocorre no Brasil, onde diferentes grupos organizados de homossexuais¹⁵, utilizam nomenclaturas diversas para se identificarem, até o pejorativo “bicha” é empregado, outros preferem gay, outros homossexual e ainda relações homoeróticas.

Explicitar tais diferenciações é fundamental, pois cada um desses termos traz consigo fundamentos políticos, implicações epistemológicas diferentes que caracterizam uma visão de ser humano, sexualidade e cultura sexual.

Alguns autores da área dos Estudos Gays e Lésbicas defendem propostas teóricas que vão desde a manutenção do uso dos termos bicha e ou homossexual como o antropólogo Luis Mott. Alguns discordam e preferem termos menos rotulantes como o professor Jurandir Freire Costa e outros ainda entendem que tanto faz o uso deste ou daquele termo, se na verdade a sociedade como um todo ainda considera o homossexual um doente e anormal como o escritor João Silvério Trevisan.

Existe a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre as diferentes bases epistemológicas nas pesquisas gays e lésbicas, como aponta o pesquisador Peter Fry por email: “sobre as diferenças parker, como eu, é construtivista, vendo as identidades como produto histórico e social Mott também, no fundo, mas por razões políticas, talvez, vê o “homossexual” como uma categoria universal, presente em todos os momentos e toda as sociedades. Mas não sei onde achar essa discussão”.

¹⁵ Em relação ao surgimento dos movimentos homossexuais, segundo Estevão Santos (1984), esse movimento teve atuação máxima entre 1975 (surgimento dos primeiros periódicos) entre esses o jornal *Lampião* em 1981. O primeiro grupo homossexual foi o *Somos*, de São Paulo, criado em 1978, após a criação do *Lampião*. E, na Bahia, o Grupo Gay da Bahia, criado em fevereiro de 1980, e que continua atuando ainda hoje.

Do lado dos que defendem a permanência do uso do termo homossexual, gay ou bicha, está o professor e antropólogo Luis Mott¹⁶ que critica a substituição de um conceito por outro, uma vez que homoerotismo (defendido por Jurandir Freire Costa¹⁷) diz respeito a uma gama de situações previstas dentro do universo psicanalítico, diferente daquela, que evoca toda a historicidade ligada à palavra homossexualidade, relacionando-a como prática ideologicamente interdita pela sociedade patriarcal e masculina. Neste sentido, Mott refaz o resgate de sentidos proposto pelo movimento gay norte-americano, instaurando-lhe um novo sentido construído a partir do *orgulho gay* e do direito à diferença, conquistados a duras penas pelas lutas deste movimento.

Historicamente o comportamento nomeado homossexual por juristas e médicos no decorrer do século XIX só ganhou o estatuto e conduta sexualmente reprovável nas sociedades ocidentais a partir do momento em que as sociedades patriarcalmente constituídas começaram a imaginar-se dicotomizadas em dois grupos, homens e mulheres, sociedades estas em que os papéis, primeiro sociais e por consequência sexuais, foram definidos e delimitados.

O termo “homossexualidade” foi empregado na segunda metade do século XIX a fim de dar vazão e ao mesmo tempo uma denominação única e genérica ao que vinha sendo denominado, no decorrer dos tempos, das mais diversas formas: pederastia, sodomia, nefandices, abominável pecado nefando, pecado infame, molices, dentre outras variações menos comuns. Todas elas com o intuito de nomear as práticas sexuais mantidas entre indivíduos de mesmo sexo biológico.

¹⁶ Luiz Roberto de Barros Mott nasceu em 6 de maio de 1946. Foi casado, teve duas filhas, a mais velha Míua e a caçula Tamí. Estudou na Escola Apostólica de São Domingos, para se tornar seminarista, visto que tinha o desejo de se tornar padre. cursou Ciências Sociais na USP e atualmente é o presidente do Grupo Gay da Bahia – GGB - ao lado do seu companheiro Marcelo Cerqueira (Vice presidente da GGB).

¹⁷ Jurandir Freire Costa nasceu em 1944, no Recife. É médico e psicanalista, com mestrado em etnopsiquiatria pela École Pratique des Hautes Études de Paris, além de professor titular do Instituto de Medicina Social da UERJ. Publicou vários livros, dentre os quais *A ética e o espelho da cultura* e *Sem fraude nem favor*, ambos da editora Rocco.

O termo homossexual, segundo Peter Fry (1985) foi usado pela primeira vez em 1869 por um médico húngaro, Dr. Karoly Maria Benckert, por ocasião de um pedido do próprio ao Ministro da Justiça da Alemanha que classificava a pederastia como um crime. Esse fato, traz consigo uma série de novas implicações ao comportamento que há muito causava espécie à ideologia dominante: de ponto fulcral na formação do cidadão, à categoria de degeneração moral, social e patológica, partindo-se logo em seguida para a tentativa de se estabelecer tanto uma identidade dita homossexual como traços que caracterizavam um indivíduo como pertencente ao grupo dos “invertidos sexuais”.

Se historicamente a palavra homossexualismo foi criada para identificar patologicamente os seus praticantes, para alguns integrantes do meu campo, esse conceito se difere por outras causas, como entende Carla¹⁸: “É a forma como fala, ah ta eu sou homossexual, eu sou bicha, viado, bicha louca, entendeu, tem, é a forma como fala, ah fruta, então depende do jeito, bicha, ai eu sou bicha, entendeu.”

Ou como concebe Leila¹⁹: “Homossexual é a palavra mais culta, chique. Bicha, viado, frutinha, não sei o que, é o que a sociedade preconceituosa ta inventando várias outras palavras, agora acho que depende mais da conotação, da maneira como se diz: aquele viado, não sei o que, ai vê o preconceito, ne, sei lá”.

Para essas informantes, a palavra homossexual não teria uma etnologia negativa, ao contrário de outras palavras como “bicha”, “viado” que segundo Pedro²⁰: “Os homens não falam: ô seu homossexual, eu uso o apelido, o apelido de homossexual é bicha, gay, viado é fácil de falar, frutinha não usa, porque é difícil falar: ô seu fru-ti-nha, na novela usava, porque é novela também”.

Quando Pedro falou de uma novela, ele se referia à *Malhação*, um seriado da Rede Globo, que segundo relatou, houve uma época em que se discutiu a homossexualidade, e utilizava-se “o apelido” frutinha, por esse motivo todos os seus conhecidos começaram a utilizar essa palavra.

¹⁸ Carla é aluna da 7ª fase. Todos os nomes dos/as alunos/as são fictícios.

¹⁹ Leila é aluna da 7ª fase.

²⁰ Pedro é aluno da 7ª fase.

Certamente conhecemos a força que a mídia exerce sobre as pessoas, principalmente a televisão, que possui a imagem como uma forma atrativa. Eu me recordo desse episódio da Malhação, existia na turma um garoto, novo no “pedaço”, que ao ser chamado de “frutinha” respondia de forma violenta aos insultos recebidos, por não querer ser identificado como gay, e justamente por não gostar é que os “seus colegas” do Colégio mexiam com ele, para deixá-lo irritado.

Por outro lado, através dos atuais estudos da mídia, Pedro Gomes & Denise Cogo (1998, p. 18) entendem que o receptor da mensagem não é mais considerado um passivo, mais sim um ativo: “Ora, o que se busca, nos atuais estudos da recepção, é muito mais. É afirmar uma ação protagônica, de sujeito livre, nos processos comunicativos”²¹. Por isso, essa exposição dos homossexuais pode servir como um agente de discussão, conscientização e luta a favor dos direitos dos homossexuais.

Certamente os meios midiáticos são formadores de opinião, e podem mesmo que lentamente tratar com mais conhecimento e menos discriminação sobre o tema, que geralmente é tratado como humor negro ou como casos excepcionais apresentados por programas com “Brasil Urgente” ou “A Hora da Verdade”.

No mesmo momento em que entendem o conceito de homossexualismo com “chic”, “uma linguagem coloquial”, também consideram uma agressão, foi o que revelou Carlos²², considerando o fato de chamar alguém de homossexual tão agressivo quanto chamar alguém de “vaca”, “puta”, “vagabunda” ou “galinha”. Em seguida, Pedro completou: “Exatamente, é que nem ele falou, pra pegar alguém de Cristo, na minha turma, todo mundo me chamava de viado, de bambi, só pra mi sacanear, pra me deixar irritado, e acabava irritado mesmo, quando eu comecei a levar numa boa, pararam”.

Essa atitude violenta, é frequentemente associada a uma “brincadeira”, uma forma não preconceituosa, mais de sacanagem, questão esta que discutirei melhor no terceiro capítulo.

²¹ A título de exemplificação, Maurício Silva (2003, p. 35) comenta sobre as contradições da mídia em relação a criança: “Aliás, na minha opinião, a mídia tem dado, por um lado, grandes contribuições à visibilidade, ao alarde e também ao anúncio da existência de programas em prol dos direitos das crianças e jovens. Por outro, tem banalizado tais problemas sociais, uma vez que é um sistema de dominação espetacular, ao tratar a notícia como espetáculo e como mercadoria, de maneira eventual, sensacionalista e com fins de acumulação de capital”.

²² Carlos é aluno da 7ª fase.

Até alguns anos atrás práticas homoeróticas eram tidas como doença no Brasil, perante a Medicina, foi Luís Mott (fundador do Grupo Gay da Bahia – GGB-) que reivindicou juntamente com o grupo citado a retirada de tal erro.

A propósito disso, equívocos é que não faltam na história do homoerotismo mundial, perseguições e mortes desde a idade antiga, passando pela inquisição²³, até o presente momento, isto pelo simples fato de ser homossexual, veremos melhor sobre esse assunto no decorrer desse capítulo.

Existem, contudo, diferenças ideológicas e históricas entre homossexualismo e homossexualidade. O uso do substantivo homossexualidade, por exemplo, hoje parece ter uma aplicação e um uso muito mais amplo e dinâmico que o de seu possível sinônimo (homossexualismo), muito baseado no fato de que tende a dar conta de uma condição humana e de uma orientação sexual, não estando inclusive arraigado a uma historicidade em que a doença e a discriminação sejam noções expressas intrinsecamente.

Este redimensionamento e essa substituição de um termo por outro acontece graças tanto à atuação dos movimentos de direitos dos homossexuais quanto ao posicionamento da Organização Mundial de Saúde (OMS) que declara nos anos de 1980 que as práticas eróticas que envolviam indivíduos do mesmo sexo não mais eram consideradas um caso de desvio ou mais uma doença.

Neste ínterim, “*homossexualismo*” dá lugar ao uso de “*homossexualidade*”, em função do fato de que este último, mais isento, dá expressão muito mais dinâmica e menos discriminatória tanto aos estudos quanto às práticas por ela descritas, ou seja, o fato de o conceito homossexualismo ter sido criado para identificar sujeitos que mantinham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, servia como meio para diagnosticar a doença homossexualismo, não tinha mais a sua razão de existência no momento em que tal prática foi desvinculada de doença, por isso o conceito de homossexualidade é menos discriminatório, pois não concebe a homossexualidade como uma doença, contudo, ainda reforçava a idéia que existe uma identidade, algo que caracterize os sujeitos que praticam relações afetivas e sexuais com pessoas do mesmo sexo, e é justamente nesse ponto que a proposta de Costa (1992) vai criticar.

²³ Segundo Mario Carvalho (2004, p.10) apresenta os dados e estudos de Luís Mott, sobre a Inquisição: “A descoberta foi feita pelo antropólogo Luiz Mott, 57, professor aposentado da Universidade Federal da Bahia, na Torre do Tombo, em Lisboa. Lá, estão arquivadas cerca de 50 mil páginas manuscritas sobre as 4.419 denúncias contra homossexuais feitas pela Inquisição, dos quais 30 foram condenados à fogueira”.

O homoerotismo é um termo proposto por Costa (1992) com o intuito de “desconstruir” as idéias implícitas às noções de “homossexualismo” ou “homossexualidade”. Segundo este autor a noção de homoerotismo descreve mais adequadamente as práticas ou os desejos dos sujeitos em sua pluralidade, ou seja, desmonta qualquer concepção essencialista, ou ligada à patologia.

A transição de um conceito a outro (homossexualismo/homoerotismo) foi um processo iniciado desde o século XIX. Homoerotismo é uma expressão que, atualmente, tem sido usada como uma opção à utilização do termo homossexualidade, que tem suas origens nos estudos psiquiátricos. Tem como pressuposto que a subjetividade é um efeito de linguagem, e o sujeito, a convergência das relações sociais, públicas e privadas, crenças e desejos (Costa, 1992; 1995). Tal termo pode ser conceituado como a descrição plural das práticas ou dos desejos dos homens e mulheres cuja orientação sexual recai sobre pessoas do mesmo sexo. O conceito afasta-se da possibilidade de se relacionar a orientação sexual de um indivíduo às noções de desvio, anomalia, doença, degeneração etc., ou mesmo a um conjunto de comportamento pré-determinados pela sociedade.

O homoerotismo se constrói na possibilidade que certos sujeitos têm de sentir os mais diversos desejos ou relações físicas de cunho erótico por pessoas do mesmo sexo biológico, não estando relacionado com práticas pré-determinadas, mas sim com o leque de nuances subjetivas que o própria homossexualidade pode ter.

Jurandir Freire Costa dá algumas razões para o fato de preferir não usar o termo homossexualismo, como ele procura esclarecer: a) *o termo relaciona-se a doença, degeneração, desvio, crime*; b) *pressupõe uma “essência”, uma marca subjacente a todos os sujeitos cuja orientação sexual tende ao amor entre iguais*; c) *possui uma forma substantiva indicativa de identidade*, e atualmente como mencionei na primeira pergunta, não seria coerente falar em “uma” identidade, visto que a prática e a existência do homossexual não estão circunscritas a uma única identidade, mas pulverizadas e articuladas em várias identidades, em várias alteridades, isto é, em várias homossexualidades.

O uso de tal termo é, portanto, taxativo e arbitrário, não sendo adequado a denominar uma gama de experiências tão distintas. Logo, homoerotismo seria mais adequado, pois atende a mecanismos baseados na noção de desejo e não necessariamente de sexo e visa a afastar o senso comum das noções imputadas à palavra homossexual.

João Silvério Trevisan²⁴ apesar de entender os significados dos termos homossexualidade e homoerotismo, e de certo ponto de vista, concorda com os pontos já mencionados tanto por Costa quanto por Mott. Neste sentido, no capítulo 2 do famoso livro “Devassos no Paraíso”, o autor comenta:

Ainda assim, as ponderações de Jurandir freire Costa não me parecem totalmente convincentes, pelo simples motivo de que no dia-a-dia precisamos de um termo para nos referenciarmos. Por mais provisórios que possam ser, ‘não podemos vagar no universo ambiental como pedaços da tábua de um naufrágio’, nas palavras do próprio Jurandir. Por outro lado, qualquer descrição ou definição da atração sexual (ou meramente erótica) entre pessoas do mesmo sexo continuará se carregando de elementos pejorativos enquanto a sociedade mantiver a tendência de estigmatizar esse tipo de tendência. Daí porque me parece frágil qualquer substituição meramente lingüística. Afinal, cada tempo tem a sua maneira de nomear, interpretar e *identificar* o mundo (p.37).

Podemos perceber que esse embate está gerando em torno da questão de *Identidade*, ou seja, como iremos nos reconhecer? Como iremos nos comunicar?

Para que não ocorra, uma comunicação preconceituosa, no entendimento desse autor a própria sociedade não está preparada para compreender outros conceitos ligados à homossexualidade. Isto deve-se principalmente pelos valores moralistas e cristãos que regulam a sexualidade e a homossexualidade, desde o período medieval, sendo que a igreja mantinha o poder sobre as pessoas, julgando-as como perversas, pois seus atos eram contra as leis divinas, por isso eram levadas à fogueira pela prática sexual com o mesmo sexo. Da mesma forma, ao longo da história da humanidade, as práticas homossexuais sempre foram consideradas um desvio mental, pois os homens estariam sob o jugo do demônio.

É interessante neste momento trazer uma definição sobre o que entende Trevisan acerca do sujeito homossexual:

A propósito, lembro que certa vez em Aracaju ouvi um termo curioso e muito perspicaz, usado pela população local para designar uma bicha: ‘duvidoso’. Homossexual é exatamente isso: duvidoso, instaurador de uma dúvida. Em outras palavras: algo que afirma uma incerteza, que abre espaço para a diferença e que se constitui em signo de contradição frente aos padrões de normalidade. Ou seja: trata-se do desejo enquanto devir e, portanto, como afirmação de uma identidade itinerante (p. 43).

²⁴ João Silvério Trevisan nasceu em 1944, na cidade de Ribeirão Bonito (SP). É escritor de literatura ficcional e ensaística, dramaturgo, tradutor, jornalista, coordenador de oficinas literárias, roteirista e diretor de cinema. O escritor se destaca pelas publicações "Seis em um buraco só" (ensaios), "Ana em Veneza" (romance), "Troços e Destroços" (contos), e "Devassos no Paraíso - A Homossexualidade no Brasil". Estudou Filosofia. Recebeu inúmeros prêmios em teatro, cinema e literatura, dentre os quais o Jabuti e o APCA. Tem obras traduzidas para o inglês, o alemão e o espanhol, e também escreve para jornais e revistas de todo o País e do exterior.

A dúvida referente à orientação sexual das pessoas também apareceu no meu campo de pesquisa, quando Pedro comentou que a dúvida não é dita abertamente, ela é dita em cochichos no CDS/UFSC: “Ah, o que se ouve muito por aqui, é, como pouca gente sabe da vida do outro, da vida íntima do outro, então oh: aquele fulano lá é meio suspeito, não fala, não ouve uma palavra, o que você acha daquele de lá? Da aquele risadinha, tal, fica nisso”.

Se por um lado, a dúvida é a possibilidade de ter uma *identidade itinerante* como comenta Trevisan, por outro lado ela pode gerar um certo afastamento das pessoas para com o “duvidoso”, é o que Pedro percebe no CDS/UFSC: “Em turma de aula prática no campo, por exemplo, de os colegas de turma falarem assim: não chega perto daquele não, não fica muito perto daquele ali, aquele ali é meio suspeito assim, é meio gay assim, não chega muito perto, de falar, de falar mesmo, de evitar de conversar, conviver, com uma pessoa que acha que é homossexual”.

Este ato discriminatório não é expresso diretamente para o “duvidoso” é dito às outras pessoas, o que resta saber é por que esses “colegas” querem se afastar de alguém que consideram “gay”, o que que o gay tem é ou provoca, que faz com que algumas pessoas não queiram se aproximar?

Toda a ambigüidade presente nesta dúvida é justamente o ponto de partida para o entendimento de que existem sujeito(s) homossexuais (o “s” de sujeitos deixa clara a opção em não caracterizar um único padrão do que venha ser um homossexual) o que se quer dizer, é que existem várias manifestações homoeróticas, algumas não exclusivamente sexuais, o que não caracteriza uma identidade fixa homossexual.

Na questão de identidade, temos aqui, duas correntes distintas: a essencialista e o construtivista²⁵. Mott, em entrevista cedida a Cláudio Roberto da Silva²⁶, posiciona-se e ainda menciona o trabalho de mais dois autores já trabalhados nesta dissertação: Peter Fry e Richard Parker:

²⁵ Também fala-se em construcionismo social.

²⁶ Fonte: <http://geocities.yahoo.com.br/luizmottbr/autobio.html>. Acessado no dia 19/10/2003.

Com Peter Fry, tenho uma posição extremamente crítica. Os trabalhos dele sobre homossexualidade no Brasil pecam por uma falta de visão... na medida em que ele considera que a pessoa está homossexual e que não é homossexual. Não existe o ser homossexual, mas o estar homossexual. Acho um equívoco! Se ele tem dúvidas quanto a homossexualidade ser um definidor de sua própria existência, para [mim], assim como para milhões de gays e lésbicas, o ser homossexual implica numa existência distinta, não separada... numa alternativa a essa sociedade heterossexista. Em relação ao Movimento Homossexual, a posição de Peter Fry foi de desprezo. O prefácio do livro de Nestór Perlongher - O Negócio do Michê -, onde ele diz que o michê representa uma minoria que resiste heroicamente a identidade homossexual, é uma visão extremamente irresponsável... na medida em que vinte por cento dos assassinos de homossexuais são michês, rapazes de programa com problemas de identidade. São homossexuais egodistônicos. Peter Fry teve uma contribuição negativa em termos da liberação homossexual, apesar de ter tido a coragem de participar do corpo editorial do *Lampião*... logo quando chegou ao Brasil, e ter sido processado junto com outros editores durante a ditadura. Richard Parker é uma estrela, o expert internacional a respeito da homossexualidade no Brasil... mas muito influenciado por Peter Fry no que refere a visão chamada de construcionismo social da homossexualidade, da qual não participo, na medida em que sou um essencialista. Considero a homossexualidade como um componente universal, definidor de personalidades para milhões de indivíduos.

Esse confronto de autores evidencia duas matrizes teóricas opostas, de um lado a *corrente essencialista*, mais próxima da idéia de que a homossexualidade é definida geneticamente, ou seja, influenciada pelos fatores biológicos da constituição de um sujeito homossexual. Por esse motivo, aqui não é possível se pensar em identidades itinerantes e de fluidez, pois a biologia é única para todos os seres humanos.

Outro ponto muito discutido por essa corrente é a despolitização que outros conceitos poderiam influenciar no momento em que os homossexuais “assumem” uma sexualidade considerada anormal e doente. É mais fácil não se identificar e ficar no “enrustimento”, assumir o status do gay, na nossa sociedade é difícil, e esta corrente aponta para a necessidade dessa postura positiva da identidade homossexual, quanto mais homossexuais se assumirem e saírem “dos armários”, mais a visibilidade influenciará para a que a sociedade mude seus valores preconceituosos. Por este motivo, o GGB, vem fazendo um resgate histórico das personalidades influentes da história do mundo e do Brasil, mostrando com isso, que os gays podem e contribuem com a sociedade, indiferentemente da sua orientação sexual.

A outra matriz teórica é o construtivismo social, que não defende uma essência biológica da homossexualidade, em contra partida defende que a constituição da sexualidade de um sujeito é construída socialmente e que no processo as experiências podem gerar mudanças de identidades sexuais e que essas não são fixas.

Denilson Lopes (2003)²⁷ comenta sobre as contradições de se utilizar novos termos, e propõe a utilização do termo homoafetividade:

De qualquer forma, é fundamental pensar a pertinência do termo estudos gays e lésbicos, até que ponto sua institucionalização é necessária ou desejável. Nomear é sempre um perigo, mas se não nos nomeamos, outros o farão. Dar um nome não significa simplesmente classificar, mas explorar, problematizar. Falar em teoria queer é fugir da discussão. A falta de tradução linguística bem pode ser um indício da falta de tradução intelectual e sempre presente "o perigo constante na tradução de qualquer informação cultural advinda de registro linguístico minoritário: a tendência a reduzir as distinções de identidade, assim apagando as distinções sutis que são o epicentro de seu sistema significante" (LARKOSH, C.: 1999). Há que se refletir sobre a opção do Festival Mix de sexualidades múltiplas e o termo GLS ou ainda a tônica do homoerotismo, termo clássico, colocado novamente em circulação entre nós por Jurandir Freire Costa, e utilizado no nome deste encontro. O radical e coloquial bicha, viado ou a construção transnacional de uma homocultura ou do gay? A saída não está em apontar para um nome único, mas estratégias diferenciadas em função de realidades culturais e regionais distintas. (...) Defendo uma política, uma ética e uma estética da homoafetividade. Não pretendo apenas cunhar mais um termo, mas penso que a partir falar em homoafetividade é mais amplo do que falar em homossexualidade ou homoerotismo, vai além do sexo-rei, bem como é um termo mais sensível para apreender as fronteiras frágeis e ambíguas entre a homossexualidade e da heterossexualidade. Uma política da homoafetividade busca alianças para desconstruir espaços de homossociabilidade homofóbicos ou heterofóbicos.

Esse conceito abarca toda a discussão aqui apresentada. Parece-me pertinente que a construção de um novo termo só terá propósito se a sua finalidade for construir uma política menos preconceituosa e desigual das sexualidades.

Estamos construindo um novo campo de estudos acadêmicos e o objeto de estudo independente das matrizes teóricas são os sujeitos que se relacionam sexualmente com outros sujeitos do mesmo sexo. Parece compreensível que termos estejam sendo pensados e teorias criadas para explicar uma prática milenar como a homossexualidade. Porém, desde que todas as teorias apresentadas apontem para o avanço das relações históricas sociais presentes, considero pertinente que autores que não pensem de forma igual e linear possam contribuir para este fim.

As contribuições teóricas aqui apresentadas, e todas as discussões em torno do tema da homossexualidade, já vem de alguma forma sendo percebida pela sociedade, é o que reflete Carlos, quando diz perceber uma evolução na sociedade, contudo, no momento em que falou isso, foi retrucado pela professora da turma, a qual comentou que achava que o número de homossexuais está aumentando muito.

Neste momento, Carlos respondeu que:

²⁷ Fonte: http://acd.ufrrj.br/pacc/z/z_fase_um/ensaios/denilson.html. Acessado em 19/10/2003

Não há um aumento no número de homossexuais, tá aumentando o número de pessoas que tão assumindo. É como um exemplo que eu tava vendo na TV Cultura, tavam discutindo sobre a relação daquelas duas meninas da novela. Em 1996 teve uma mesma questão com a Cristiane Torlone, naquela novela do shopping, eles tiveram que matar as duas no meio da novela, porque justamente tava o público, tava injuriado com aquela história, não aceitava, sete anos, hoje já aceita. Em 1978, o Mário Gomes era o galã da Globo e surgiu um boato que ele tinha entrado no hospital com um cenoura e tal, ele perdeu todos os comerciais da época, e até hoje sofre com isso, é muito complicado, hoje está mais no convívio.

Espero realmente que esse convívio possa cada vez mais ser pleno, no qual a alteridade seja a mediadora das relações humanas à medida que esta implica numa relação conflituosa e dialética entre tolerância e intolerância.

Percebo os limites e possibilidades que cada conceito aqui exposto trás para o campo dos Estudos Gay e Lésbicos no Brasil, contudo me julgo muito imaturo teoricamente para me posicionar epistemologicamente e assumir um conceito como norte da dissertação. Nas leituras feitas, os próprios autores aqui trabalhados, utilizam em suas publicações alguns dos conceitos abordados, ou atualmente parecem “fugir” dessa discussão empregando eufemisticamente a expressão: “homens que se relacionam sexualmente e afetivamente com outros homens”.

A necessidade de se ter uma identidade sexual, ainda me parece muito importante, afinal como vou me perceber? O que sou? Existem outros iguais a mim? O complicado é assumir um conceito que rotule e que normatize apenas uma possibilidade de vivência da homossexualidade, ou que ainda vincule tal prática a doença ou desvio psicológico. Outro ponto crítico é a despolitização do termo homoerotismo, o que pode gerar um aumento de sujeitos “*enrustidos*” considerados aqueles que não assumem uma identidade gay, e que em alguns casos contribuem para a homofobia ou para a manutenção de práticas preconceituosas e discriminatórias.

2.2. Breves incursões sobre a homossexualidade masculina

Talvez um ponto de partida para a discussão da homossexualidade masculina seria investigar as origens da homossexualidade, ou seja, por que existem pessoas que sentem atração física por outras pessoas do mesmo sexo?

Historicamente muitos já se propuseram a responder tal pergunta e dependendo da visão de mundo, gênero e sociedade ao qual defendem, as respostas poderiam variar em muito.

E por que temos que responder? Simplesmente porque a sociedade em geral ainda continua a caracterizar a homossexualidade masculina como doença? Como anormal aos padrões morais e reprodutivos da humanidade?

Os homossexuais já foram e em muitos casos continuam sendo considerados doentes, desequilibrados, sem vergonha, promíscuos, anormais, pecadores, desajustados, efeminados “uma mulher que não tem vagina”, sujeitos que se reúnem em bares, boates e saunas com o único propósito de sexo promíscuo e efêmero.

Por este motivo, nesta investigação, procuro mostrar que as chamadas minorias ganham cada vez mais espaço, tanto que estou desenvolvendo este tema, espaço este que foi conquistado principalmente através das reivindicações dos movimentos gays e lésbicas que anunciavam o orgulho de ser gay.

Quanto a este respeito, Guacira, 2001 nos diz que: “(...) as minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica, mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho – gay, étnico, de gênero” (p.542).

Essa abertura para com as sexualidades oprimidas é decorrente de uma flexibilidade dos modelos binários e classificatórios presentes na nossa sociedade, como homem/mulher, ativo/passivo, masculino/feminino, homo/hétero. Viver na fronteira entre estes e outros modelos sexuais sem necessariamente ter que admitir uma identidade fixa é a possibilidade que muitas pessoas encontraram para viver a sua sexualidade.

O espaço livre, de transição fácil, é o campo possível para aventuras e descobertas. Neste caso, ficar acima do muro é uma opção desejável para aqueles que não vêem suas sexualidades reconhecidas na heterossexualidade.

Viver na fronteira não é um privilégio do século XXI, mais uma realidade presente desde o momento em que a homossexualidade e o sujeito homossexual foram “inventados” (final do século XXIII e início do século XIX), desde então, homens e mulheres que não mantinham uma vida sexual orientada à heterossexualidade, buscavam em suas relações sexuais atingir o prazer de diversas formas.

A partir da leitura de alguns estudiosos da área, como Colin Spencer (1996), Paul Veyne (1985) e Philippe Ariès (1985), observei que as relações homossexuais masculinas no mundo (em sua grande maioria) poderiam ser entendidas a partir de dois modelos, que chamarei de modelo ativo e modelo dominador. O primeiro modelo compreende todo o menosprezo em se submeter ao papel de passivo em uma relação homossexual e o segundo nas práticas de homofilias²⁸ permitidas.

No intuito de exemplificar tais modelos, esses autores trazem alguns exemplos que retratam com clareza a supremacia do papel ativo nas relações sexuais deste período, como acredita-se que os egípcios sodomizavam²⁹ os seus inimigos vencidos, tudo indica que essa atitude era uma forma de menosprezar os derrotados, pois se submeter ao papel de passivo nas relações sexuais era adquirir o status de mulher, essa perda da masculinidade os colocavam abaixo dos escravos.

Em Roma, os sujeitos eram classificados segundo o papel sexuais, na qual a atividade era compreendida como superior, o ser másculo, e o outro passivo, o submisso, independente do sexo de que o representasse, ou seja, se um homem assumisse o papel de passivo na sociedade era considerado por todos como inferior, e as mulheres por sua natureza não poderia penetrar por isso era considerada inferior.

²⁸ Digo homofilia e não pedofilia, pois este último termo ainda não existia, e a relação sexual na homofilia não era considerada um crime.

²⁹ Spencer (1996, p.56) explica porque a palavra *sodomita* é utilizada como sinônimo de homossexualismo: “Em primeiro lugar, na tradução da Bíblia do rei James, a palavra ‘sodomita’ não tinha ainda a acepção moderna. Na época, ela traduzia todos os atos sexuais de qualquer tipo, entre pessoas dos dois sexos, que não fossem a penetração vaginal na posição ortodoxa. Em segundo lugar, os estudiosos judeus que traduziram a Bíblia para o grego, nos séculos II e III a C., tiveram grande trabalho ara achar um correspondente em grego para a palavra “Kadash”. Em hebreu, significava “sagrado” ou “santificado”. Foi tão complicado que os tradutores escolheram seis diferentes termos gregos para representá-la, nenhum dos quais sugeriu a idéia de homossexualismo aos primeiros teólogos da Igreja, que se basearam na tradução grega. De modo que essas passagens não foram usadas como uma condenação do homossexualismo, até que ocorresse uma má tradução das palavras em inglês no início do século XVII.”

Como não existia o conceito de homossexualidade, as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram constituídas através do binarismo atividade/passividade, sendo que o primeiro era associado aos homens e o segundo às mulheres, caso um homem exercesse o papel de passivo, esse era estigmatizado, humilhado, até morto, a não ser que fosse escravo, pois como ele pertencia ao seu dono, o qual exercia autoridade sobre o mesmo, podendo desempenhar o papel de ativo e nunca passivo.

Essa relação de desigualdade na qual existe um dominador e um submisso será desenvolvida mais adiante neste trabalho, pois este modelo sobreviveu por vários séculos e ainda permanece fortemente arraigado em nossa sociedade, com uma pequena e sutil diferença (muito significativa) é o fato de se associar a passividade ao homossexual (bicha, efeminado) e a atividade ao homem verdadeiro (heterossexual) que por qualquer motivo manteve uma relação sexual com outro homem, sem que por isso perca o status social de homem.

Não apenas a passividade era discriminalizada na antiguidade, a felação (sexo oral) e a cunilíngua (sexo oral no ânus) também faziam parte das práticas reconhecidas como imorais e sujeitas a punições.

O segundo modelo foi e continua sendo uma prática muito difundida por todo o mundo, sendo que, um homem mais velho da tribo e da mesma árvore genealógica inicia, através de um rito de passagem. Esse ritual de passagem é necessário para que a criança passe da fase de brincadeira e descompromisso para outra fase, a adulta, guerreira, familiar.

Spencer retrata esse ritual:

De acordo com o costume em Creta, os meninos mais desejáveis eram os valentes e inteligentes, não os mais bonitos. O amante presenteava o menino e o levava para as florestas e montanhas, onde viviam por cerca de dois meses. Nesse período, o amante ensinava o menino a caçar, a viver em ambiente inóspito e a se tornar um homem honrado. Também fazia amor com o menino, e o texto deixa claro que o penetrava analmente. Mas eles não estavam sozinhos nessa ocasião; alguns parentes e amigos do menino o acompanhavam e todos caçavam e festejavam juntos. (1996, p. 41)

Segundo o mesmo autor, esse ritual também ocorreu em outras civilizações como a helênica, romana, chinesa, japonesa, germânicas, etc, que tinham uma concepção do ritual muito parecida, sendo que a finalidade era única e exclusivamente de uma passagem do mundo infantil para o adulto, sem com isso estabelecer uma relação homossexual. Contudo, relacionando o primeiro modelo com o segundo, podemos perceber que a criança era submetida à penetração (passividade) e o mais velho (atividade), constituindo então uma relação de poder e diferença entre um que domina o conhecimento e outro que aprende e recebe a sabedoria. Além do mais, no pensamento daquela época, o sêmen era considerado um líquido nobre, sagrado, possuidor de uma energia que faria o iniciante crescer fisicamente de forma saudável e viril. Aqui, a passividade tem o seu caráter de virilidade, isto é, o sofrimento, a dor e submissão têm o seu valor sócio-cultural nesse contexto.

Geralmente estes rituais eram realizados entre os homens, em local distante das aldeias, períodos de médio e longo prazo e em alguns casos seguidos de agressões físicas.

O modelo dominador da antiguidade não tem nada de correlação com as práticas de pedofilia dos nossos tempos, pois este último é desprovido de qualquer ritual de passagem permitido e desejável por um certo grupo de pessoas, sendo, no entanto constituído de uma prática criminal e desumana.

E quando que esses dois modelos passaram a ser vistos como desvios, imorais e pecado?

A grande percursora de tal pensamento foi a Igreja, que utilizando as passagens bíblicas, pregava a abominação das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo e defendia a relação sexual heterossexual como podemos observar nas seguintes passagens bíblicas:

Não deitarás com homens, como fazes com mulheres: é abominação Levítico (18:22).

E haverá também sodomitas na terra: e eles agirão de acordo com todas as abominações das nações que Jeová expulsou antes dos filhos de Israel(I Reis 14:24).

Esta última passagem, refere-se à destruição das cidades de Sodoma e Gomorra que segundo algumas vertentes da Igreja foi destruída pelo fato de seus moradores realizarem orgias, entre elas práticas homossexuais. Não se tem uma verdade absoluta do porquê da destruição das cidades, contudo entendo que este exemplo discriminador serviu em muito no sentido de moralizar (certo e errado) as práticas sexuais, definindo a homossexualidade como pecado e propensa a punições como a ocorrida em Sodoma e Gomorra.

A compreensão de que a homossexualidade seria algo pecaminoso, também se fez presente na Idade Média. O cultivo do corpo, incluindo assim as práticas sexuais, só eram permitidas e concebidas como normais se o fim fosse a reprodução humana, idéia ainda reinante na Igreja Católica atual. Por consequência desse entendimento conservador da igreja, muitos homens e mulheres considerados “sodomitas”, “pederastas” ou “feiticeiros” foram mortos pelo Inquisição.

Na atualidade as posturas da Igreja (Cristianismo e outras) não evoluíram o bastante, como observamos nos pareceres enviados pelo Vaticano sobre a união civil e adoção por casais gays.

A campanha foi lançada em 1º de agosto de 2003 através de um documento oficial, de 11 páginas, com o título "Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais" e preparado pelo cardeal alemão Josph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé³⁰.

O documento, aprovado em março passado pelo papa João Paulo 2º, estabelece que reconhecer legalmente as uniões civis homossexuais ou equipará-las ao matrimônio "significa não apenas aprovar um comportamento desviado e convertê-lo em modelo para a sociedade atual, como também afetar os valores fundamentais que pertecem ao patrimônio comum da humanidade".

O documento se refere à homossexualidade, inclusive, como uma "anomalia". Logo a seguir, hipocritamente, o texto diz que "os homens e mulheres com tendências homossexuais devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza", devendo-se evitar todo sinal de "discriminação injusta". Mas, na frase seguinte, a verdadeira - e perversa - face da Instituição Eclesiástica aparece, e o documento afirma que "a inclinação homossexual é obviamente desordenada" e que "as práticas homossexuais são pecados gravemente contrários à castidade".

³⁰ Fonte: <http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/08/10/ger018.html>. Acessado em 29/10/2003.

A meu ver, a castidade pode ser entendida como o “bode expiatório” dos padres católicos gays que mantêm uma vida dupla, a religiosidade e a homossexualidade. Como os padres não podem casar, e o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo ainda não é permitido, os padres homossexuais buscam relações homoeróticas na clandestinidade (aliás comum a homossexualidade) sem que isso os prejudiquem. Não quero entrar na questão mais delicada, que trata dos padres acusados de pedofilia, muito explorada na mídia, mas que carece de um pouco mais de discussão para o seu real entendimento.

A condenação é ainda mais contundente no que se refere à adoção de crianças por casais homossexuais, prática "gravemente imoral" que, aproveitando a "debilidade" de um ser de poucos anos, serviria para "introduzir a criança num ambiente que não favorece seu pleno desenvolvimento humano", já que "as relações homossexuais contrastam com a lei moral natural".

A paternidade é concebida, na cultura ocidental, como uma meta a ser seguida por aqueles que realmente querem “ascender” ao status de um verdadeiro homem e a homossexualidade, influenciada por um discurso médico-psiquiátrico, é ainda considerada um desvio, uma vez que agiria contra a chamada complementaridade natural entre os sexos, assim, ser homossexual seria, conseqüentemente, uma escolha por não se ter filho. Neste sentido, o projeto de paternidade tem, desta forma, aproximado estas duas esferas aparentemente contraditórias.

O ingresso neste projeto de homoparentalidade se faz acompanhar por uma postura cuidadosamente elaborada, em alguns casos mesmo militante; uma estratégia de colocar-se no mundo e de discutir a naturalização da formação de uma família e da adoção.

Por que será que as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo ainda são concebidas como anomalia, pecado e imoral?

O Brasil tem toda uma história rica em casos, relatos, fatos e mitos que circunscrevem as práticas homossexuais num misto de prazer, de dor, investigações policiais e estudos médicos, e na atualidade, além do já citado, temos as contribuições dos movimentos homossexuais, o advento da AIDS, parada do orgulho gay, mercado gay, influências internacionais, favorecendo desse modo a constituição de uma subcultura gay.

2.3. Reflexões introdutórias sobre a homossexualidade masculina no Brasil

Para pensar a história brasileira, colocando a homossexualidade como o eixo norteador de análise e discussão, trago para o debate dois autores James Green (2000) e João Trevisan (2000).

Os encontros eróticos e sexuais entre homens no início do século XX estavam mais direcionados para a rua, um espaço público, que “aceita” tanto os homossexuais, quanto às prostitutas, bandidos e outros. Por esse fato, muitas vezes a história da homossexualidade se confundiu com a história da prostituição e da criminalidade.

Esses autores retratam, principalmente as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, pelo simples fato da grande influência que essas cidades exerceram sobre as demais capitais; além do mais, o número de habitantes nessas cidades era muito superior as demais capitais, contabilizando com isso um maior número de gays.

No Rio de Janeiro, um dos principais espaços públicos que servia para encontros de caráter homoerótico, era o Largo do Rossio (Início do século XX) uma praça que ficava no antigo centro da cidade.

Esse espaço público era frequentado por homens que estavam à procura de sexo fácil, cuja toda essa movimentação gerava conflitos e aparentemente uma “desordem” na qual cabia à polícia a função de estabelecer a ordem desejável para os bons costumes da cidade.

Em consequência a essa vigilância policial, outro local foi escolhido, como podemos perceber:

Assim como na virada do século, em meio à agitação do centro da cidade, os homens atraídos por outros homens flertavam, fofocavam, socializavam-se e desfrutavam juntos das atividades culturais sem atrair muita atenção. À noite, deixavam-se ficar ao lado dos postes, demoravam-se nos bancos dos parques, trocavam olhares desejosos e, depois, retiravam-se para as sombras de um edifício ou para um quarto alugado na zona de prostituição do bairro vizinho da Lapa, ou nas pensões ao redor da Praça Tiradentes, jamais perturbando a superfície da vida social glamourosa do Rio (Green 2000, p.122).

Na intenção de normatizar e dar poder à polícia, em 1830, D. Pedro I promulgou o Código Penal Imperial, sendo que no Artigo 280 punia atos públicos de indecência. Em 1890, já com um novo Código Penal, no Artigo 266 fazia referência ao “Atentado público ao pudor” e no Artigo 399 do mesmo Código Penal, fazia referência à “Vadiagem”. Em todos os artigos mencionados a discriminação a homossexualidade era camuflada, os policiais poderiam se assim desejassem aplicar a lei, contra qualquer pessoa suspeita de praticar atos homoeróticos. Geralmente os homossexuais eram presos para limpar a delegacia, extorquir dinheiro ou eram abusados sexualmente. Fato esse que ainda ocorre em várias cidades brasileiras, os mais atingidos por essas agressões são os travestis e os homossexuais pobres que estão cada vez mais sendo jogados para o submundo da marginalidade e violência, em contraposição aos homossexuais das outras classes sociais que estão protegidos de toda essa agressão militar, por força do seu poder financeiro.

Esses abusos policiais seguiram a história brasileira, e mais especificamente em 1930, se iniciou uma bateria de testes médico-psiquiátricos, sempre com a ajuda direta da polícia que prendia os homossexuais e os levavam para serem estudados pelos médicos³¹.

A identificação dos homens homossexuais era realizada principalmente através de duas informações, a primeira era o local que estavam frequentando, comumente associado à prostituição, roubos e homossexualismo, já a outra informação era o próprio corpo dos homossexuais.

Nessa época, os homossexuais assumidos, retratavam as normas sociais representadas para o gênero feminino, suas vestimentas, maquiagem, suas gestualidades e comportamentos deixavam claros que eram gays, sem que isso os limitassem ao papel de passivos nas suas relações sexuais. Contudo seus parceiros, mesmo que desempenhassem o papel de passivo nas relações, não perderiam o status de homem, pois suas características físicas e comportamentais eram associadas ao gênero masculino.

³¹ Estudos como o realizado por Ribeiro apud Green (2000) “Para realizar seu estudo em 1932, Ribeiro solicitou o apoio do Dr. Dulcídio Gonçalves, um oficial da polícia do Rio de Janeiro, que trouxe um ‘precioso contingente’ de 195 homossexuais ‘profissionais’ ao Laboratório de Antropologia Criminal para serem fotografados e medidos, com o objetivo de determinar se havia alguma relação entre sua sexualidade e sua aparência física (p.131).”

Na atualidade os corpos dos homossexuais já não retratam exclusivamente o gênero feminino³², ao contrário, os homossexuais parecem querer manter um corpo masculinizado, retratando o gênero masculino. Por esse fato aparece na subcultura gay o personagem “barbie³³”.

José Gatti (2002) no artigo: “O homem forte: ressignificações” critica a forma de entender os gays musculosos e conclui:

O que nenhum desses pesquisadores comenta é uma outra possibilidade, que talvez já estivesse sendo sugerida pela obra do pioneiro Sandow. A ‘tradicional condição masculina hegemônica’, para usar o termo de Sabino, talvez esteja sendo desafiada pela apropriação que os gays fazem da imagem do Homem Forte que é, desse modo, ressignificado. Seriam justamente os homens publicamente gays, adeptos dos esportes (e não apenas da musculação), e detentores de significantes geralmente associados a imagens de masculinidade que poderiam contribuir para esse movimento. É comum, em manifestações gays como festas (como raves), desfiles políticos (como as Paradas de Gays, Lésbicas e Transgêneros) ou mesmo simples encontros na rua (como em muitas esquinas de cidades brasileiras), vemos homens dotados de musculaturas avantajadas se beijando, se abraçando e permanecendo de mãos dadas. Nada mais longínquo do mundo dos *pitboys*, de certos praticantes de jiu-jitsu e valetudo, esses sim, mantenedores e cultores dos estereótipos de dominação masculina que se aproximam dos valores fascistas (p. 47).

³² Mesmo as travestis na atualidade são muito procuradas para desempenharem o papel de ativo. Ver trabalhos do NEG/UFPR (Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal do Paraná).

³³ Segundo Adriana Nunan (2003, p. 146) “O subgrupo das *barbies* (nome que alude diretamente à boneca norte americana) podem ser definidas como homossexuais musculosos que vivem para modelar o corpo, de acordo com o conceito exacerbado de masculino. Amiúde raspam os pelos, para que a musculatura se destaque, e colocam bastante ênfase na sua aparência externa, segundo Trevisan, barbie tem ‘corpo de Tarzan, voz de Jane e cabeça de Chita.’”

Talvez Gatti esteja defendendo a imagem do seu próprio corpo malhado, não quero dizer com isso, que não entendo suas idéias, apenas expesso o que os meus olhos me revelam, barbies em grupos fechados, procurando outras barbies para fletar, usam roupas que evidenciam os músculos, procurando exaltar uma forma física mais masculina e menos gay (para a sociedade), isso porque nos guetos gays ou em ocasiões que reúnem muitas pessoas, é mais fácil trocar carinhos.

De volta ao início do século XX, o aparecimento de vários chavões que serviam de chacota para os sujeitos homossexuais surgiu muito em razão aos aspectos feminilizados dos homossexuais daquele tempo. A ridicularização era constante, e os termos iam aumentando em número e em popularidade.

Um dos primeiros termos que iriam servir para ridicularizar os homens homossexuais, e principalmente aqueles que desempenhassem uma função passiva no sexo foi a palavra *fresco*, seu aparecimento no dicionário data de 1903.

Na década de 20, o termo “viado” surgiu e uniu-se ao termo *fresco* para depreciar os homossexuais. Segundo Green, (2000) o léxico não tem uma origem segura, uma teoria diz que o termo vem da palavra *veado*, ou seja, uma forma diferente de pronunciar essa palavra. Esse autor conta a história de um policial que foi prender todos os homens homossexuais reunidos nas praças, contudo não conseguiu, quando chegou à delegacia explicou que os homossexuais “corriam feitos veados” e com uma pronúncia diferente o termo vive até os dias de hoje (século XXI).

Os gays dos anos 30, para dar um sentido diferenciado para o termo discriminador viado, utilizavam a palavra *bicha*. Essa palavra tem sua origem na palavra francesa *biche*, que significa corça, feminino de veado. Contudo esse termo caiu nas graças do povo (anos 60), e o termo que era utilizado apenas pelos gays de uma forma não agressiva, e de resitência ao apelido viado, tornou-se um feitiço contra o feiticeiro, e mais um apelido para discriminar os homens homossexuais, principalmente os passivos. Já os homens que desempenhavam o papel de ativo nas relações homossexuais, eram chamados de *fanchono*.

Todas essas relações acima descritas, também retratam a realidade de outra cidade muito importante para a história do Brasil e da homossexualidade, São Paulo.

Os locais mais procurados para as práticas homoeróticas em São Paulo eram a Avenida São João, Parque do Anhangabaú, Praça da República e o Largo do Paissandu. Esses locais possuíam bordeis, hotéis, banheiros públicos, pensões, cinemas acessíveis ao povo e para a classe média.

As pesquisas médicas que receberam total apoio da polícia continuaram também na cidade de São Paulo, e é exatamente nos anos 30 e 40 que a medicina conseguiu “cientificamente” retirar a homossexualidade do patamar pecaminoso para inseri-la no patamar da doença, realizando para isso estudos no Hospital Psiquiátrico Juquery³⁴.

Entre os anos de 1945 – 1968, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo sofreram importantes modificações no tocante a homossexualidade.

Neste período, apesar da ditadura militar, novas identidades sexuais surgiram, colocando em xeque os binarismos atividade X passividade, heterossexualidade X homossexualidade e homem verdadeiro X bicha. Inicia-se também a abertura de bares (como o Alfredão primeira casa homossexual), restaurantes, cafés, praias (como a de Copacabana), jornais, bailes de carnaval exclusivamente homossexual.

Como mencionado anteriormente, o modelo hegemônico de homossexual efeminado, do final do século XIX reinou até aos anos 60, quando surge no cenário nacional o termo *entendido*. Esse novo termo teve sua origem nas classes médias das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Segundo Peter Fry (1982, p.105)

O ‘entendido’ é uma identidade que engloba todos os machos com uma orientação homossexual. Como o termo *gay*, ele vem substituir o termo médico legal, ‘homossexual’. É necessário frisar que o ‘entendido’ não substitui a ‘bicha’. Correndo o risco de ser repetitivo, insisto que representa uma nova realidade social, uma nova taxionomia. Se na taxionomia antiga a divisão do mundo masculino foi feita na base da ‘atividade’ e da ‘passividade, agora essa divisão se dá na base da orientação sexual.

Peter Fry (1982, p. 91 e 93) discute esses modelos através das seguintes tabelas:

Tabela 1 – Primeiro Modelo

Identidade*	Homem	Bicha
1.	Macho	macho
2.	Masculino	feminino
3.	Ativo	passivo
4.	Heterossexual e homossexual	homossexual

³⁴ Esses estudos utilizavam métodos como a “convulsoterapia” que consistia em injetar o medicamento cardiazol provocando ataques epiléticos e “eletrochoques” de baixa intensidade sendo que se pretendia curar os invertidos sexuais (homossexuais). Esses métodos eram permitidos pela família do paciente, que muito envergonhosamente se sujeitava a esses métodos para não sofrer mais discriminações.

Tabela 2 – Segundo Modelo

Identidade*	Homem	Entendido
1.	Macho	macho
2.	Masculino	masculino/feminino
3.	“ativo”	“ativo”/“passivo”
4.	heterossexual	homossexual

*(1) Sexo fisiológico: atributo físico universal – pênis e vagina; (2) Papel de gênero: comportamentos e expectativas sociais associadas ao papel masculino e feminino; (3) Comportamento sexual: penetrar (ativo) e ser penetrado (passivo); (4) Orientação sexual: sexo fisiológico do objeto de desejo sexual - homo, hetero ou bissexual.

Na primeira tabela, o que distingue as duas identidades são os itens 2 (papel de gênero) e 3 (comportamento sexual), já na segunda tabela o que distingue é unicamente o item 4 (orientação sexual).

Portanto, o segundo modelo não se prende aos binarismos ativo/passivo e masculino/feminino, o sujeito homossexual não é visto apenas como aquele que é penetrado e exerce um comportamento feminino. Por esse motivo, o segundo modelo é considerado um avanço para se estabelecer relações menos hierarquizadoras e mais igualitárias entre os homens que se relacionam sexualmente com outros homens.

Como vivemos em um mundo de contradições, esse avanço (e eu pessoalmente assim o considero) em algumas situações acaba sendo uma “exigência” do gay atual, ou seja, uma generalização, na qual a partir desse momento é considerado superior os sujeitos que na relação sexual exercem tanto o papel de ativo e passivo no sexo, o que considero um equivoco, pois tanto os comportamentos sexuais quanto os papéis de gênero são variados. Retirar um modelo para inserir outro é um equivoco, estamos vivendo uma pluralidade de sexualidades, sendo que todos os comportamentos e papéis sexuais são permitidos, desde que não agridam a integridade do parceiro.

Apesar deste modelo ser considerado um verdadeiro avanço para o entendimento da homossexualidade, me parece que estamos vivendo na atualidade novos modelos, que compreendem as identidades, em sua fluidez, uma característica do século XXI, sendo que as fronteiras entre homo/hetero, masculino/feminino, atividade/passividade não são fixas.

Não quero dizer com isso, que não existam mais os homossexuais e os heterossexuais, só quero mostrar que na sociedade atual temos outras orientações sexuais ou somente práticas sexuais que não se definem em nenhum desses modelos de Fry.

Após o período de repressão da ditadura militar, floresce no Brasil uma abertura para os movimentos sociais organizados.

Segundo Trevisan (2000), em abril de 1978, surgiu o número 0 do Jornal *Lampião*, que publicava: “(...) os temas tratados eram aqueles considerados ‘secundários’ – tais como sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, machismo – e a linguagem empregada era comumente a mesma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual (p. 339). O jornal fechou sua edição número 37 no ano de 1981.

No final da década de 70, nasce um dos principais grupos organizados de homossexuais o *Somos*, que apesar de não existir mais na atualidade, abriu a possibilidade para que outros grupos organizados de GLBT pudessem existir.

O grupo *Somos* teve seu início a partir de um debate na USP, o nome *Somos* era o modo de realmente afirmar uma identidade homossexual positiva.

No início não havia sede, as reuniões ocorriam nas casas dos integrantes, uns 100 participantes. Mais tarde as mulheres lésbicas saíram do *Somos*, por se sentirem discriminadas pelos homens gays do *Somos*.

O grupo começou a se organizar e com uma formação política mais sólida começou a intervir em vários setores da sociedade brasileira, contudo foi justamente essa consciência política, que segundo Trevisan (2000) que virou uma política partidária, ocorreu a quebra do *Somos*, mais sem dúvidas, suas contribuições foram marcantes para a evolução do movimento homossexual no Brasil.

Neste mesmo momento, segundo Marco Silva (2003) se formam os primeiros territórios gays da cidade de Florianópolis, ou como menciona o autor, os pedaços GLS (bares, boates, praias, Shopping, Roma – carnaval –, aterro, rodoviária e outros) da nossa cidade.

Em sua dissertação, Silva (2003) escreve sobre o carnaval e os territórios GLS de Florianópolis. Conforme pesquisou, o carnaval gay em Florianópolis teve seu início no anos 70, no Roma, localizado, na Avenida Hercílio Luz. O jornalista falecido Roberto Kessler foi um dos pioneiros do surgimento do carnaval gay no Roma.

O auge dos cinco dias de folia é o concurso Pop Gay, criado em 1993 e organizado pela Prefeitura Municipal. Contudo a festa não se restringe apenas a esse território, locais como o *bar do Deca* (Praia Mole), praia da Galheta, Saunas Gays (*Oceano e Hangar*), *Shopping Beira Mar* (se chover), Boates (*Concorde, Ponto G – Palhoça – Mix Café*), bares (*The Pub, Gallileu's e Beer Haus*) são outras opções.

Existiram outros espaços GLS que atualmente não estão mais em funcionamento, como a Boate *Chandon*, considerada o principal espaço GLS da Ilha. Foi inaugurada nos anos 80, na rua Felipe Schmidt, já nos anos 90 era exclusivamente GLS.

Silva (2003, p. 52) retrata outros espaços como:

Na praça XV, funcionou por cerca de dois anos até 1994, a boate *Notre Vie* que teve como principal característica a presença maciça de travestis e mulheres 'lésbicas'. Um estabelecimento que não teve uma vida tão curta foi a *Ominus*, um bar-boate que funcionou durante cinco anos (1993-98), na Escadaria do Rosário, no mesmo local em que funcionava a mais famosa boate gay dos anos 80, a *Opium*. A *Ominus* foi pioneira na apresentação de shows de transformismo na 'noite gay' da cidade, um tipo de atração considerada não muito bem recebida pelo próprio público GLS (...) Um outro bar que também investiu neste tipo de espetáculo foi o *Free Boy Bar*, localizado na cabeceira continental da Ponte Hercílio Luz, nos mesmos moldes da *Ominus*, contando também com os shows de Dandara Rangel. O bar também teve uma curta duração, em alguns meses do inverno de 1995. (...) A abertura do *Escotilha Bar*, em 1997, trouxe mudanças para a noite gay da Ilha. O local funcionou por quase dois anos e fez com que os shows de *drags* se tornassem uma atração comum para o público GLS.

Realizar um breve resgate dos locais GLBT de Florianópolis é importante para entendermos como ocorrem as relações homoeróticas nessa cidade. Entretanto, entendo que as relações homoeróticas ultrapassam os territórios predominantemente gay, e vão além dos guetos.

A formação dos guetos apresenta pontos negativos (separação, mercadorização e consumo) e pontos positivos (resistência, liberdade, formação de identidades e prazer). Por esses motivos e principalmente pelo medo serem vistos em um local gays, muitos sujeitos com tendências homoeróticas evitam freqüentarem tais locais, outro fator presente é o entendimento nativo que os homossexuais que freqüentam esses locais são efeminados e assumidos, não tem medo de se expor, ao contrário dos enrustidos que se consideram másculos.

Capítulo 3

Gênero, Identidade, Educação Física, Esportes e Lazer

3.1. Gênero, identidade, e suas relações com a homossexualidade

A categoria de gênero emergiu dos estudos existentes a respeito, servindo, inclusive como norteadora do estudo tanto no que se refere à pesquisa exploratória, no ponto de vista bibliográfico, tanto quanto norteadora da pesquisa de campo (entrevistas e observações) e, conseqüentemente, como categoria também emergente do campo, articulada com identidade e homossexualidade.

Assim, com este conceito teórico, busquei discutir as origens e as tramas que levaram alguns sujeitos da pesquisa a construírem e a definirem as diferenças entre homens e mulheres, sendo que num padrão universal de desigualdades, as mulheres seriam as inferiores e os homossexuais por serem associados a mulheres também são considerados inferiores

No ponto de vista teórico, a construção desse conceito teve seu início com o movimento feminista, principalmente o sufragismo na Inglaterra, que reivindicava uma igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. Contudo, outras correntes deste movimento percebiam de forma diferente como aponta Joan Scott (1995, p.77):

Os/as historiadores/as feministas têm empregado uma variedade de abordagens na análise do gênero, mas essas podem ser resumidas a três posições teóricas. A primeira, uma tentativa inteiramente feminista, empenha-se em explicar as origens do patriarcado. A segunda se situa no interior de uma tradição marxista e busca um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relação de objeto (object-relation theories), se inspira nessas diferentes escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito.

No ano de 1980, o movimento feminista no Brasil de uma forma global deu um salto qualitativo com a substituição da categoria de papéis sexuais reinante na década de 70, para a de gênero, enquanto categoria de análise, como afirmam Susana Funk (1995) e Mara Lago (1996).

A intenção maior do movimento era, e ainda é, segundo Joana Lazari (1993, p. 15) a de usar o termo gênero num “(...)esforço de feministas contemporâneas em insistir sobre a inadequação das teorias existentes para explicar persistentes desigualdades sociais entre mulheres e homens.”

Tais desigualdades foram e continuam mantendo uma estrutura hierárquica social, onde cabe à mulher o espaço do lar (privado) e ao homem a rua e o trabalho (público).

É neste sentido que:

(...) o termo gênero vem sendo usado para designar o significado social, cultural e psicológico imposto sobre a identidade sexual biológica. É diferente de sexo (entendido como identidade biológica: macho/fêmea) e é diferente de sexualidade (entendida como a totalidade de orientação, preferência ou comportamento sexual de uma pessoa). (Funk 1995, p. 20)

Esse avanço das ciências sociais nos levou a perceber que já não podemos mais olhar para um menino recém nascido e dizer: “gostará de mulher e jogará futebol”, bem como não podemos olhar para uma menina recém nascida e dizer: “gostará de homens, terá filhos, cuidará do lar e irá brincar de boneca”.

Mesmo inseridos atualmente nas discussões de gênero e na formação de uma relação menos desigual entre homens e mulheres, ainda observo que a subordinação das mulheres nas sociedades patriarcais existe. Isto deve-se a uma intencionalidade ideológica pela cultura masculina em manter uma relação de dominação das mulheres ou com os considerados “não masculinos” os homossexuais.

Desta forma é percebido que gênero está ligado ao conceito de subordinação como um norte para as relações sociais de gênero, sendo que a subordinação é entendida como: “(...) o conceito geral de dominação masculina, enquanto a exploração, a desigualdade, a opressão, a repressão, o patriarcalismo, o machismo, a discriminação e outras formas de dominação são tipos diferentes de subordinação.”(p.110)

Este ponto discutido nos esclarece que enquanto lutarmos contra discriminações e desigualdades não estaremos realmente indo ao cerne da questão que é a subordinação. Temos que desvelar esta realidade de subordinação, para podermos compreender minimamente as discriminações e desigualdades.

Percebo a relação hierarquizadora existente, por exemplo, entre os chamados ativos e os passivos na subcultura homossexual. Ainda é forte a idéia de que ao assumir o papel de ativo na relação sexual, este fato, também iria contribuir para que essa função de atividade lhe permitisse dominar a relação como um todo, situação similar a condição da mulher nas sociedades patriarcais.

Outra possível relação de dominação e subordinação existente na subcultura gay é a relação entre os héteros não assumidos (enrustidos) e os homossexuais (assumidos), isto porque os primeiros por não se identificarem “homossexuais”, limitam-se e impõem regras dominadoras para o parceiro assumido, que acaba muitas vezes aceitando essa condição de submissão, pois teme perder seu parceiro.

Aqui poderia ser feita uma ponte com a sexualidade, que também é uma teia de significados nas hierarquias sociais, no qual existe uma dominação heterossexual em contra partida de uma repressão homossexual, mesmo percebendo-se algumas resistências, por isso a existência do conceito de heteronormalidade.

Essa relação de dominação dos homens e logo submissão das mulheres, foi comentada pela professora de 7ª fase, quando avaliou que: “A mãe é muito mais acessível do que o pai aceitar, e muitas vezes, ela não aceita, não que ela não aceite, ela muitas vezes vai ficar impedida de se relacionar com o filho por força do marido, que muitas vezes vai colocar o filho, a filha, para fora de casa, enfim, ele impediu ela, essa submissão ao marido, vai impedir esse contato com o filho”.

Nesse momento a professora estava refletindo sobre a aceitação de se ter na família um filho gay. A maioria dos informantes de ambas as fases concorda que em geral a mãe apoia e aceita mais facilmente o filho gay do que o pai, como podemos perceber nas seguintes falas:

Jorge³⁵:

Para mim, o que surpreendeu realmente na relação dos dois, como ela falou ali, no desenrolar do filme, pela vivência que agente tem, a experiência e pelos fatos que agente tem conhecimento, eu particularmente ,achei que quando ela soubesse da situação, ela, aquilo seria um agravante na relação, no relacionamento entre os dois ne, e no final do filme a surpresa veio que ela, é, não parecia que ela iria compreender tão bem quanto ela compreendeu a situação no caso ne, é se agente fosse passar para o outro lado, do outro garoto, o pai do garoto pela forma como ele agia, é talvez agente fique imaginando como ele se comportaria, se as reações dele seriam as mesmas como a mãe do outro garoto teve, apesar daquele primeiro instante, onde ela demonstrava ser um tanto quanto rude, meio incompreensiva com ele, mas nesse momento ela teve a sensibilidade e conseguiu alcançar e buscar a compreensão da situação do garoto, aí realmente o final do filme me causou surpresa, eu achei que fosse terminar de uma outra forma.

Bruna³⁶:

Esse preconceito já vem há muito tempo, sempre vai continuar passando, enquanto não mudar ainda, muito difícil alguém mudar de opinião, o pai, eu digo assim, que é difícil, porque assim oh, essa coisa do pai, será que o meu filho é viado? Será que o meu filho é isso, será? Ah eu não aceito. Já vem da própria família, eu não aceito isso, isso daí tem muita família hoje que ainda é assim, ah eu não aceito, eu não concordo, põe o filho para fora de casa, mais não concorda, o pai prefere perder a mãe do que acolher um filho, vem de família isso aí.

Essas falas são representativas no entendimento de ambas as fases, que compreendem que no geral as mulheres são menos rigorosas nas questões de gênero, suas atitudes são menos machistas e tendem mais a aceitação, acolhimento das diferenças, vivendo de forma menos padronizante e mais fluida do que os homens.

Apesar de que no filme *Delicada Atração* a personagem Sandra aceita a relação entre seu filho e Ste, contudo, como apontam os resultados de pesquisas realizadas por Parker (2002, p.248) sobre as imigrações de homossexuais do campo para cidade:

Em história após história de vida dos homens que entrevistamos, a repressão associada a reações familiares à diferença sexual é também ligada ao ambiente das pequenas cidades ou capitais menores, e o recurso ao movimento torna-se uma válvula de escape (frequentemente alcançada com grande dificuldade) de uma série de opressões entrelaçadas.

Ainda estamos vivendo uma realidade que oprime os homossexuais e frequentemente tal opressão tem seu início na própria família: um filho que não esteja dentro dos padrões aceitáveis de masculinidade.

³⁵ Jorge é aluno da 7ª fase.

³⁶ Bruna é aluna da 1ª fase.

No sentido de avançar essas relações de subordinação, Scott (1995) traz os conceitos de desconstrução dos entendimentos binários tais como: masculino/feminino, igualdade/diferença, natural/cultural, heterossexualidade/homossexualidade, sempre a partir de um determinado contexto da realidade. Com relação ao patriarcado, (p.78) esta autora levanta dois problemas:

Em primeiro lugar, embora proponham uma análise interna ao próprio sistema de gênero, elas também afirmam a primazia deste sistema na organização social considerada em seu conjunto. (...) Em segundo lugar, a análise continua baseada na diferença física, quer a dominação tome a forma da apropriação do trabalho reprodutivo da mulher pelo homem quer tome a forma da objetificação sexual das mulheres pelos homens.

Com esse pensamento ela faz uma crítica à universalização do patriarcado e da subordinação, ou seja, para avaliarmos a influência do patriarcado, deveríamos perceber as diferentes contextos sociais.

O aluno Raul³⁷ também percebeu a influência do meio social, quando disse que:

Percebeu como o meio influencia muito, agente que é daqui, eu sou serrano, eu sou de Lages, e ele que é de São Paulo, ele já tem aquela, e a Daniela também é de São Paulo, já convive com esse meio, eles já não dão, olham assim como uma coisa normal e a gente que é mais tradicionalista, tu olha meio afastado, por isso que eu digo, que o meio influencia muito.

A história sexual e homossexual de São Paulo³⁸ é diferente de Lages e não quer dizer que todos os lageanos sejam mais preconceituosos do que os paulistas. Agora, que os paulistas têm no seus cotidiano a possibilidade de visualizarem com uma maior frequência manifestações homoeróticas é claro, e talvez com isso, seus olhares já não estão tão “afastados” quanto o olhar lageano.

Uma outra discussão que envolve o meio social, foi apontada por Carla³⁹:

³⁷ Raul é aluno da 1ª fase.

³⁸ Digo isto, por entender a importância de todo o universo histórico da cidade de São Paulo em relação a homossexualidade, como discuti no capítulo 2.

³⁹ Carla é aluna da 7ª fase.

Será, não é a relação por exemplo do loirinho que morava com a mãe, eu acho que é, tem um papel feminino, a mãe que é matriarcal, a mãe então ficou mais pelo meio social, que ele tava vivendo com a mãe, dele que era um mundo mais feminino, lógico, e aí o outro moreninho vivia no mesmo local com o pai e o irmão, só tinha, e eles eram extremamente machistas, machões e tal, e isso fez com ele ficasse difícil de ele se assumir, porque no fundo ele era homossexual, só que a questão social, que ele deveria ser atleta, jogador, então isso causou constrangimento para ele se assumir devido ao meio social que ele vivia. O loirinho já nasceu homossexual, ele nasceu homossexual, não sei, ponto, e aí com o loirinho vivia em um ambiente feminino ficou mais fácil dele se assumir, não que o ambiente tornou ele homossexual, ficou mais fácil dele se assumir homossexual, o moreninho não, ficou mais difícil dele se assumir num ambiente que era mais machista.

Em relação ao filme, o ambiente feminino e a postura dialógica de Tony contribuíram para que Jamie revelasse a sua homossexualidade em contra partida de Ste que não pode fazer o mesmo, devido ao machismo presente em sua família.

O que não pode ocorrer é uma generalização, no qual os ambientes femininos aceitam com mais facilidade ou levam um indivíduo a se tornar gay, em contra partida do universo masculino.

Penso isso, ao recordar o quanto somos influenciados, cobrados e educados pelas mulheres para termos posturas masculinas. Isto ocorre por exemplo, dentro das famílias em que o pai trabalha fora e é ausente, e a educação do filho fica a cargo da mãe, como ocorreu na minha família, ou nos casos das professoras das séries iniciais (1ª a 4ª séries), agora também não gostaria de cair em uma generalização, isto é apenas um contraponto.

Para discutir os estereótipos nas relações de gênero utilizo algumas das idéias contidas no livro “A Dominação da Mulher”, escritas por quatro autoras (Regina Toledo, Lins, Winogron & Mota) de 1983.

Para elas, na atual sociedade patriarcal que estamos vivendo, inserem-se as classes sociais, sendo uma delas a burguesa. Em suas famílias, o homem é o “provedor” da família e a mulher administradora “do lar”. Para isso, criou-se uma dupla tábua de valores que determinam as características ditas “normais” e/ou “naturais” para cada sexo.

Aos homens são atribuídas as seguintes características: autonomia, agressividade, força, poligamia, são símbolos da sua ‘masculinidade’ e às mulheres a: incerteza, coquetismo, passividade, dependência, insegurança, docilidade, fragilidade, beleza, monogamia, que são símbolos da sua ‘feminilidade’.

Estas características cristalizadas, referentes ao que é masculino e ao que é feminino, são uma das formas que contribuem para a fortificação do machismo na nossa sociedade.

Leila⁴⁰ comentou sobre a influência de pertencer a uma família machista:

Os homens da minha família, são extremamente machistas assim, mais extremamente mesmo, então essa historia machista assim, é, sempre incomodou, sempre, tanto que eu tendi para a aceitação de tudo o que eles exageravam,

Leila é sem dúvida uma mulher crítica e forte, pois mesmo influenciada por uma educação fortemente machista, conseguiu se abrir e conviver pacificamente e respeitosa com o diferente. Lutar contra o movimento machista é uma tarefa difícil e necessita de argumentos menos desiguais e mais humanistas para enfrentar homens e mulheres que justificam tais leis e rótulos na nossa sociedade.

Mas Leila não é a única a enfrentar o machismo de frente, Paula⁴¹ em seu depoimento marcante, também luta para que os seus pares compreendam e convivam harmoniosamente com os considerados “não machos”, os homossexuais:

Eu tenho isso na minha família por parte de homossexuais, e para mim é uma coisa natural, porque eu convivo desde a infância. O meu padrinho que é irmão da minha mãe, ele é gay, mais é assim, mais agente imagina assim, deve ser uma bicha louca, mais não é, ele é um homem normal, trabalha, ele tem um companheiro dele. Os meus pais separaram muito cedo, e a figura do homem que eu tenho foram eles dois, sabe como homem não como mulher, eles dormem no mesmo quarto como um casal normal, como são alias, acho bom frisar. Eu tive que tomar uma posição bem rústica com a família do Sebastião, o meu marido ne, assim o irmão dele é muito querido, mais ele adora quando vê uma coisinha sabe, e ai claro, começa ver dois homens no mesma casa, sozinhos, dormem lá, tem uma cama de casal, chegou uma hora e falei: ah tu que saber? Então vamos conversar, eu falo, porque eles começavam assim, o meu padrinho é moreno, como eu, e o meu tio companheiro dele, é loiro, ai já deu para perceber que não irmãos, então tá, vocês querem saber, então vamos conversar, ai eu falei, eles são casados, eu to falando abertamente para vocês, mais eu não admito qualquer tipo de insinuação, tanto na presença, quanto, se eu estiver presente sintam-se proibidos, se vocês quiserem fazer na casa de vocês, ai é um problema pessoal, mais para isso é motivo de briga se começar, na minha presença, e isso.

⁴⁰ Leila é aluna da 7ª fase.

⁴¹ Paula é aluna da 7ª fase.

O que me impressionou nesse depoimento foi o fato de Paula lutar contra tudo e contra todos para defender quem ela ama. Ter homossexuais na sua família e diferente de se pensar sobre o assunto. Só quem vive esta experiência é que pode contribuir diretamente para a aceitação ou não de um membro gay. Nesse caso, os homossexuais tiveram “sorte”. Escutar tal depoimento, foi muito comovente, pois o brilho no olhar e imposição da voz demonstrou todo um repúdio contra a homofobia e por outro lado evidenciou um dos maiores sentimentos humanos: o amor.

Para alguns estudiosos, as características masculinas e femininas são fruto das diferenças biológicas inatas. Contudo, estudos antropológicos como os de Mead, na tribo dos Tchambulis, Arapeches e Mundugumores⁴², comprovam que essas características variam em função das culturas e não pelo biológico (sexo), isto porque os homens realizam os papéis considerados femininos na nossa sociedade e vice-versa.

Retomando a condição estereotipada das famílias burguesas, percebe-se que o pai fica fora de casa, com compromissos e responsabilidades de trabalhador somadas as suas aventuras sexuais ou não. Já a mãe fica em casa cuidando do marido e dos filhos e mais recentemente faz isso em uma dupla jornada, a de casa e profissional. Existe também o contrário em algumas famílias, os homens cuidam do lar e as mulheres trabalham fora.

Para além da estrutura familiar (hierárquica), o relacionamento, expectativas, comportamentos, atitudes e sentimentos direcionados para cada sexo sofrem influências dos estereótipos de sexo hegemônicos na família. A maioria dos pais e mães tende a transmitir aos filhos os valores vigentes na sociedade.

Sobre o relacionamento, elas dissertam que a preferência dos pais por um primogênito homem é muito significativo. Quando isto não ocorre, a rejeição pode chegar a ser patológica do pai para com a mãe e a filha. O mesmo ocorre com a mãe, pois se sente culpada por ter dado à luz a uma menina, mesmo sendo o homem quem determina o sexo do filho.

Essas relações machistas geralmente deixam marcas em inúmeras famílias e o que é pior:

⁴² Cf. Sexo e Temperamento da autora Margaret Mead (2000).

(...)é que a dicotomia feminino-masculino concretizada e reforçada na divisão de papéis do homem e da mulher dentro da família e da sociedade tem sido cada vez mais apontada como fonte de insatisfações a nível individual e social. Sua visão dos seres humanos é rígida e repressora e tem servido para perpetuar historicamente uma condição fundamental de injustiça, que é a da opressão de um sexo pelo outro. (Toledo et al., 1983, p.16)

Essa condição de opressão não é ultrapassada em nossa cultura, pois não conseguimos vivenciar a totalidade da experiência humana. Não fomos preparados para nos familiarizar com o que nos é estranho e não estranharmos o que nos é familiar. Ficamos com o corriqueiro, desconhecendo os símbolos e configurações das outras culturas através dos nossos estereótipos.

Para as autoras citadas acima, estereótipos são considerados “(...) imagens concebidas como as únicas possíveis de definirem algum objeto, pessoa, grupo social ou sexual. O estereótipo desconhece, ou pelo menos ignora, as diversas variações que possam ocorrer na configuração de um certo tipo humano.” (Ibidem, p.38).

Desconsiderando e/ou ignorando o ontológico, os estereótipos padronizam tudo, e, o que está fora do estereótipo é um desvio da imagem possível, isto é, intolerância para com a diferença, o outro.

Um exemplo para com a intolerância e como um estereótipo padroniza as pessoas sem conhecer verdadeiramente a mesma, resgato a fala de Carlos, o qual comentou que Carla, apesar de ter dançado forró junto com outra mulher, não seria considerada lésbica, pois: “Toda feminina vai ser homossexual, e de repente, é porque agente tem aquele estereótipo, agente cria uma imagem, entendeu, de repente, se a Carla andasse, sei lá, com umas roupas meio masculinas e tal, já iam dizer, já iam pensar, porque é meio a imagem que se tem assim”.

Mesmo o indivíduo e/ou grupo social com suas características inatas, como o crescimento, é a tessitura cultural, sócio-política que vai nos moldando, mas ao mesmo tempo, isto não quer dizer que não há “(...) espaço para diferenças pessoais, contanto que elas não levem a um total afastamento das normas aceitáveis, o que levaria a um comportamento desviante.” (Ibidem, p.39). Isto ocorre, por exemplo com os homens, existe na nossa sociedade um modelo do que seja um verdadeiro homem e a sociedade modela os meninos para se encaixarem nesse modelo, aqueles que não se modelam são considerados desviantes, ou seja, os homossexuais.

Por fim, entendo que é pela cultura⁴³ compreendida em sua dimensão simbólica e real, que os estereótipos são impostos para cada sexo, pois, o que é feminino e masculino são meras presunções. Além disso, alguns desvios de certos estereótipos são ou não estigmatizados, dependendo do grupo social a que se refere tal desvio, isto porque é pela cultura e não apenas pela biologia que os papéis sexuais sofrem influências.

Neste momento, resgato algumas das atividades efetuadas na fase exploratória desta pesquisa, como já me referi no capítulo 1.

Uma das atividades solicitadas consistia em os/as acadêmicos/as entrevistarem um/a professor do CDS, dois acadêmicos e duas acadêmicas, que deveriam responder a seguinte pergunta: Qual a sua opinião sobre os homens que dançam? Avaliando a maioria das respostas dos/as professores do CDS, a primeira vista não se vislumbrava preconceitos, contudo ao concluírem suas respostas, a maioria dizia que não sabia ou que não praticava dança, o que de certo modo aponta que os/as outros/as podem dançar mais “eu” não danço. Observei grande preconceito em dois acadêmicos, principalmente para com aqueles homens que dançam balé (“com aquelas roupas justas” Fala de um dos acadêmicos). Já alguns estilos de danças não receberam tanto preconceito como dança de salão e dança de rua. Das acadêmicas, percebi (com menos frequência) o mesmo preconceito para os homens que dançam balé. Contudo, muitas acadêmicas deixaram claro que os homens que dançam, independente dos estilos, são homens, e muitas vezes elas se dizem mais atraídas por esses homens, devido a sua sensibilidade e sensualidade.

Nessas considerações fica claro que a questão de identidade é fundamental no processo de formação de professores/as (principalmente de Educação Física), pois ao se identificar com uma masculinidade fortemente marcada pelo preconceito, geralmente muitos professores não trabalham com o conteúdo de dança, por vários motivos: falta de competência técnica, falta de material e espaço, resistência dos/as alunos/as e da família, questões morais e religiosas, hegemonia do esporte, falta de competência epistemológica/científica (leitura, conhecimento e discussão) sobre as categorias emergidas no processo de construção desta pesquisa, entre outros fatores.

⁴³ Segundo Clifford Geertz (1989, p. 64) cultura é vista como: “(...) um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um.” complementando que: “É isso o que temos realmente em comum – nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido.”

A relação entre sexualidade e corpo é evidenciada em muitas falas dos/as acadêmicos, retratando como sendo homossexuais todos os homens que dançam balé (com roupas justas) e suavidade de movimentos que estão mais próximos dos estereótipos femininos, em oposição aos estilos de danças considerados mais fortes/masculinos como dança de salão e dança de rua, relacionadas aos estereótipos masculinos.

Frequentemente nas aulas ocorriam resistências por parte de alguns alunos que dançavam ritmos considerados mais sensuais como: afro-peruano e salsa, ou ao participar de atividades supostamente (por elas/eles) como sendo femininas eram taxados de “gay” ou “viadão” palavras pejorativas e altamente preconceituosas, mostrando que ainda as diversas sexualidades não são respeitadas, principalmente aquelas tidas supostamente como desviantes. Se pensarmos que todos irão trabalhar com educação (nos diversos campos da educação física), começamos a nos preocupar, pois os/as que discriminam podem também discriminar seus/as alunos/as e o/as discriminados não podem permanecer calados, pois considero que é através da intervenção político-pedagógica, arma principal na construção do processo ensino-aprendizagem, que formaremos sujeitos autônomos e críticos.

Um dado importante coletado nas entrevistas foi o entendimento contraditório entre o natural e o não natural para a existência da homossexualidade.

Para estabelecer um diálogo a respeito do dualismo presente nessa oposição, se é fruto do biológico ou do histórico, parto do entendimento do pensamento ocidental do que venha a ser natural.

Chauí (1994) traz algumas dessas reflexões, as quais destaco um entendimento que percebe a natureza como, “(...) essência própria de um ser ou aquilo que um ser é necessária e universalmente. Neste sentido, a natureza de alguma coisa é o conjunto de qualidades, propriedades e atributos que a definem, é seu caráter ou sua índole inata, espontânea.” (p.291)

Este argumento inatista é aceito como verdade universal e o que está fora do natural é um desvio do padrão. Ou seja, se estamos dentro de um padrão que é natural não sofreremos nenhum tipo de discriminação. Afinal estamos realizando o que todos devem fazer e/ou ser. Fora do padrão natural, estaremos sendo uma aberração da natureza, que pelo “destino” nos fez diferentes.

Aproximando esses conceitos com o pensamento de que é natural, uma mulher ser feminina, passiva, afetiva e um homem ser o macho, ativo e agressivo, podemos entender como esse conceito de natural é determinante para a construção de uma identidade de gênero.

Por este fato, Viezzer (1989) menciona que a lei universal predominante é a biológica, sendo que as diferenças entre os sexos servem para justificar a dominação do sexo masculino para com o sexo dominado, o feminino. Esse entendimento é confrontado pelos(as) estudiosos(as) de gênero não pelos aspectos biológicos, mas pelos fatos históricos e sociais. Não concordo com a lei universal biológica, mas sei que ainda é muito presente nas sociedades patriarcais.

Concordo com Louro (1996, p. 11) quando comenta que:

O caminho seria, então, evitar a polarização natural/social, possivelmente compreendendo que o gênero também tem uma dimensão e uma expressão biológica. Ainda remete que: Embora continuemos afirmando que a construção dos gêneros é, fundamentalmente, um processo social e histórico, temos de admitir que esse processo, sem dúvida, envolve os corpos dos sujeitos.

O corpo historicamente é associado a natureza, ao que é natural, biológico, esse foi o argumento utilizado por dois alunos da 7ª fase, para dizer que não é uma questão de preconceito ou opção sexual o tratamento que eles dão às mulheres que é diferente do tratamento que eles dão para aos homens, mais o corpo, por razões naturais, levaram-os a heterossexualidade:

João⁴⁴:

No caso da minha sexualidade, o toque que eu dou em uma mulher é diferente, tem uma conotação relacionada ao sexo mesmo, agora o homem, eu trabalho o toque, passar a mão nele, tocar nele, eu to trabalhando outros tipos de sentimentos dentro de mim, entendeu. Tem uma tendência muito maior para esse tratamento voltado ao lado sexual.

Pedro:

É mais agradável um homem tocar em uma mulher do que tocar em outro homem. Eu tocar no meu pai, que é homem, não tem problema nenhum, porque é o meu cheiro, é o meu sangue, eu sinto assim: é gostoso. Agora apertar um, tem um cheiro de homem, eu não gosto de homem eu gosto de mulher, entendeu, isso é hormonal, isso não é sexual.

⁴⁴ João é aluno da 7ª fase.

A relação do corpo com a homossexualidade será abordada mais adiante. Em se tratando de sujeitos, o conceito de identidade é muito importante para entender todo o processo pelo qual passam os sujeitos no processo de se identificar ou não com uma orientação sexual.

Quando solicitei para os informantes que falassem o que entendem sobre identidade e como eles viram esse conceito no filme e no CDS, eles inicialmente tiveram dificuldade para conceituar.

Paula, meio resabiada em expressar sua opinião, abre a discussão trazendo a seguinte reflexão:

Identidade é saber sobre você mesmo? Não sei, não entendi assim identidade. Eu entendi assim identidade. Eu entendo identidade eu me conhecendo, sabendo o que eu gosto, o que eu não gosto. E com relação ao que eu penso do que seja identidade. No filme ali, o outro menino, não me lembro o nome. O moreno, na verdade não queria aceitar. Ele teve, que o menino mostrar que ele estava realmente gostando dele, mas pra ele não, ele estava fazendo de tudo pra não assumir que ele era gay. Então acho que ai estava com problema de identidade. Então, penso que é isso ne! Identidade, é enumerar pra você, o que você gosta, aquilo que você pensa.

Esse entendimento nos remete para um dos princípios básicos da identidade, que são as características positivas ou não do que eu sou. Seria o auto-conhecimento, o que sou e o que não sou. Temos que ter muito cuidado para quando dividirmos o que eu sou e o que não sou, não polarizar em diferenças insignificantes o que eu não sou, entendendo que o que eu sou é melhor, mais bonito e digno e o que eu não sou é pior, mais feio e não digno.

Tendo como ponto de partida o artigo: “A produção social da identidade e da diferença.” de Tomaz Tadeu da Silva, trago outros elementos para a discussão do venha a ser esse conceito:

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (p.96).

Essa definição evidencia quanto à identidade é difícil de ser conceituada. Explicarei os principais pontos acima mencionados. Em relação à essência, entende-se que a identidade não é um dado a priori, ou seja, não nascemos sendo o que somos. Não existem características inatas que por si próprias definem o que somos ou o que seremos. Mas muitas pessoas acreditam em uma naturalização das identidades, exemplificando que é natural que o homem seja heterossexual e “macho” (másculo e forte) e a mulher frágil e mãe. Em relação à homossexualidade, muitos/as acreditam em características biológicas (hormonal, DNA e defeitos psicológicos) que exerceriam uma força sobre os/as sujeitos/as, de tal forma decisiva, que os/as mesmos não teriam a possibilidade de escolher uma identidade sexual, sendo que esta identidade já seria definida por uma essência (natural-biológica) incontestável. Não quero deixar uma impressão de que as questões biológicas (principalmente a genética) não exerçam influência sobre as identidades, mas que ela é mais um ítem a influenciar o que somos, há uma inter-relação entre os diversos contextos ou fatores: (sociais, biológicos, culturais e históricos).

A identidade entendida apenas pelo viés da cultura não consegue sustentar todas as dimensões citadas na definição, especialmente quando reportada uma tradição (entendida enquanto características, valores, raízes) de um povo, que não muda com o passar dos anos. Neste sentido, cito os seguintes exemplos: para ser homem no Brasil, deve-se jogar futebol, beber cerveja, coçar o saco, falar de mulher, falar grosso, sustentar um lar e outros papéis ou atributos que aprendemos na família, bairro, escola, trabalho, igreja, como sendo as verdadeiras características do que seja ser um verdadeiro Homem com H maiúsculo.

A identidade não é permanente pois, com o passar dos tempos e principalmente a partir das histórias de vida dos/as sujeitos/as as identidades mudam. A título de exemplo, é comum nos guetos homoeróticos nos depararmos com diversos homens que depois de adquirem uma certa idade começam a externalizar seus sentimentos homoeróticos, os homens nesse momento de suas frequentemente já possuem uma estabilidade financeira, vivem em suas próprias casas, já experimentaram sexo com mulheres e já passaram pela vivência do coming out (que explicarei em seguida,) o que lhes permitem viver harmoniosamente sua sexualidade, sem mentiras e medos.

Algumas informantes também reconhecem que a identidade não é permanente, e compreendem que em relação a sexualidade tudo pode acontecer, o fato de experimentar um outro sexo não classifica a pessoa num rótulo, como expressaram:

Roberta⁴⁵

Eu também acho que ela pode mudar. Tu nunca sabe o que tu vai encontrar. O que vai acontecer na tua vida. E, a gente está muito ligado com a sociedade. Tudo que influencia, só que isso também pode acho assim. Eu acho que a pessoa vai ta procurando outras fronteiras, que não estão vinculadas com a sociedade. Então, ela acaba, ela pode mudar. Ela pode descobrir que ela pode gostar de ser diferente.

Leila

Acho que todos nós passamos por momento de imaginação, sei lá, um lance homossexual, sei lá.

Kathryn Woodward (2000) contribui para essa discussão trazendo três conceitos: *fluidez da identidade*, que justamente explica que possuímos várias identidades; *crise de identidade no mundo contemporâneo*, no qual somos influenciados pelo processo de globalização, que almeja sujeitos/as iguais e acríticos e por fim a idéia de *posição-de-sujeito*, que nos permite sermos e assumirmos identidades dependendo do tempo e do espaço em que estão inseridos, um exemplo que aborda a questão de posição-de-sujeito, seria quando observarmos um homem que se diz e mantém características ditas como heterossexual no trabalho e na família, mais no cotidiano de sua vida amorosa, suas relações sexuais também exploram o campo sexual homoerótico (ou vice-versa).

Na 7ª fase, eu fiz a seguinte pergunta: O fato de alguém ter mantido uma única experiência com o mesmo sexo, ela é homossexual? Em seguida Laura⁴⁶ respondeu:

“Eu acho que não. Ela simplesmente quis experimentar, depois ela vai analisar o que sentiu e vai saber se ela quer continuar as relações com os dois sexos ou não. Eu acho que ela só quis experimentar”.

Esta resposta deixa claro que para esta informante a fluidez de identidade existe e que a identidade não é fixa, sendo possível “experimentarmos” o universo da heterossexualidade e da homossexualidade, ou seja, a fronteira entre esses universos é a possibilidade da prática não rotulativa, sem ser empregado em determinada categoria fixa ou em pólos estanques de vivências da sexualidade humana.

⁴⁵ Roberta é aluna da 7ª fase.

⁴⁶ Laura é aluna da 7ª fase.

A identidade é relacional, e esse me parece um ponto muito importante na construção de nossas identidades. Segundo Silva (2000) quando nos identificamos com algo, geralmente nos identificamos com aspectos positivos. Frequentemente ouvimos as pessoas se auto afirmarem: “sou bonito”, “sou homem”, “sou macho”. Entre outros exemplos, o verbo “ser”, expressa a afirmação das identidades. Ainda nesse raciocínio, o ato de se afirmar “sou homossexual” não é muito fácil para muitos homens e mulheres. Já a diferença, seria o que o outro é: “ele é gay”, “ela é sapatona”, “ele é negra”, “ela é americana”.

Quando o autor traz estas relações entre identidade e diferença, entendo que quando nos identificamos com algo, necessariamente estamos nos diferenciando de possíveis identidades. Isto significa dizer que somos um contraponto do que não somos. Um dos aspectos negativos nessa relação é considerar a/o outro/a o diferente, o anormal, o desvio, afinal o que eu sou é o melhor, é o positivo. Entre o “eu” e o “outro” está marcada uma oposição binária entre esses dois pólos; o problema é que as oposições binárias sempre discriminam um dos lados, exemplos não faltam: a supervalorização do “ativo” em relação ao “passivo”, do homem em relação à mulher, homossexual/heterossexual, magro/gordo, bonito/feio, másculo/efeminado, feminina/sapatona, gay/lésbicas, novo/velho e outros.

A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas influenciadas por atos performativos⁴⁷, aqui as palavras possuem um poder enorme na construção das identidades. Quando se fala para alguém que ele é “viado” essa palavra deixa marcas nos sujeitos, que de certo modo influencia na vida desses sujeitos. Aqui a influência de atos performativos entra com a repetição maçante do ato linguístico observo com muito frequência ocorrer isto no curso de Educação Física da UFSC. Dando continuidade ao exemplo acima, o fato de chamar apenas uma vez um colega de “viado” quando esse por exemplo brinca com um colega é muito diferente de um outro caso, em que o sujeito repetidamente é chamado de “viado”.

Guacira Louro (1997) de uma forma bem sensível descreve a seguinte realidade:

⁴⁷ Conceito de Judith Butler citado por Silva (2000).

Há ainda uma difícil barreira de sentido a superar: para que um/a jovem possa vir a se reconhecer como homossexual, será preciso que ele/ela consiga desvincular gay e lésbica dos significados a que aprendeu a associá-los, ou seja, será preciso deixar de percebê-los como desvios, patologias, formas não-naturais e ilegais de sexualidade. Como se reconhecer em algo que se aprendeu a rejeitar e a desprezar? Como, estando imerso/a nesses discursos normalizadores, é possível articular sua (homo)sexualidade com prazer, com erotismo, com algo que pode ser exercido sem culpa? p.83.

Existe na nossa sociedade o sexismo, que normatiza e define a heterossexualidade como norma, o padrão sexual aceito como “natural”, “normal”, em contra partida da homossexualidade é considerada “não natural”, como bem falou os seguintes informantes:

Walter⁴⁸⁴⁹:

Uns são violentos, outros gostam de coisas escandalizadoras, coisa anormal. Colocar a mão dentro do outro. Uma coisa absurda. E tem o “normal”, que é o casal.

Carla:

O homossexual só quer sexo, que tem essa visão, concepção, ne, sabe, pegar herpes, pegar HIV. É o que as pessoas acham, entendeu, quer disser que dois homens juntos, ische, isso ai só quer transar, entendeu, baile gay, orgia...

Com esses depoimentos, ainda percebemos que a homossexualidade é identificada como algo ruim, negativo, promíscuo, frágil. Contudo como bem discute Nunan (2003) existem os preconceitos positivos, que seriam as idéias positivas pré-existentes sobre os homossexuais, como : sensíveis, criativos, engraçados, inteligentes, situação financeira estável, entre outros.

A questão da identidade tem grande importância dentro dos estudos de gênero. Questões iguais às mencionadas por Louro logo ganharam uma sustentação teórica a partir do conceito de identidades de gênero.

Segundo Robert Stoller (1993) o termo identidade de gênero “(...) se refere à mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes (p.28).”

⁴⁸ Walter é aluno da 7ª fase.

Refletindo a partir dessa definição, considero que as categorias masculinidade e feminilidade foram criadas pela humanidade evidenciando um modelo hegemônico para a masculinidade e feminilidade. Contudo, a questão não está em encontrar uma feminilidade nos homens ou uma masculinidade nas mulheres, mas sim compreender todas as possíveis masculinidades e feminilidades como sendo parte das variações de homens e mulheres sem que essas diferenças sejam compreendidas de forma exclusiva, incompletas ou desviantes.

Stoller (1993) explica que o conceito de identidade de gênero é fortemente marcado por influências biológicas e psicológicas, por isso ele utiliza o conceito de identidade de gênero nuclear, que resulta de “forças” biológicas (genéticas); da designação do sexo no nascimento (aparência da genitália); da influência incessante das atitudes dos pais (o papel da mãe e do pai na formação da masculinidade e feminilidade); dos fenômenos “bio-psíquicos”: efeitos pós-natais precoces causados por padrões habituais de manejo do bebê e pelo desenvolvimento do ego corporal (confirmação do bebê a respeito das convicções dos pais em relação ao seu sexo).

Resumindo, essa visão mais nova da identidade de gênero considera que a feminilidade nas mulheres não é apenas inveja do pênis, ou negação ou aceitação resignada da castração. Uma mulher não é exatamente um homem fracassado. A masculinidade nos homens não é simplesmente um estado natural que precisa apenas ser preservado para desenvolver-se sadiamente. Ao contrario, ela é uma conquista.

Apesar de ser um conceito importante à questão da identidade, Stoller acaba dando ênfase às questões biológicas e quase não trabalha com os aspectos culturais na construção das identidades, que a meu ver são os principais agentes nessa relação.

Mesmo que seja através do corpo que as pessoas geralmente identificam os sujeitos homossexuais, que é o que veremos nas falas que seguem, as gestualidades e o toque só ganham esses significados rotulantes quando lidos por uma determinada cultura.

João:

Eu também já tive esse tipo de problema, de ver uma pessoa e pensar que era homossexual, até hoje eu não sei que a pessoa é homossexual, eu não perguntei isso para ela, mas associavam do tipo: ah é gestos mais femininos, tipo tratamento com mulher diferente, muito toque, coisa que os homens as vezes, certos homens também guardam um pouco as vezes de ficar tocando nas mulheres, eles já tem um tipo de liberdade maior e isso agente associa com sei lá, com a relação homossexual, mais as vezes não tem nada a ver com, eu particularmente hoje, eu não sei se a pessoa é homossexual ou não, olhando ela parecia que sim, agora conversando com ela é diferente.

e completa:

O tipo de toque, tipo a conotação que você dá para o toque na mulher, o homem por exemplo, é acho que é um pouco diferente, as vezes como um homossexual toca numa mulher, entendeu, nesse sentido agente consegue as vezes captar alguma coisa diferente, e dá um signo para isso, como uma brincadeira.

A relação do corpo com a homossexualidade será tratado um pouco mais no próximo item, articulada com a reflexão de gênero, identidade e Educação Física.

3.2. Gênero, identidade, e suas relações com a formação dos professores de educação física no CDS

No campo de conhecimento da Educação Física, a discussão sobre gênero é recente. O primeiro trabalho, data de 1990, foi a tese de doutorado da professora Elaine Romero, do Espírito Santo, intitulado “Estereótipos femininos e masculinos em professores de educação física.”

Através de 407 entrevistas com professores da rede oficial de ensino do Estado do Rio Grande do Sul, chegou-se a alguns dados estatísticos que apontam estereótipos para cada sexo.

Para os alunos, os adjetivos correspondentes foram: agressivo, ativo, autoritário, capaz, dedicado ao lar, delicado, esportivo, forte (fisicamente), independente, líder e machista. Para as alunas, foram: atraente, ciumenta, decidida, elegante, leiga, responsável, sensível e vaidosa. Já para ambos os sexos os adjetivos encontrados foram: ambicioso(a), carente afetivamente, companheira(o), compreensivo(a), comunicativo(a), corajoso(a), dedicado(a), educado(a), habilidoso(a), leal e realista.

A partir desses dados a autora: “(...) constatou-se a presença de estereotipia, definindo, de acordo com as expectativas, um perfil do aluno segundo o seu sexo” (p. 230).

Alguns trabalhos vieram a contribuir para uma Educação Física voltada para a discussão das diferenças biológicas e culturais entre alunos e alunas. Nesta mesma direção, até mesmo os Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física (PCN-EF, 1997), trouxe à tona uma breve discussão das questões de gênero e a Educação Física.

A primeira parte do PCN-EF, denominada caracterização da área de Educação Física, trata da questão Cultura corporal e cidadania, é dito:

No que tange à questão do gênero, as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias. (p.30)

Numa primeira análise, poderíamos avaliar que os PCN-EF respeitam e comprometem os profissionais da área a atuarem em uma perspectiva plural da diversidade no que se refere a gênero. Mas analisando com um pouco mais de critério, percebe-se que o fenômeno é compreendido, mas na exemplificação existem algumas falhas, ou mesmo ideologias ainda calcadas em um paradigma de esporte institucionalizado e acrítico no sentido de não apontar uma base concreta e fundamentada para as intervenções na escola.

Em relação à homossexualidade, são raros os trabalhos na área e o PCN-EF não discute a questão da homossexualidade.

Sempre que me perguntam como “trabalhar” com um aluno homossexual. Logo respondo que da mesma forma como eles trabalham com os outros alunos, com uma pequena e significativa diferença, que a problematização, isto é, quando ocorrer situações como a descrita pela professora da 7ª fase: “É sempre com o homem, mulher não tem problema nenhum, um atrás do outro, pronto, eles pedem, tem uma mulher para entrar aqui no meio”.

É justamente nesse momento que o professor tem de pensar alguma estratégia de atuação, no sentido de “desmistificar” esse preconceito. Por isso, resgato nesse momento a concepção de aulas coeducativas na educação e na Educação Física.

Segundo Saraiva Kunz (1992, p.31) a concepção coeducativa é entendida como: “(...) uma prática conjunta de meninos e meninas, rapazes e moças, homens e mulheres, desenvolvida numa prática pedagógica que tenha pôr base o sistema social em seu processo de auto-entendimento e transformação”.

Defender a idéia de que meninos e meninas devem ter aulas de Educação Física (co-educativas), não quer dizer que podemos deixar de lado as diferenças biológicas existentes entre ambos os sexos, as singularidades humanas, mas, também, não podemos deixar de perceber que a desigualdade social é produzida através da história e que só vamos ter uma socialização sem discriminação entre ambos os sexos ou com as diferenças existentes no mesmo sexo, quando houver práticas sociais que as envolvam.⁵⁰

Este envolvimento compromete todo o contexto escolar, principalmente os (as) educadores(as) que possuem uma visão menos estereotipada das relações de gênero. Os(as) alunos(as) trazem de casa muitos estereótipos que, se forem trabalhados de uma forma a evidenciar essas desigualdades sócio-culturais entre homens e homens, mulheres e mulheres e homens e mulheres, poderão perspectivar uma transformação neste contexto e influenciar na própria sociedade.

Ainda sobre esse assunto, Saraiva Kunz (1996, p. 125) comenta:

(...) é necessário que os professores de E.F. sejam capazes de entender o processo de construção e legitimação social de determinada realidade e tal, pouco a pouco, fazer compreensível e manipulável à seus alunos. Fazer com que tais idéias sejam 'manipuláveis' pelas crianças e jovens, significa a apropriação cognitiva e afetiva do fenômeno relacionamento entre sexos diferentes. Esse relacionamento é condicionado por aspectos físicos e comportamentais dos alunos, ou melhor, pelas concepções que se estabelecem a cerca desses aspectos (...)

Existem diferenças concretas entre a concepção de aulas mistas e aulas coeducativas na educação física. Entendo que não é e nem será fácil trabalhar nesta abordagem, contudo temos que iniciar este processo e talvez, conseguiremos alguns avanços nas relações desiguais entre nossos.

Essa dificuldade pode ser atribuída entre outros fatores a perspectiva do esporte de rendimento, por isso trago algumas possíveis aproximações entre esporte, estereótipos de gênero e homossexualidade.

Não somente nesse trabalho, como para a Educação Física em geral, o esporte vem sendo pesquisado, criticado, transformado, tendo o marco dessa na década de 80, quando alguns(mas) estudiosos(as) da nossa área passaram a questionar uma educação física mais significativa para a escola, clubes e alto nível.

Entendemos o termo esporte assim como cita Bracht (1989, p.70):

⁵⁰ Ver também tese de doutorado de Souza, Eustáquia S. (1994). **Meninos à marcha! Meninas à sombra!** Tese de doutorado em Educação. Campinas, Unicamp.

(...) refere-se a uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura europeia por volta do século XVIII, e que com esta, expandiu-se para todos os cantos do planeta. No seu desenvolvimento consequente no interior desta cultura, assumiu o esporte suas características básicas, que podem ser sumariamente resumidas em: competição, rendimento físico-técnico, record, racionalização e cientificação do treinamento.

Esse conceito dá as primeiras evidências que revelam o valor que essa manifestação cultural tem para a população e por outro lado, aponta para o caráter competitivo com vistas ao rendimento que ele trás consigo.

Kunz (1991, p.110) descreve os princípios e tendências que têm determinado as práticas esportivas como sendo:

- princípio da sobrepujança: idéia de que qualquer um, qualquer equipe, tem a possibilidade de vencer em confrontos esportivos. Busca-se a vitória, o sobrepujar o adversário;
- princípio das comparações objetivas: chances iguais para todos nas disputas esportivas. Todo o trabalho de produção do rendimento esportivo exige a adequação das ações esportivas a estes espaços padronizados e às regras motoras bem rígidas.
- tendência do selecionamento: os alunos são, de forma consciente ou inconsciente, selecionados, classificados pelas suas habilidades/inabilidades esportivas. Este selecionamento tem também uma relação muito direta com a idade, sexo e o próprio biótipo físico.
- tendência da especialização: quando do aluno é esperado uma boa técnica esportiva, um alto grau de rendimento esportivo, reduz-se ao máximo o repertório de ofertas em relação às modalidades esportivas.
- Tendência da instrumentalização: diz respeito aos acréscimos na performance, às regras e métodos que levam ao sucesso esportivo ou melhor rendimento.

Primeiramente o princípio da sobrepujança, no qual percebemos que o vencer a todo custo, é o grande objetivo do esporte de rendimento. Quando este último é sublimado para a escola, trás consigo os princípios e tendências aqui expostos.

Temos que garantir espaços de vivências para todos os alunos em igualdade. Não podemos dar por exemplo, mais tempo de jogo aos alunos bons, e menos tempo para as alunas ou alunos homossexuais, pois esses últimos geralmente não são escolhidos pelos alunos para jogarem em seus times por serem considerados fracos, ou porque atrapalham o desenrolar do jogo. De certo modo foi o que ocorreu no filme quando Jamie foi expulso da aula de futebol, os colegas não se importavam com presença ou ausência de Jamie na aula, pois além de ser considerado homossexual, Jamie não gostava de jogar futebol, por isso foi excluído da aula. Jamie só começou a ser introduzido no grupo de colegas, quando ganhou uma bola de futebol e poderia assim emprestá-la para os colegas jogarem.

Por isso, o princípio das comparações objetivas institucionaliza que as modalidades devam ser masculinas e femininas, pois as diferenças biológicas entre os sexos justificam por si uma separação que objetiva nivelar e normatizar o esporte. Esse princípio desconhece as inúmeras idiosincrasias existentes por exemplo no universo masculino, que é constituído por muitas possibilidades masculinas, não desconsiderando que em nossa sociedade existe uma masculinidade hegemônica, por isso não basta separar por sexo.

É claro que compreendemos as diferenças biológicas existentes entre os sexos e, então, o esporte de rendimento realmente deve separar mulheres de homens, ou pelo menos, como já utiliza índices de comparações distintos em competições nas quais homens e mulheres no mesmo tempo e espaço, constroem a cultura corporal e esportiva.

O problema é que tanto na escola, como no lazer em geral, os(as) praticantes, alunos(as) e professores(as) perspectivam este conceito binário para as práticas nesses âmbitos, nas quais poderiam não normatizar e praticar ambos (mulheres e homens) no mesmo local através de regras contextualizadas e flexíveis, possibilitando o jogo para este grupo.

Esse também é o desejo contido no poema de Rainer Rilke apud Maurício Silva (2002, p. 27):

(...) Os sexos estão talvez mais próximos do que se pensa e talvez seja esta a chave da grande renovação do mundo: o homem e a mulher, libertos de todos os seus erros, de todas as suas dificuldades, não tornarão a procurar-se como contrários, mas como irmãos e irmãs, como parentes. Unirão as suas humanidades para suportar juntos, gravemente, pacientemente, o peso da carne difícil que lhes foi dada.

Quando menciono regras contextualizadas e flexíveis, para determinado contexto, estou falando que as habilidades esportivas individuais, vivências em lutas, dança, capoeira, jogos e outras modalidades esportivas, tempo-espaco para a prática corporal, instrumentos necessários, entre outros componentes dessas práticas, devam ser respeitados e trabalhados de acordo com esse grupo, por isso, a diferença não será o problema mas sim um ponto para novas práticas transformadoras.

Só vamos ter uma socialização sem discriminação entre ambos os sexos, quando houver práticas sociais que as envolvam, e com isso as oportunidades de vivências para ambos (alunos e alunas) bem como o respeito e entendimento das diferenças, poderão contribuir para uma melhor interação entre os sexos⁵¹.

Temos na tendência do selecionamento, uma fonte de estereótipos de gênero para as aulas de Educação Física. Isto porque, só os mais aptos, habilidosos, fortes é que são selecionados para participarem de uma determinada prática corporal.

Considero um equívoco separar os meninos das meninas, colocando os alunos “considerados mais frágeis” com as meninas. Estamos falando de coeducação e não de aptidão, digo isto pois entendo as diferenças biológicas existentes entre meninos e meninas, mais essas diferenças não impedem que eles conjuntamente aprendam e melhorem seus movimentos e práticas corporais numa mesma aula.

Percebo que frequentemente os alunos com tendências homoeróticas são selecionados apenas para aquelas atividades consideradas delicadas e mais femininas, como dança, teatro e pintura. Isso só vem a reiterar o estereótipo do gay efeminado e não contribui para uma formação plena das vivências corporais dos nossos alunos. Quanto mais ampliarmos nos conteúdos e quanto mais todos os alunos e alunas possam participar de todas as atividades, estaremos mais próximos de não ter que tratar como um problema isolado o fato de termos em nossas aulas alunos homossexuais. No último item desse capítulo, resgatarei algumas experiências profissionais dos informantes e como eles interferem em situações concretas que envolvam sujeitos homossexuais.

Apropriamo-nos de uma parte do artigo “O Gênero: Confronto de Culturas em Aulas de Educação Física”, da autora Saraiva Kunz (1994), quando trata da questão: Esporte X Gênero.

⁵¹ Estou fugindo de tratar separadamente a homossexualidade desse contexto maior, pois quando se consegue tratar com respeito as diferenças, os sujeitos homossexuais também serão tratados em sua plenitude.

Para a autora, o esporte vem se modernizando a partir das concepções da sociedade industrial, o que ocasionou na transmissão dos valores de um universo cultural masculino (que é o padrão do mercado econômico da sociedade industrial), para as práticas corporais no esporte e na educação física.

Dentro deste contexto, o esporte fica rígido, favorecendo as desigualdades entre os fortes e fracos, agressão e sensibilização, rendimento e ludicidade.

Uma grande consequência, para a autora, é a “dessensibilização” da categoria “gênero humano”, na medida em que é o “gênero masculino” e eu acrescento: heterossexuais, que prevalece nas relações sociais e entre essas no esporte, ou seja, o padrão masculino é privilegiado na sociedade, o que ocasiona em uma “dessensibilização” tanto dos homens, quanto das mulheres.

Remetendo essas considerações para a escola, a disciplina educação física trabalha em sua maioria com a perspectiva do esporte de alto nível, calcado na abordagem biológica, que estigmatiza os clichês das relações desiguais entre os sexos, por isso, muitos conflitos aparecem e não são discutidos.

Propostas para trabalharmos estas relações desiguais poderiam partir de um melhor entendimento da concepção coeducativa, do esporte da⁵² escola, de outros conteúdos como jogo, dança, capoeira, expressão corporal, do trabalho em grupo (alunos e alunas), da discussão a partir de textos, filmes, reportagens de jornais e revistas, além de compreender o conceito de androginia, tudo somando-se como uma perspectiva para a alteridade do gênero. Desta forma iremos contribuir no sentido de transformações individuais, coletivas e sociais.

É através do conceito de Androginia, que corresponde a uma troca mútua entre ambos os sexos, onde deve-se respeitar os contrários de cada sexo, aceitando, assim, o que o outro pode ser “em mim”, sem perder a característica de homem ou mulher.

A professora da 1ª fase comentou que:

⁵² Cf. Bracht, V. (1992). **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister.

Eu acho que a gente encara de forma diferente o sentimento, por algo que a gente gosta, a forma de encarar o sentimento ou seja quando eu vi o filme duas pessoas que sentem os mesmos prazeres, ou seja, quando eu sinto o prazer, eu sinto prazer independente se for convivido por duas mulheres, dois homens ou por um homem e uma mulher, então quando eles estão passeando lá, que eles se descobrem, estão correndo no parque, eu fiquei pensando assim, quem me dera estar acompanhada com um namorado, como é bom estar acompanhada fazendo isso, então eu digo, estar na questão do sentimento, o trato que a gente dá ao sentimento.

O trato com os gêneros seria de acordo com Saraiva Kunz. (1993, p. 130) um entendimento flexível sobre as características dos homens e das mulheres: “Mas nenhum tenderia a extremos: os homens não ostentariam uma atitude machista, nem as mulheres fingiriam um caráter ingênuo de dependente.”

Foi pensando na possibilidade da Androginia para os seres humanos, que Saraiva Kunz também vê a sua possibilidade nas dimensões do esporte da escola:

O sonho humano da Androginia, traduzido do reino mítico da fantasia ao reino da racionalidade científica, abre também para o esporte novas possibilidades. O mundo próprio dos esportes e seu caráter lúdico (não pensando o esporte de rendimento), permite, apesar da normatização cultural e social, um espaço livre para a experimentação de novos e abrangentes papéis dos sexos. (p.132)

É realmente acreditando nesta possibilidade, que avalio que a Educação Física da atualidade, ainda está distante de uma possível alteridade das relações estereotipadas de gênero. Isto porque, ainda não conseguimos em nosso campo de atuação repensar nossos objetivos, conteúdos, metodologias, avaliações, sem o referencial estereotipado de um padrão de mulher (aluna) e de homem (aluno) pautados na heterossexualidade, o que determina uma exclusão de todas as outras manifestações sexuais, entre essas a homossexualidade.

Essa exclusão é especialmente marcada no corpo, pois como atribui Louro (2000): “O locus da construção das identidades é o corpo. Ali se inscreve e, conseqüentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos” (p.71).

Cobranças do tipo: ande, fale, gesticule, sente como um homem, ou ande, fale, gesticule direito, é frequentemente dito para aqueles sujeitos considerados homossexuais. Isto porque existe na nossa sociedade um controle sobre os corpos, e principalmente em si tratando do corpo sexuado. Existe um controle para se garantir um corpo masculinizado, que é almejado não apenas em oposição a mulher (feminilidade) mais também é uma oposição ao homossexual e ao corno como aponta Parker (1991).

O corpo passa então a ser o centro das atenções, isto porque: “O próprio corpo humano é tanto o objeto do desejo como o fornecedor da satisfação. É uma fonte de prazer capaz de satisfazer o desejo” Parker (1991, p. 162).

O autor supracitado, realizou uma investigação sobre a cultura sexual brasileira, e constatou que o corpo é marcado por diversos significados que não designam simplesmente o ato sexual, mais são codificados em um sistema de valores culturais. Ele resgatou algumas expressões empregadas para o pênis, como pau, caralho, cacete, pica, mastro, vara, arma, cobra, que decodificam toda a força, violência, atividade, superioridade se compararmos como as expressões utilizadas para a vagina: buceta, buraco, gruta, racha, xoxota, greta, perereca, aranha, que denotam inferioridade, passividade e imperfeição.

É interessante notar como outras expressões usuais associadas ao sexo possuem sentidos para além do sexo propriamente dito. *Porra*, por exemplo, representa a potência, força masculina. *Corno*, seria o homem fracassado, como o viado. *Piranha* ou *puta* (peixe agressivo), é empregado para as mulheres que fogem ao padrão de mulher aceito no Brasil, muito influenciado pela Virgem Maria. *Sapatão*, associa-se a sapato utilizado pelos homens, denota um sentido de masculinidade nas lésbicas. *Viado*, já comentado no primeiro capítulo, é associado a um animal dócil e feminino.

Segundo Louro (2000, p.69): “A vigilância volta-se, então, explicitamente, para os corpos. Uma vigilância que é exercida não somente a partir do exterior, da obediência às regras, aos preceitos ou aos códigos, mas que é exercida pelo próprio indivíduo que, precocemente, aprende a se examinar, controlar, governar”.

Essa vigilância possui claramente papéis fixos, aos homens, mulheres, putas, viados, cornos, e outras categorias. Na sociedade brasileira, essas personagens possuem um traço de personalidade e atitude rotulativa, fixa e preconceituosa, que é influenciado pelo binarismo atividade e passividade.

Aos mesmo tempo em que existe um padrão sexual considerado o normal, também existe o entendimento que o prazer máximo é atingido através de práticas de transgressões, fantasias eróticas não convencionais e ruptura do padrão público/privado, que estabelece a privado como *locus* sexual.

Quanto a esse respeito, Parker (1991, p.170) comenta que:

Na transgressão das regras e regulamentações, das proibições e tabus, o desejo se manifesta na fantasia. Esta, por sua vez, torna-se um modelo erótico. Assim como é moldada pela ideologia erótica, ela oferece uma visão alternativa do universo sexual – um universo dominado não pelo hierarquia de valores nem pela economia utilitária da energia, mas por paixões e prazeres. Dentro desse passional (um mundo no qual o desejo e a excitação têm precedência sobre a dominação e a subjugação), o erótico aparece como uma espécie de jogo no qual a principal regra é que as próprias regras têm de ser derrubadas.

É justamente nesse momento que as figuras estigmatizadas como as prostitutas, cornos, homossexuais, bissexuais, transsexuais, são também fontes de prazer. Esta contradição pesa para esses sujeitos que ora são considerados desvios, ora gozo, pecado, aberração sexual, “coisa”, enfim, objeto de desejo de caráter alienante.

Este, pode ser considerado como um dos fatores que pesa para um sujeito homossexual se identifique enquanto um indivíduo gay, pois as ambiguidades pesam mais para o preconceito do que para o prazer.

Por isso, penso que a questão da opção sexual homossexual tão levantada pelos alunos da 7ª fase necessita de um olhar mais crítico: assumir ou não assumir, é uma opção ou não, crise de identidade, enrustimento, ainda carece de um debate menos preconceitoso e heteronormativo.

Quando perguntei para os meus informantes se eles conheciam algum homossexual no curso a maioria disse que não, e complementavam dizendo que não conheciam mais tinham “suspeitas”, pois estes indivíduos são classificados como “camuflados”, “enrustidos”, “não assumidos”. Apenas Marcos⁵³ disse conhecer homossexuais no CDS: “Eu conheço, eu acho que se assumir contribui para ela, a personalidade dela fica mais , não sei, eu acho que ela consegue se relacionar melhor com os outros, não fica assim achando, achando preconceito encima dela tal, para ela é melhor.”

Assumir uma identidade homossexual implica em vários fatores, por esse motivo os próprios investigados possuem opiniões diversas sobre esse assunto. Trarei algumas opiniões dos alunos da 7ª fase:

Walter:

Acho importante, pois se o cara chegar e impor eu sou pronto e acabou, e aí? Os caras não enchem mais o saco...

⁵³ Marcos é aluno da 7ª fase.

Esta fala vem reforçar o que Louro (2000) reflete sobre as marcas visíveis nos corpos de sujeitos homossexuais em contra partida da invisibilidade dos corpos heterossexuais, que não necessitam afirmar sua identidade sexual, ao contrário dos homossexuais que querem assumir sua identidade e geralmente enfrentam muitos obstáculos para se afirmarem gays. Talvez a questão não seria “impor” mas dialogar com pessoas que realmente possam contribuir para a aceitação e convívio com a descoberta dessa identidade. Quando se quer assumir gay, é interessante buscar pessoas (amigos, família, líderes) mais próximas e acolhedoras que ajudarão nesse processo de Coming Out.

A via política é outra possibilidade de os homossexuais poderem assegurarem seus efetivos direitos humanos, por exemplo a lei de união civil, e por outro lado o papel da educação na formação de homens e mulheres assumidos em sua sexualidade, desprovidos de preconceitos sexuais e a discussão não pautada em estereótipos sexistas são algumas das sugestões para uma pedagogia e um currículo *Queer*, que segundo Louro (2001, p.550):

Dentro desse quadro, a polarização heterossexual/homossexual seria questionada. Analisada a mútua dependência dos pólos, estariam colocadas em xeque a naturalização e a superioridade da heterossexualidade. O combate à homofobia – uma meta ainda importante – precisaria avançar. Para uma pedagogia e um currículo *queer* não seria suficiente denunciar a negação e o submetimento dos/as homossexuais, e sim desconstruir o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados. Tornar evidente a heteronormatividade, demonstrando o quanto é necessária a constante reiteração das normas sociais regulatórias a fim de garantir a identidade sexual legitimada. Analisar as estratégias – públicas e privadas, dramáticas ou discretas – que são mobilizadas, coletivas e individualmente, para vencer o medo e a atração das identidades desviantes e para recuperar uma suposta estabilidade no interior da identidade-padrão.

Sobre o coming out (assumir-se, sair do armário) farei uma aproximação entre o que Paula entende e o que reflete Adriana Nunan (2003).

Paula se posiciona assim: “Acho que o fato de ser hétero ou seu homo não seria uma opção, seria praticamente uma coisa imposta, a tua opção no caso seria de seguir o que o teu corpo, o que teu coração pede, ou ficar tentando a vida inteira lutar contra isso.”

Essa concepção é fundamental para a diferenciação entre opção sexual ou escolha sexual e o coming out. No senso comum, é frequente o entendimento que a homossexualidade seria uma escolha ou opção do sujeito, em contra partida os homossexuais se defendem ao asseverarem que não optaram ou escolheram ser homossexuais, apenas são, assim como se nós perguntarmos os heterossexuais se eles optaram em ser héteros, eles certamente vão responder que não. O fato é que não existe um momento em que decidimos em ser isso ou aquilo, existe sim o momento de assumir ou não uma identidade homossexual, o que não ocorre com os heterossexuais por razões já expostas.

Nunan (2003, p. 126) entende que:

Enquanto a homossexualidade em si não é considerada uma escolha, pode-se dizer que em um sentido mais profundo o indivíduo de fato escolhe tornar-se gay (isto é, adotar uma identidade gay) quando atravessa o rito de passagem conhecido como *coming out*. Sucintamente, *coming out of the closet* refere-se ao processo através do qual o homossexual revela sua orientação sexual a outras pessoas (sejam familiares, amigos, colegas de trabalho ou estranhos), tornando-se visível, culturalmente inteligível e desafiando abertamente o discurso sexual hegemônico.

O próximo depoimento é o da professora da 7ª fase que perguntou: “Para que que tem que assumir?” Rapidamente Leila respondeu que: “Para ter uma clareza, porque agente tem relações.”

É, não é fácil viver eternamente na mentira, sendo que a título de exemplificação, observo vários homens enrustidos que procuram encontros sexuais ocasionais, utilizam-se de nomes fictícios, o contato inicial é via internet ou bate-papo (por telefone), sem nenhum envolvimento sentimental, só sexual.

Existem indivíduos que se enquadram nesse modelo, mais existem outros, que querem ser reconhecidos e respeitados como homossexuais.

Nunan (2003, p. 124) aponta os estágios típicos da formação da identidade homossexual, que são:

(...) *sensibilização* (geralmente ocorre antes da puberdade, quando o indivíduo começa a se sentir marginalizado e diferente das outras pessoas), *confusão de identidade* (geralmente durante a adolescência, quando pensamentos de uma possível homossexualidade provocam conflito interno e incerteza), *identidade assumida* (durante ou depois da adolescência, quando a homossexualidade é aceita enquanto identidade de *self* e identidade de apresentação, sendo revelada a outros homossexuais) e *compromisso* (adoção da homossexualidade como uma forma de vida, apresentando esta identidade publicamente, embora o grau com que o indivíduo se assume possa variar).

A autora aborda a identidade homossexual em estágios, mas ela deixa claro que esses estágios não são iguais para todos, depende de vários motivos: idade, classe social e meio social, ela considera que a ordem apresentada pode ser alterada ou simplesmente não existir, ou dois ou mais estágios ocorrerem simultaneamente.

A importância de se assumir pode ser um ato político, quando se pensa a homossexualidade como uma categoria política, um modo de encarar a sociedade e reivindicar direitos humanos. Para este debate trago dois depoimentos divergentes, de dois participantes de investigação:

João

A importância de chegar e tá levantando bandeira ah eu sou isso até que ponto isso é necessário, agora se eu falar eu tô perdendo isso aí é diferente. Eu acho que a pessoa tem que agir naturalmente.

Carlos

É, eu acho que a busca é por direitos mesmo, a parada gay, não é para dizer, ah somos gays, o que tá implícito nisso aí é direitos civis, direito que você tem, é muito reducionismo falar ah porque ter um dia gay, tem dia gay porque é minoria, precisa, será que não tem que chegar uma hora que tem que colocar a mão na bunda e gritar porque gays, se a minoria é discriminada, tem que achar uma maneira, deixar as coisas naturais, por enquanto é muito difícil, então tem que apelar.

Recordo-me que no momento em se estavam debatendo a importância ou não da parada de orgulho gay, Carlos foi enfático em afirmar que a luta é por direitos, mesmo avaliando que esse momento é muitas vezes utilizado como comercial ou como ponte político/partidário, ele e eu entendemos que é de suma importância, que os homossexuais possam se unir pelas causas que lhes dizem respeito. A luta é necessária, pois ainda vemos muitos homossexuais sendo vítimas de violência⁵⁴ ou sem qualquer direito civil no caso de morte do parceiro, isto apenas para ilustrar dois exemplos das diversas desigualdades enfrentadas pelos homossexuais.

Essas dificuldades são amenizadas e discutidas nos guetos e pelos grupos organizados pela luta dos direitos humanos dos homossexuais, mesmo que em alguns casos se percebe outros interesses em jogo, é de suma importância que os homossexuais possam se unir por uma causa justa e digna, de viverem em paz.

Então, para que continuar calado? Se a milênios as práticas e os sujeitos homossexuais foram e continuam sem voz na sociedade, esse é um dos principais argumentos de Trevisan contra o enrustimento.⁵⁵

Por fim, trago o seguinte depoimento:

Leila

Essa historia de assumir, acho que tem muito das características das pessoas, as idiossincrasias, por exemplo, se o estereótipo dela for é afeminado, se ele é afeminado e é homossexual, talvez seja mais importante ele assumir mesmo, porque ele já é para todos, talvez todos tenham essa dúvida, que ele seja mesmo homossexual, então o assumir mesmo diante desse preconceito, acho importante, mais a pessoa que não tem esse estereótipo, essa característica mais afeminada no homem, é algo assim normal, sem estereótipos, acho se ele assumir para ele mesmo, para a família dele, para as pessoas que ele conhece, ótimo.

Nesse momento, faz-se importante discutir o preconceito que existe contra aqueles considerados “mona”, “bicha quá-quá”, “Bicha poqui-poqui”, “bicha pam – passivo até a morte” entre outras nomenclaturas ditas ou não ditas para os homossexuais considerados efeminados.

O próprio meio GLBT⁵⁶, influenciado pelo modelo rígido e desigual da sexualidade brasileira, considera os efeminados o lado negro dos gays, pois estes refletem em suma todo o preconceito gerado e estereotipado do homossexual pela sociedade, em outras palavras, se todos os homossexuais não tivessem um estereótipo efeminado, a ambiguidade seria maior e a identidade homossexual só seria revelada se a o sujeito assim o quisesse.

Estou trabalhando na perspectiva de quebra de preconceitos, sendo assim, acredito que a busca de um único modelo, isto é, efeminado, não dará conta de toda a gama de manifestações homoeróticas existentes, por esse motivo, considero um ato preconceituoso e machista tais pensamentos.

⁵⁴ Segundo Mott apud Nunan (2003, p. 79): “Os homossexuais no Brasil contam com uma rejeição de 78% entre a população geral e 82% entre formadores de opinião”. (...) “Os números de violência contra gays e lésbicas também destacam a intolerância brasileira: em 2002 foram assassinados 126 homossexuais, isto é, a cada 3 dias um homossexual é brutalmente assassinado no Brasil.”

⁵⁵ Sobre o assunto do enrustimento, ver a coluna do mês de novembro 2003, de Trevisan, na revista Gmagazine, no qual o referido autor aborda essa questão no artigo intitulado: “Carta a um enrustido”.

⁵⁶ Nunan (2003) chama esse fenômeno de ameaça do estereótipo, ou seja, alguns indivíduos homossexuais temeriam que seus comportamentos sejam associados os estereótipos do efeminado ou mesmo gay.

Ainda pensando sobre o coming out, Nunan comenta que: “A angústia que surge quando o sujeito se descobre homossexual não vem, necessariamente, da descoberta em si, mas da consciência de que ele sofrerá rejeição.”

Aproveitando essa idéia da autora, sou de opinião que a educação para a alteridade deveria ocupar-se com questões práticas como a rejeição. No meu entender, quando se fala de multiculturalismo ou interculturalismo⁵⁷, sobretudo na escola, é de fundamental importância trazer para os espaços escolares e não escolares eventos, debates, campanhas e projetos políticos-pedagógicos de intervenção, com o intuito de confrontar esses problemas, tornando-os objetos de estudo e análise, como por exemplo, pesquisação.

Essa idéia de alguma forma também foi expressa por Leila: “A sociedade reprime o homossexual o próprio homossexual se for natural, dele ser homossexual, agente não sabe, é cria crise de identidade a vida inteira”.

O momento da crise, é para o homossexual um momento muito delicado na sua vida. É a partir desse momento que ele vai decidir sobre a sua sexualidade, e dependendo da forma como ele e o seu meio social tratam da questão, poderá contribuir ou não para a sua vida, política, existencial, profissional e outras como cidadão.

É o que nos revelou Pedro:

Pode ser uma opção, como pode ser uma solução, de alguma coisa, pode ser uma solução da crise de identidade, da crise de identidade sexual, pode ser uma solução para a crise, se você tem uma crise tem que da uma solução para essa crise, ou uma opção para essa crise, eu nunca tive crise, então não tive que optar por nada, eu penso mais ou menos assim. Eu não porque sou heterossexual, porque o meu corpo pede isso, a minha cabeça pediu isso e pronto, eu não precisei escolher, simplesmente aconteceu. Como poderia ter acontecido eu simplesmente nunca ter pensado ser heterossexual e acontecer eu ter nascido homossexual, como pode acontecer de ter uma crise de identidade sexual e optar em seu homossexual.

O momento de crise é aliada de toda uma carga de preconceitos, discriminações, estigmas, estereótipos, aos quais enfrentam os homossexuais nos mais diversos âmbitos sociais, e entre esses o trato como o corpo, a escola e mais especificamente nas aulas de Educação Física, é o que discutirei no próximo item.

⁵⁷ Segundo Fleuri (2000, p. 69) “Assim, em nível das práticas educacionais, a perspectiva intercultural propõe novas estratégias de relação entre sujeitos e entre grupos diferentes. Busca promover a construção de identidades particulares e o reconhecimento das diferenças culturais. Mas, ao mesmo tempo, procura sustentar a relação crítica e solidária entre elas”.

3.3. Educação Física e homofobia: desvelando preconceitos, estigma, estereótipos e confrontando alteridades.

Para iniciar uma discussão sobre o preconceito, a questão do olhar torna-se fundamental, pois este convoca nossa dimensão ética na relação com o outro. Ao reconhecer a diferença no "Outro", recuperamos a dignidade de nos reconhecermos nos nossos limites, na nossa incompletude permanente, enfim, em tudo isso que é essencial e verdadeiramente humano.

É preciso para isso não apenas olhar simplesmente, mais olhar com método, olhar para dentro e para fora, com todos os sentidos, visão de mundo crítica e propondo desconstruções revolucionárias do que se faz, diz, ouve, vê, toca, enfim, luta.

Na tentativa de estabelecer novas relações, busca-se um jeito de ver e pensar as pessoas em suas subjetividades, em contra partida dos conhecimentos científicos, e que prima por perceber o intelecto e conjugá-lo nas suas subjetividades (a visão interior e a inspiração intuitiva). É igualmente preciso modelar esse olhar de forma que se consiga perceber os sujeitos em suas diferenças e que se revelam como algo que encarna a aparição da alteridade,

É a partir da categoria alteridade que entenderemos o preconceito, pois o preconceito é visto como uma forma de construção do outro, de uma alteridade a partir da própria neutralização desse outro. Assim, outorgar significado ao outro é um processo que se dá devido à eliminação da resistência que esse outro pode representar e operar. Implica a negação do outro diferente e, no mesmo movimento, a afirmação da própria identidade como superior/dominante.

Todas as formas de conhecer o outro, a alteridade, passam, necessariamente, pelo preconceito, em razão de que o eu tem dificuldades de se apropriar do outro, daquele que representa a diferença. A base da construção da alteridade passa pela construção da pré-noção do outro; o outro é o que não pode ser contido, que conduz para além de todo o contexto do ser.

Carla, comenta que a relação que estabelecemos com o outro é mediada por modelos: “A sociedade é preconceituosa, não só com os homossexuais, mais também com quem esta fora do peso, enfim, a sociedade quer modelos”. Com essa fala, percebe-se que na relação com o outro existe quase sempre um padrão imposto, que dita a normalidade e a naturalização das relações humanas.

Para discutir a necessidade moderna de se ter um modelo de corpo, trago as discussões de Deborah Lupton (2000, p. 29):

Exercitar-se regularmente, especialmente se isto envolve atividades físicas que não se configuram como jogo e que não estão associadas com o prazer (...) mas cuja finalidade é a manutenção do corpo (...), atua como um marcador da capacidade de um indivíduo para a auto-regulação. Este conceito de exercício está fortemente atrelado ao conceito de saúde como uma ‘criação’ ou como uma realização do eu. Está também relacionado a noções contemporâneas mais amplas de corpo ‘ideal’ como aquele que é controlado firmemente, contido no espaço, destituído de excesso de gordura ou de músculos flácidos.

Em relação a crítica ao modelo heterossexual e por consequência a discriminação ao modelo homossexual, Laura, percebe que o:

Quase não se vê dois homens se beijando na rua, pois como estamos discutindo, os homossexuais são minorias, sofrem preconceito, então eles sabem se eles se beijarem na rua eles vão ser xingados, tem pessoas que não aceitam, e no filme foi uma cena que me chocou, para mim foi a primeira vez, mais eu ficaria calada, mais eu sei que tem gente que ia violentar, ou xingar, agora um casal heterossexual se beijando normalmente todo mundo acha normal, tem cenas deles na TV, então ta todo mundo acostumado a ver, na rua, em casa, pai, mãe, irmão, sei la é normal, casal heterossexual se beijando, então ninguém vai falar nada deles estarem se beijando na rua, agora homem com homem, mulher com mulher, com certeza eles vão sofrer algum preconceito, eu acho que por isso eu não tinha visto até então, porque não é uma cena muito normal, estar assim na rua.

Estabelecer modelos binários, colocando em patamares opostos como bem/mal, normal/não normal, acaba por acarretar nos indivíduos menosprezados nesta relação de desigualdade uma inferioridade por um julgamento pré-existente do seu eu.

Segundo Nunan (2003, p. 59), o preconceito: “Pode ser definido como uma atitude hostil ou negativa para com determinado grupo, baseado em generalizações deformadas ou incompletas”.

O preconceito, que começou a ser estudado na década de 20, resulta de uma racionalização do outro a partir da configuração de uma imagem corporal e um signo linguístico, a que se atribui valores negativos e positivos. Isto é, uma apropriação impessoal da imagem do outro. Já discriminação, seria a ação contra um sujeito ou grupo a partir de um preconceito negativo.

Nunan (2003), aponta quatro causas para o preconceito, o primeiro seria competição e conflitos econômicos e políticos, gerar estereótipos negativos para os adversários é uma forma de evidenciar suas fraquezas e justificar atos discriminatórios, como por exemplo, trazer a tona a homossexualidade do adversário para atingi-lo; o segundo bode expiatório (também chamado de deslocamento da agressividade), seria o deslocamento de um problema social maior para um determinado grupo, que receberia o preconceito mesmo sendo inocente; o terceiro seria os fatores de personalidade, ligados à influência da educação da família, que se for muito tradicional, acabaria por formar personalidades autoritárias, e por consequências, sujeitos preconceituosos e por último causas sociais, na qual cada sociedade teria valores e comportamentos considerados normais e outros não normais.

Discutir a influência da família, é de suma importância, pois, segundo Sócrates Nolasco (1993, p. 81): “A adesão maciça à moral familiar gera um dilema comum na vida dos homens: ou eles estão do lado de suas famílias corroborando as expectativas neles depositadas, ou estão contra ela e então sem referência”.

Em relação à homossexualidade, de forma bem simplista, a família pode ser uma aliada na compreensão e acolhimento da homossexualidade ou como relatam duas informantes, a educação rígida, e valores muito preconceituosos acabam gerando até a vitimização e por consequência o isolamento social.

Professora:

Eu tenho na minha família um tio, casado, tem três filhas, sete netos, ele é cheio dos trejeitos e desde a adolescência cheio dos trejeitos, e vestia fantasia e vestia não sei o que, até que um dia, que o meu avô pegou ele desse jeito e apontou um revólver na cabeça dele, tu não faz mais isso, senão tu vai morrer. Ele nunca experimentou o mesmo sexo, porque ele é pastor, porque ele casou e teve uma vida direitinha.

Roberta:

Eu tenho na minha família um caso de homossexual que é primo, convivi com ele até uns 12 anos, depois ele sumiu, eu fiquei sabendo que os pais dele estavam sabendo, e o pai dele não aceitou, os irmãos não aceitaram, a mãe é a única que não aceitou, mais deu apoio, porque ele tinha ficado sozinho, só que ele se fechou, hoje em dia ele não sai de casa, por não ter sido aceito. Quando era mais nova, eu conheci um rapaz e agente começou a ficar, e daí eu descobri que ele morava na mesma rua que o meu primo, e ele descobriu que eu era da mesma família, daí ele sumiu, simplesmente, daí eu senti que rolou um preconceito total e ele sumiu, ele falava que o pessoal da rua falava do meu primo, até hoje eu nunca tive a oportunidade de falar com o meu primo, até hoje eu não sei como ele está, eu tinha vontade de conviver mais com ele, até de tá ajudando, uma pessoa que não trabalha, vive do dinheiro que a mãe dele dá para ele, ficou assim.

Nessas falas fica evidente o quanto é prejudicial para os homossexuais não receberem de seus familiares um apoio, apenas uma tia no segundo depoimento efetivamente o aceitou. Não considero o isolamento social uma saída, para essa relação preconceituosa, acredito na superação individual dos homossexuais que se encontram nessa condição, ou na busca de ajuda especializada (psicólogos), mais com certeza, os amigos contribuem em muito para a superação de tais traumas.

O processo de vitimização, de forma geral, é frequente nos homossexuais que acabam entendendo que os preconceitos e as discriminações sofridas são de alguma forma “culpa” deles mesmos. Esse processo é doloroso e conflituoso, assim como mencionei acima, a influência do meio social é de extrema importância, para que essa vitimização se transforme em força e vontade de viver, como um cidadão “normal”, “(...) acho bom frisar”.

O processo de transformação, da vitimização para a vitalização (vontade de viver) é dificultada pela cristalização do preconceito em nossa sociedade, como percebe-se na fala de Bruna: “Esse preconceito já vem há muito tempo, sempre vai continuar passando, enquanto não mudar ainda, muito difícil alguém mudar de opinião”.

Essa questão da cristalização do preconceito é questionável, isto porque talvez ele não acabe, mais existe sim, possibilidades de olhares e atitudes pautadas em valores menos desiguais, emancipatórios e éticos. Afinal, o preconceito não é um traço permanente e inerente da espécie humana, ele é formado a partir dos conhecimentos e contextos culturais aos quais estão inseridos, por isso ele pode mudar ou não existir mais.

Para dar continuidade ao debate sobre o preconceito, cabe trazer à tona o conceito de estigma, formulado inicialmente na antiga Grécia, e repensado por Goffman (1988):

O estigma é a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena (...) o termo estigma será usado [pelo autor] em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto, ele não é, em si mesmo, nem honroso, nem desonroso.

Goffman, ao tratar do estigma utiliza-se de duas categorias: a condição de desacreditado e desacreditável. A condição desacreditado que incluem: as abominações do corpo (as várias deformações físicas), as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais (alcoolismo, homossexualidade e outros) e os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de uma linguagem e contaminar por igual todos os membros de uma família.

Já a condição de desacreditável é compreendida quando a diferença não é imediatamente aparente, perceptível ou que dela não se tenha um conhecimento prévio (como por exemplo o analfabetismo). Eu também colocaria a homossexualidade nesta condição, afinal, o *enrustimento* de muitos homossexuais é camuflado, pois eles buscam manter um corpo masculinizado, e/ou componente sociais que marcam a heterossexualidade como uma aliança de casamento. Passar da condição de desacreditável para desacreditado é a forma encontrada por muitos homossexuais que não querem mais viver sob mentiras ou às escondidas.

Quando se discute preconceito, discriminação, estigma e estereótipos inseridos no tema da homossexualidade, é de suma relevância ética resgatar os conceitos de homofobia e preconceito sexual.

Tem-se discutido atualmente o uso ou não do conceito de homofobia, pois considera-se o termo muito ligado à psicopatologia, deixando de lado as influências sociais, por isso, Nunan (2003, p.78) prefere o uso do conceito de preconceito sexual, entendido: “Como atitudes negativas direcionadas a um determinado indivíduo (ou grupo) por causa de sua orientação sexual”.

Welzer-Lang (2001, p. 7) define homofobia como “A discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero. A homofobia engessa as fronteiras do gênero”.

Não percebo diferenças epistemológicas entre esses dois autores e suas definições, por isso, utilizo ambos os conceitos como sinônimos.

O ódio, aversão à homossexuais, segundo alguns dos sujeitos também são expressos no CDS, como aponta Carla: “Tem umas fases anteriores a nossa fase, é, quando fala de sexo e sexualidade e fala sobre homossexual, faz uhhhhhh, sabe assim, já falam mesmo, ah que eu odeio viado, não falam, não gostam, não vou citar qual é a fase, mais é bem sério assim”. Ou como disse Marcos: “Eu to aqui quase uns nove anos, acho que a discriminação é muito grande mesmo. E nunca teve nenhum debate sobre esse assunto”.

Em contra partida, a homofobia não é manifestada de uma forma direta aos sujeitos estigmatizados. Emprega-se como um momento e ato não discriminatório, é o que passo a discutir logo em seguida, partindo da fala do estudante Raul:

A minha concepção do filme sei lá eu levei mais pelo lado artístico porque eu não visualizei no filme como no caso você queria uma vez olhando como dois homossexuais mesmo eu assisti o filme mesmo pelo lado artístico, mais O lado homossexual ele, é aquela forma, ele te incomoda até certo ponto, porque enquanto ele ta lá no canto dele, pode ser meu amigo, tudo bem, mais não expressando o homossexualismo dele encima de mim, tá ótimo, eu posso ter uma convivência legal, uma amizade legal, tudo, porque são pessoas excelentes de conversar, são pessoas que da pra trocar idéia legal, só que tem que haver aquele respeito, aquela paralelidade, aquela coisa paralela, que nunca vai, é linha de trem, nunca se cruza sempre vai ser um tipo.

Destaco na fala de Raul, o lado artístico do filme, pois a ficção (filme) sobre a realidade no cotidiano são mais complexas, em virtude dos condicionantes sociais, culturais (religiosos) e outros⁵⁸.

Outro ponto que destaco nessa fala é a utilização da palavra amizade. Segundo esse informante, os homossexuais até podem ser amigos dele, contudo existe sempre o medo de uma investida sexual por parte desse “amigo” (é o que veremos a seguir).

Para ser considerada uma amizade, apesar dela ter vários significados, Francesco Alberoni (2003) a remete com sentimentos de serenidade, fidelidade e confiança. Em suas palavras (p.13):

A amizade, pelo contrário, tem horror ao sofrimento. Quando pode evita-o. Os amigos aproximam-se para estarem juntos. (...) Os dois amigos, portanto, devem ter imagens recíprocas similares. Não idênticas, naturalmente, porque então não haveria nada para descobrir, mas sem dissonâncias excessivas. De um amigo, portanto, espero que não me entenda mal. Todos me podem entender mal, menos um amigo. Se um amigo me entende mal, acabou.

⁵⁸ No sentido de discutir a realidade e ficção no cinema, utilizo Jean-Claude Bernardet (1981, p.13) que entende: “No cinema, fantasia ou não, a realidade se impõe com toda a força. Não datam de então os esforços de cientistas e artistas para reproduzir a realidade com meios artificiais”.

Realmente não se pode associar amizade com o medo de receber cantada de um “amigo”, esse sentimento não demonstra um elo de intimidade e entrega tão presente em uma relação de amizade.

Em relação as falas que expressam uma homofobia velada, inicio com a fala de Pedro:

De eu chegar assim, sentar num grupinho assim, po tava, tava conversando com não sei quem, cara muito legal, o cara não sei o que, me deu uns toques, não sei de que disciplina lá, mais aquele lá não é viado.

Essa primeira fala retrata uma homofobia um pouco diferente das demais (que trarei a seguir), pois Pedro estava dialogando com alguém que considerava homossexual. O preconceito sexual só surgiu por parte de outras pessoas que evitam um contato com esse sujeito, devido a sua orientação sexual não ser a heterossexual e considero essa *homofobia velada*, pois em muitos casos o homossexual não conhece tal fato, pode até suspeitar, mais no convívio ele é isolado, sem agressões corporais.

A aluna Jaqueline⁵⁹ entende que: “Eu não tenho muito preconceito igual a todo mundo, desde que não dê em cima de mim, beleza.”

Essa fala é representativa de diversas outras , ais quais, o que se percebe-é uma homofobia também velada, só que agora, quem expressa isso são os próprios agentes estigmatizadores.

Em suas pesquisas sobre a homossexualidade nas forças militares mundiais e brasileira, D’Araujo (2003, p. 5) entende que a homofobia velada, expressada pelos sujeitos investigados é uma representação clara que:

De qualquer forma, e no Brasil em especial, os homossexuais ainda são vistos como portadores de um desvio de comportamento que ameaça o bom funcionamento técnico e moral da corporação militar ou das instituições como um todo. Especialmente em relação ao desejo sexual, a concepção de homossexualidade extraída de nossas entrevistas faz supor que o homossexual é incapaz de se conter, por ser portador de um comportamento erótico intempestivo.

A análise dessas falas, poderia ser interpretada, pelo viés da categoria respeito, que foi muito utilizada pelos informantes. Como apontou Tadeu:

⁵⁹ Jaqueline é aluna da 1ª fase.

Eu acho normal assim, acontece direto, o que eu acho assim, é que tem que respeitar, os gays tem que me respeitar, eu acho que nem o Alex falou, do tipo, na academia acontece direto, eu pego os caras me olhando pelo espelho e eu fico puto, eu não gosto que fique me olhando, mulher pode olhar a vontade, mais po, eu acho um desrespeito o cara fica assim po po.

Existem, e não quero negar isso, homossexuais que se aproximam das pessoas, e que por sentirem atração física, tentam “expressar seu homossexualismo”, porém, se considerarmos que isso é comum nas relações humanas e sexuais, tiramos do *locus* do respeito para o *locus* do preconceito sexual. Não é raro vermos heterossexuais sendo inoportunos, dando “em cima” das mulheres (assédio) de uma forma mais agressiva e direta do que as mencionadas nas falas. Essas investidas são consideradas positivas, pois expressam a masculinidade do verdadeiro homem, por isso, penso que a categoria “*respeito*” pode estar velando o preconceito sexual para com os homossexuais, que em última instância são considerados portadores de uma sexualidade incontrolável.

A categoria homofobia velada apareceu entre os/as alunos/as da 1ª fase, por motivos distintos, um deles, é que o convívio com homossexuais tende a minimizar o preconceito sexual, e entre os informantes da 7ª fase o convívio com homossexuais facilitou a compreensão desses sujeitos, como podemos diferenciar na primeira fala (7ª fase) em relação a segunda fala (1ª fase):

João:

Aqui no curso não nenhum problema, também como ela, eu sou de São Paulo, tenho vários amigos, e até já fui em alguns lugares, tipo boate, do pessoal GLS, eu vejo isso como uma normalidade, assim, eu não consigo ver isso como um problema a questão do homossexualismo, só acho que é uma coisa pouco trabalhada, fala-se muito pouco sobre o assunto, não que seja um problema.

Tatiana⁶⁰:

Eu não sei tipo, eu sei que há homossexuais na cidade, mais tipo, eu não tenho convívio direto com eles, nunca tive, então fica difícil isso ai pra mim, a eu sou a favor, eu não sei assim, eu acho que sei lá, eu tenho a minha opção, cada um tem a sua, e sei lá.

Na medida em que se conhece os homossexuais, geralmente as pessoas vão percebendo que eles/as são “normais”, ou seja, trabalham, estudam, namoram, transam, buscam lazer, religião e amigos, então, o contato dialógico entre heterossexuais e homossexuais tende a diminuir as arestas construídas entre esses “polos”.

⁶⁰ Tatiana é aluna da 1ª fase.

Enquanto a categoria *homofobia velada* apareceu fortemente na 1ª fase, o entendimento que no CDS, o preconceito sexual é vinculado sob a forma de brincadeira, ocorreu em ambas as fases, como expressa os seguintes depoimentos representativos dos demais:

Maicon⁶¹:

Eu falo brincando para outro cara que ele é gay, mas não é verdade, é só brincadeira.

Walter:

Geralmente o pessoal que é de fora e vem morar junto aqui com outro amigo num apartamento agente sacanea o tempo todo, começa a especulação, a sacanagem, agente espeta para ver se sai alguma coisa, de repente agente pega alguém, um aqui para usar de Cristo, mais é parte da sacanagem, da brincadeira, só da uma sacanagem, só para judiar um pouquinho.

Apesar de que algumas das características da brincadeira são: imaginação, construção e não intencionalidade objetiva, entendo, assim como Wajskop (1995, p. 119) que: “No entanto, apesar destas variantes inclusas em um sistema imaginativo e de liberdade, a brincadeira não é fantasia, mas uma atividade sociocultural originária nos valores e hábitos de uma determinada sociedade ou grupo social”.

Isto quer dizer, que quando se diz “brincando” para alguém que essa pessoa é gay, se pretende de alguma forma dar algum sentido para tal atitude, pode ser como sacanagem, ou para ver se sai alguma coisa, é sinônimo de ironia, um termo pejorativo que revela o poder simbólico⁶² da violência, ou seja, esta brincadeira revela um preconceito sexual.

Outra justificativa, seria o fato de que essa “brincadeira” não seria dita aos homossexuais, mais sim aos heterossexuais, contudo, mesmo se considerando heterossexual, Pedro nos afirmou que não gostava de ser chamado de “Bambi” por pessoas que nem conhecia.

O preconceito sexual não ocorre no CDS apenas pelas vias já exploradas, segundo os informantes existem algumas práticas corporais que geram conflitos. Um exemplo disso pode ser percebido durante os eventos esportivos do CDS, como por exemplo o JINEF (Jogos Internos da Educação Física), principalmente quando as tarefas são ligadas as atividades rítmicas, outro ponto forte, e o contato corporal entre os homens.

⁶¹ Maicon é aluno da 1ª fase.

⁶² Ver Pierre Bourdieu (1998). O poder simbólico.

Início com esses dois depoimentos representativos de ambas as fases, sendo que Tiago⁶³ relatou que:

Durante o trote, o homens tiveram que ficar sem camiseta e amarrados por uma corda, um atrás do outro, lembro que muitos não gostaram, por estarem muito próximos e tocarem na bunda.

Carlos:

Eu lembro uma situação na primeira fase, Ginástica 1, tinha que fazer massagem um no outro, e rolou um pouco de debate sobre o assunto.

Tocar no corpo do outro, principalmente nas nádegas, ou mesmo se for apenas para dar as mãos, ainda é considerado um tabu, ou se quisermos ir mais a fundo, o controle da masculinidade na nossa sociedade, não permite tocar nas nádegas, mão, rosto, enfim, não é permitido ao corpo masculino, tocar no corpo masculino, sem ser associado a condição da homossexualidade.

Para entendermos minimamente como se dão os contatos corporais entre homens, temos que entender como o próprio homem lida com o seu corpo, Nolasco (1993,p.47) compreende que:

Um menino cresce ignorando as sensações que brotam do próprio corpo, distanciando-se da possibilidade de formar uma visão particular sobre ele mesmo. Desta forma, eles são mantidos alheios aos afetos que os mobilizam e, portanto, embotam a sensibilidade que lhes é característica. Um menino é educado nas precariedades de um cárcere, para quando crescer se tornar seu próprio carcereiro.

A partir dessa idéia, podemos entender que os homens não estão sendo educados para sentirem e expressarem o afeto, o carinho, o amor, corriqueiramente, os contatos afetivos são ligados à intimidade (entre quadro paredes), talvez seja por isso que eu nunca vi o meu pai beijar a minha mãe.

Mas por que os sujeitos dessa pesquisa expressaram as dificuldades que eles e ou seus colegas de curso possuem frente a situações que ocorrem o contato entre os homens?

Nolasco (1993, p.125) afirma que:

⁶³ Tiago é aluno da 1ª fase.

Impedidos de reconhecer e expressar os afetos entre si, resta aos homens senão erotizarem-se mutuamente, e a partir daí adotar atitudes homofóbicas ou homoeróticas. O espaço de intimidade entre os homens está determinado pelo que compreendem ser um homossexual. Aproximar-se de um outro homem pode rapidamente transformar-se em um desejo, e muitas vezes o é. A intimidade é um espaço de poder das mulheres, e de alguma maneira os homens introjetaram esta noção, de modo que, para canalizarem seus afetos em direção a outro homem, precisam agir ou sentir-se como uma mulher. Desta forma, ficam excluídos não só a expressão dos afetos como o próprio corpo dos homens. O prazer das trocas afetivas que emerge do contato centrado na intimidade e cumplicidade nas relações sociais ainda é uma área não definida para os homens. A nomeação possível para um homem neste campo tem caráter eminentemente sexual e características reprodutoras.

Apesar de reconhecer que as idéias levantadas pela autor expressam uma generalização sobre o contato corporal e afetivos entre os homens, deixando por exemplo de desenvolver outras relações sociais entre os homens – amizade – que também é mantida com alguns laços de afetividade, intimidade e contato corporal, porém é concebível a idéia que ao expressarem afetos, os homens tendem a interpretar esses contatos pelo viés do preconceito sexual ou do homoerotismo.

Outra atividade corporal, que é associada à feminilidade e não favorável aos homens são as atividades rítmicas (principalmente a dança), foi o que constatou a pesquisa realizada por Fátima Leitão et all (1995, p. 256):

Estas análises foram desenvolvidas através dos depoimentos de alguns homens que dançam, podendo, então, constatar que os preconceitos são criados pela influência do meio em que vivem (sociedade). Sem exceção, todos enfrentaram problemas discriminatórios quando resolveram viver na dança uma maneira saudável de lazer, de estudo ou de extravaso e, até mesmo, como profissão.

Talvez por isso a dança foi apontada como uma das atividades corporais mais favoráveis a preconceitos e discriminações (dado já existente na fase exploratória da pesquisa) como podemos perceber nos seguintes depoimentos:

Pedro:

No último Jogos Internos que eu participei da Educação Física (JINEF), teve uma prova que era um homem se vestir de odalisca e fazer uma dança do ventre, e tem um colega que sempre se veste de mulher, desde a primeira fase, pegaram no pé dele, mais era pegação de pé mesmo, agora tem o menino que ganhou, talvez o Marcelo saiba quem é, depois que o menino ganhou, quase ninguém conhece o guri, todo mundo pegou no pé, todo mundo falou, ninguém falou na frente dele, todo mundo falou na costas, todo mundo falou, todo mundo falou, e de falar meses depois, falando que parecia uma mulher e dançava que nem uma mulher.

João:

Um outro nosso amigo nesse mesmo JINEF, também dançou, ele tem o sobrenome de Paulo, e colocaram o nome dele de Paulete, é impressionante como que a brincadeira se estende assim nas representações.

Pedro:

Antes eu fazia atletismo, é um esporte dentro do âmbito masculino, extremamente machista, é de força, de virilidade, essa é a palavra, quando eu comecei a dançar eles começaram a rir de mim, e to mostrando pelo meu trabalho que não é bem assim, o meu pai até acha meio estranho ainda, só que no começo ele tinha repúdio, hoje se ele acha um artigo de dança ele me mostra, ele já me chama, ah vai não sei para onde, ah que legal.

Associar o homem que dança à homossexualidade é novamente estipular e engessar um único padrão masculino: o homem duro e que joga futebol. Apesar de se perceber que esta realidade já está se modificando, contudo ainda é muito forte esse tipo de associação na sociedade brasileira atual.

Para finalizar esse capítulo, considero que esses dois pontos que vou trabalhar agora, também evidenciaram as diferenças existentes entre os alunos da 1ª fase para com os da 7ª fase, são eles: atuação profissional e a formação universitária.

Em relação à atuação profissional, poucos alunos da 1ª fase comentaram sobre suas experiências profissionais, relacionada à área de Educação Física, recordo-me que Joana comentou que tinha alunos gays e que ela tinha uma boa relação com eles.

Já na 7ª fase, trago o depoimento desses dois jovens namorados que juntos ministram aulas de dança de salão extra curricular no CDS. Apesar de serem namorados, eles não deixaram claro isso para os seus alunos e mantinham assim uma postura profissional frente aos mesmos. Contudo um aluno começou a demonstrar atração sexual por Pedro e falou isso diretamente para a sua namorada Roberta, apesar de terem passado momentos conflituosos, considero que eles conseguiram superar esse acontecimento de uma forma ética, profissional, assim como outros sujeitos da pesquisa que também relataram suas experiências.

Pedro:

Na turma passada de dança de salão, no começo do ano tinha um menino que agente tinha grandes suspeitas que ele era homossexual, ele falou para mim que era homossexual, no início do semestre ele começou a dá em cima de mim, ai eu assim ficava vermelho, ficava travado (todos riram) eu falava uns negócios e ele começava a rir.

Roberta:

Então, eu achava engraçado ne, eu lembro que agente não tá preparado para lidar com isso, mais quando agente passava a achar normal, não pensa nesse lado de que ai meu Deus ele tava dando encima, começa a sentir aquela coisa estranha, depois que tu consegue deixar assim agindo normal, vou cumprimentar, vou abraçar, deixar mais livre, ai que pronto, passa aquele medo, acho que talvez que esse medo nem teria se agente tivesse agido normal desde o início.

Parece meio óbvio que alunos da 7ª fase tenham mais experiência na área de Educação Física do que os da 1ª fase, o que me impressionou foi a postura não preconceituosa que eles tiveram perante seus alunos “considerados homossexuais”, apresentando, assim, sinais de utopia, possibilidade e mudança de postura ética frente à problemática de homossexualidade em consideração a homofobia velada, indiferença e distanciamento para com as questões relativas aos direitos do outro de ser diferente, cidadão, enfim aos direitos humanos, que predominaram nas entrevistas.

Agora, os alunos da 1ª fase, pensando sobre as futuras atuações profissionais e as suas relações com alunos homossexuais, consideram que a postura ética, o profissionalismo, seria garantida nessa relação, mesmo considerando a homossexualidade não natural, não normal, foi o que acabou ocorrendo com Pedro (aluno da 7ª fase).

Em geral, não é o que se percebe na prática, em uma pesquisa realizada por Melo et al (1996, p. 21). Os autores entrevistaram homossexuais, e perguntaram sobre a influência da Educação Física em suas vidas, obtendo o seguinte resultado:

Entre os entrevistados, os posicionamentos a respeito da Educação Física e da figura do professor no tratamento para com os homossexuais nos demonstrou um quadro alarmante. A Educação Física foi considerada uma das disciplinas mais discriminadoras do espaço escolar. Na verdade, o professor de Educação Física foi apontado entre os grandes responsáveis por esse processo discriminatório e preconceituoso.

Essa realidade alarmante faz parte de um cenário maior, no qual esses sujeitos são ora isolados das relações sociais, ou ora se isolam, pois não é tarefa fácil, lutar contra o preconceito, no meu campo, especificamente nos depoimentos mencionados, tais atitudes discriminatórias não ocorreram, ao contrário, buscou-se através da aproximação e diálogo, estabelecer uma relação pedagógica de compreensão do outro em suas singularidades.

Concordo com Helena Altmann (2001, p. 583) quando comenta que:

O professor (de Educação Física) é uma referência importante para seus alunos, pois a Educação Física propicia experiência de aprendizagem peculiar ao mobilizar os aspectos afetivos, sociais, éticos, e de sexualidade de forma intensa e explícita, o que faz com que o professor de Educação Física tenha um conhecimento abrangente de seus alunos.

Para que ações menos preconceituosas e posturas dialógicas com os alunos “homossexuais” de fato possam ocorrer nas aulas de Educação Física, a formação profissional do professor deve ser repensada e construída a partir de valores não heterossexistas.

Ao mesmo tempo em que os informantes (da 7ª fase) revelaram que o tema da homossexualidade não foi trabalhado no curso. Eles percebem que existem alguns trabalhos isolados ou ainda que a universidade como um todo contribui para uma formação profissional e pessoal menos preconceituosa, como podemos perceber nas seguintes falas:

Laura:

Eu nunca parei para pensar sobre o homossexualismo no CDS, se tem, se não tem, como é tratado, como é discutido, eu acho que nunca parei para pensar, porque nunca foi tratado em nenhuma disciplina, agente sempre ouve falar, que na disciplina de Fundamentos Humanísticos, o termo homossexualismo, porque tem do preconceito, mais nunca foi discutido mais a fundo assim, sempre foi meio superficial as coisas em relação a esse assunto aqui no CDS.

Roberta:

Só para complementar, até quando aconteceu isso, eu senti vergonha porque queimou o meu filme, hoje em dia depois de tanto tempo, entrar na faculdade começa a conhecer, na minha casa é bem fechado para isso, os meus pais conversavam escondido, eles não queriam falar para a família inteira, hoje em dia mudou totalmente a minha concepção, se alguém for falar dele eu já vou saber como tá defendendo, naquela época eu escondia de vergonha, hoje mudou bastante, por causa da universidade com certeza.

Esses depoimentos são representativos perante a compreensão por parte dos alunos da 7ª fase, que perceberam que a formação do professor de Educação Física no CDS não é apenas pautada em conhecimentos técnicos, mas também é aliado conhecimentos das áreas humanas e sociais.

Essa é uma tendência que teve seu marco histórico nos anos 80, a partir da abertura política e de professores recém doutores (em outras áreas) principalmente na área humana, que começaram a discutir e formar alunos mais críticos e conscientes da sua função social.

Podemos perceber que o questionamento da formação profissional perante a homossexualidade já foi discutida nos anos 90 por um aluno de graduação, que em suas conclusões, nos diz que, Reis (1994, p.48):

Sugiro uma pedagogia de convivência. E que trata o corpo humano imerso em suas delimitações, porém as objetiva numa avaliação particular de suas capacidades próprias. A homossexualidade masculina nunca atrapalhou a Educação Física. Por outro lado, a beneficiou com uma melhor compreensão do corpo masculino, em sua essência cultural, e suas possibilidades afetivas. Não indico tratamento pedagógico particular para este corpo. Ele se dá pela percepção do cotidiano na escola. Todavia, o mosaico aqui apresentado, refletido sobre a formação profissional em Educação Física, contribui para que este professor, quando em situação sócio-cultural de aula de Educação Física compreenda o surgimento de idéias subjetivas (por exemplo: imagens, experiências, desejos, medos, necessidades já existentes). Tais sensações participam no cotidiano escolar, e muitas vezes, são desconsideradas.

Apesar de termos professores preocupados em formar alunos menos preconceituosos, eu mesmo presenciei o quanto é difícil estabelecer uma relação pedagógica pautada em valores menos desiguais.

Uma das principais barreiras encontradas é a falta de interesse dos alunos para conhecimentos que não estão relacionados diretamente com a técnica e com os conhecimentos biológicos.

Percebi isto, quando fui ministrar uma aula na disciplina de Iniciação a Pesquisa (6ª fase), na qual o tema era campo de pesquisa. Ao mostrar uma pequena parte do filme, os alunos (sua maioria) demonstraram e falaram do “nojo” (denotando na gestualidade de ânsia de vômito) que sentiram ao verem dois homens se beijando.

Segundo José Rodrigues (1975) para analisar o por que algo é considerado nojento, é necessário saber como, onde, quando e por que tal fato, comportamento, é nojento. Ou seja, será completamente diferente o olhar de um heterossexual preconceituoso sob dois homens se beijando, de um homossexual assumido, ou, na frente de outras pessoas eu sou levado a expressar o meu nojo, mais na minha intimidade, eu não sinto nojo ao ver dois homens se beijando, eu próprio beijo.

Sintetizando as idéias do autor supracitado, trago alguns dois seus argumentos sobre o por que algo é considerado nojento. “As codificações do corpo e as manifestações afetivas que acompanham as reações de nojo, respondem à intolerância do homem à ausência de sentido no mundo em que ele vive”. Outra possibilidade seria a associação entre nojo e medo, ou seja eu tenho nojo daquilo que não conheço, das coisas ambíguas e transgressoras. “A recusa não se limita à coisa nojenta, mas se estende a tudo o que diz respeito a ela”.

A gestualidade de alguns alunos da 6ª fase, em colocarem o dedo indicador na boca, expressam o nojo, pois segundo José Rodrigues (1975, p. 152): “Portam diretamente o significado dessa oposição: tapar a respiração, virar o rosto para o lado, são maneiras de interromper os canais de comunicação com o mundo, e, portanto, de recusar a recepção da mensagem”.

Penso que o papel do professor formador de professores é fundamental para que atitudes como essa sejam refletidas na universidade, pois, no exemplo acima, trata-se de ficção, mais na vida cotidiana, os sujeitos são reais, possuem sentimentos que em muitos casos são calados por palavras e gestos que acabam marcando profundamente a plena aceitação e convívio pessoal daqueles considerados diferentes: negros, portadores de necessidades especiais, mulheres, pobres, obesos e no nosso caso específico os homossexuais.

António Nóvoa (1992, p. 25) discute a formação profissional e pessoal dos professores, e contribui destacando que: “A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada” (...) O diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional”.

Espero de alguma forma ter contribuído para a melhoria e construção de educadores mais reflexivos e críticos e ao mesmo tempo pessoas menos preconceituosas e mais solidários para com as diferenças.

Conclusões Provisórias

Realizar uma dissertação na área de Educação Física com um tema como a homossexualidade foi um trabalho difícil, por vários motivos.

Tudo começou com o fato de que na graduação não estudei esse tema e nas disciplinas do mestrado discutimos apenas dois textos mais ligados com questões mais genéricas sobre gênero, mais não sobre homossexualidade.

Não trago essa realidade aqui, para justificar qualquer “erro” ou “simplicidade” que essa pesquisa possa apresentar, acredito que essas informações sejam relevantes no sentido de evidenciar o quanto cresci pessoalmente e cientificamente em todo esse processo de conhecimento do “novo”. Tenho a sensação de que agora é que a pesquisa deveria se iniciar.

Esse processo foi facilitado pelo apoio de pessoas e também de congressos, destaco a importância de ter participado do I Congresso Brasileiro de Estudos da Homocultura e da V Reunião de Antropologia do Mercosul. Foram nesses congressos que tive o primeiro contato com outros pesquisadores que estudam a homossexualidade, sendo assim, aprendi muito com seus estudos e suas histórias de vidas.

A partir destes e de alguma forma já bem inserido no campo de pesquisa, as entrevistas foram para mim um momento de aprendizado profundo, especialmente no que diz respeito ao distanciamento e estranhamento ao que já me é familiar, e para os alunos considero que foi uma possibilidade de discutir e confrontar as diversas opiniões a respeito de uma tema pouco tratado no curso.

Em relação ao distanciamento, tive dificuldade para “silenciar” e realmente escutar as opiniões dos sujeitos, os quais em muitos casos eram repletos de senso comum e preconceitos, muito embora também expressassem outras representações.

Segundo Peter Burke (1999) seria de bom tom esperar e escutar a outra pessoa falar até a sua conclusão, sem interromper. Outra informação pertinente é que a pausa (silêncio) é culturalmente diferente e é aprendido na sociedade ao qual vivemos. Por fim expressa que (p. 5): “Nesse campo minado das palavras, o silêncio total deve ter sido às vezes a saída mais segura. Não há que estranhar que as pessoas falassem do silêncio como de uma arte. Ele implicava muito mais do que saber escutar bem”.

Acredito ter superado essa dificuldade respeitando todas as opiniões, não emitindo as minhas opiniões no momento da entrevista, pois isso poderia inibir os alunos. Digo isso, por tratar-se de uma temática delicada, complexa e também carregadas de valores ético-morais e de juízo de valor. Digo isso, porque procurei durante todo o tempo não pressionar, provocar e “testar” as diferentes posições sobre o tema. Ao contrário, como já referi antes, o silêncio, muitas vezes, se constituiu na estratégia de aproximação com os sujeitos e, ao mesmo de respeito às suas visões de homossexualidade e sociedade.

No que diz respeito a estranhar o que me é familiar, seria o fato de já conhecer o campo de pesquisa desde 1994, contudo, realmente muitos casos e falas, me mostraram que a realidade, por mais que você conheça, ela é dinâmica, e esse movimento não é tão claro de se perceber, exige um treino do olhar mais atento para não perder os dados provenientes das subjetividades e ambiguidades das relações humanas e principalmente da sexualidade humana, isto porque suas práticas são pouco discutidas, questionadas e o sexo é considerado algo privativo, esses fatos ficam ainda mais agravantes em relação a homossexualidade.

Após a análise dos dados, reflexões e possíveis diálogos com os informantes e com os autores, destaco os principais resultados “achados” dessa pesquisa que expressam as representações sociais dos estudantes de Educação Física da UFSC, em relação ao tema da homossexualidade.

Apesar dessa aproximação ter iniciado a partir das distintas representações dos estudantes, o confronto de opiniões diferentes de alguma forma contribuiu para mexer nas “verdades absolutas” dos alunos, pois o senso comum também parte de uma individualização das idéias, influenciada por constructos sociais coletivos. Trazer a tona as divergências individuais, é uma boa estratégia no sentido de romper com os pensamentos e práticas hegemônicas da sexualidade e homossexualidade masculina, questão esta tão carente de enfrentamento empírico-teórico na dimensão da busca de um outro “*ethos*” emancipatório acerca desta problemática.

A utilização de um filme, com temática gay, faz-no refletir a manipulação da indústria cultural e principalmente da mídia, com relação a homossexualidade, que geralmente é tratada de uma forma estereotipada do sujeito homossexual. Por isso a escolha de se trabalhar com o filme *Delicada Atração*, pois além de discutir a homossexualidade em diversos âmbitos sociais, não aponta uma identidade homossexual tipológica.

Como relação ao resgate das categorias desse estudo, a primeira foi a categoria denominada *outras categorias*, na qual realizei um breve resgate histórico da homossexualidade, que foi de extrema importância para compreender a atual situação social, como foram construídos historicamente os modelos de homossexualidade, as influências positivas dos movimentos homossexuais e como algumas culturas e a Igreja compreendem a homossexualidade.

Outro dado importante foi buscar entender os conceitos de homossexualismo, homossexualidade, homoerotismo, homossociabilidade, homoafetividade, que não foi fácil, uma vez que estes trazem consigo diferentes nuances epistemológicas, cargas ideológicas e, por fim questões de ordem social, política e cultural. Falta nos estudos gays e lésbicos um estudo mais detalhado das reais diferenças epistemológicas entre esses conceitos. Os informantes desconhecem alguns dos significados discutidos para os conceitos acima apontados, em sua maioria os sujeitos não diferem os conceitos e associam as diferenças a intencionalidade da linguagem oral, desconhecendo as diferenças históricas entre esses conceitos, que em linhas gerais ou se aproximam ou se afastam de uma identidade homossexual fixa e patológica, associada aos homens e mulheres que se relacionam sexualmente com o mesmo sexo, principalmente os homens.

O conceito *gênero* também apareceu, apresentando um distanciamento e engessamento dos universos masculinos e femininos, associando a homossexualidade como pertencente a esse último.

Outro dado relevante foi a padronização de uma masculinidade, o que cientificamente é conceituado como masculinidade hegemônica, que configura um tipo ideal de homem, colocando os homossexuais fora desse padrão. Outro fato é o entendimento de que as mulheres aceitam mais facilmente os homossexuais do que os homens, essa realidade é frequente e existe na nossa sociedade, contudo deve-se ter o cuidado para não generalizar, pois as mulheres também influenciam e educam os homens para serem “os verdadeiros homens”.

Na discussão do conceito de *identidade*, o que mais se destacou foi a compreensão que a homossexualidade seria uma opção do sujeito, o que não vem ao encontro com o conceito de “coming out” que é entendido como a aceitação, opção em se reconhecer homossexual.

Alguns pontos abordados pelos autores sobre identidade, como identidade itinerante e crise de identidade apareceram em algumas falas dos sujeitos. Contudo, alguns informantes entendem que o homossexual efeminado não teria outra alternativa a não ser se assumir, ao contrário daquele que possui traços considerados bem masculinos, poderiam ou não assumi-lo, o que de certo modo liga a identidade homossexual como um tipo fixo, próximo da mulher, afinal, os acadêmicos afirmam que suspeitam de que alguns homens sejam homossexuais pelos seus gestos, voz e vestimentas serem semelhantes às mulheres.

Outra categoria bastante presente nas falas dos alunos foi o *preconceito*, que de maneira geral é considerado muito forte, cristalizado, ou seja, não vai acabar, e que deve ser evitado nas intervenções dos professores de Educação Física.

Segundo os participantes da pesquisa, o preconceito no CDS é vinculado sob a forma de “brincadeira”, entendida em seus aspectos não intencional, seria algo “não verdadeiro”, ou seja, quando se diz para alguém que essa pessoa é “bicha”, “viado”, “gay”, realmente não se estaria associando o sujeito com uma possível homossexualidade, seria apenas uma brincadeira, que segundo eles, seria dita apenas aos heterossexuais e não aos homossexuais. Contudo, esse pensamento não vem ao encontro com o conceito de brincadeira apresentado nesse estudo, que considera a brincadeira uma forma intencional de transmissão de valores, que ligando-se a questão da homossexualidade são geralmente valores negativos, de ironia e de violência simbólica.

Outra forma de se vincular o preconceito foi o que chamei de *homofobia velada*, isto é, atrás do uso da categoria *respeito*, que os alunos utilizaram, percebi uma aversão, ou seja, um distanciamento físico e afetivo dos sujeitos homossexuais, pois em última instância, os homossexuais seriam considerados portadores de uma sexualidade incontrolável e impulsiva. Neste sentido, segundo suas representações, até permite-se uma certa aproximação com sujeitos gays, mais sempre se tem/teria a impressão, idéia, de que eles iriam ultrapassar os limites de uma *amizade*, por quererem estabelecer relações afetivas/sexuais, esse pensamento ficou mais evidente entre os/as alunos/as da 1ª fase.

O campo de conhecimento da Educação Física não está fora de um contexto geral de representações sociais das categorias já apresentadas como gênero, identidade e preconceito.

Em linhas gerais, os sujeitos apontaram que os homens apresentam mais dificuldades em se tocar, mesmo que seja para darem as mãos, do que as mulheres. A “nádegas” ainda é uma parte do corpo masculino que deve ser vigiada e não tocada pelo mesmo sexo, e em alguns casos até por mulheres.

A dificuldade de os homens se tocarem é fruto de uma construção social da masculinidade que restringe a afetividade nos homens, e por consequência ao ocorre contatos corporais entre os mesmos estes tendem ou manifestarem ações homoeróticas ou homofóbicas.

A dança ainda é uma das práticas corporais que mais geram preconceitos para com os homens que dela praticam sobretudo nas aulas do curso de Educação Física da UFSC e isto porque é considerada historicamente uma atividade feminina. Hoje, esse estereótipo já vem sendo rompido, como ocorre com o futebol feminino, percebeu-se que a atividade corporal não tem relação direta com a orientação sexual de quem a pratica.

Em suma, percebi que a atuação profissional e a interferência do processo de formação, convívio com sujeitos homossexuais e vivência universitária formaram os pontos mais favoráveis para que os alunos da 7ª fase tivessem falas menos preconceituosas do que os alunos da 1ª fase.

Em relação a atuação profissional, os alunos da 7ª fase, em geral, demonstraram posturas não preconceituosas frente a situações que denotavam a homossexualidade de seus alunos. Tanto os alunos, quanto eu, e alguns autores como Mott, Nunan e Trevisan consideramos que essa flexibilidade vem tanto de um maior convívio com gays, o que de certo modo é positivo, pois evidencia-se o lado humano e “normal” dos gays, e que uma formação universitária pautada em conhecimentos humanísticos, foram os principais fatores para se estabelecer boas intervenções pedagógicas.

Apesar de considerar que a formação desses estudantes foi um ponto positivo para uma boa compreensão da homossexualidade, o CDS segundo os alunos da 7ª fase, ainda não superou as representações sociais negativas associadas aos homens e mulheres que se relacionam sexualmente com outros/as sujeitos/as do mesmo sexo, e que o curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, ainda não tratou de uma forma organizada e científica, o tema da homossexualidade.

Em virtude dos limites do tempo exigido para o mestrado, além das pressões institucionais e profissionais, faço a auto-crítica de que este trabalho, de forma provisória, traz para os estudos da Educação Física, questões de suma relevância, tais como já evidenciei antes: homofobia, homofobia velada, identidades intinerantes, o não engessamento da categoria de gênero, além de fundamentalmente trazer a tona as diversas reflexões epistemológicas sobre homossexualidade. Considero, por fim que a partir desse primeiros passos desta pesquisa, pode-se aguçar mais o olhar sobre as práticas corporais de Educação Física na perspectiva da discussão sobre o corpo e homossexualidade.

Contudo, a meu ver, ainda é necessário superar a partir de novos estudos, as questões/achados desta pesquisa. Assim daqui para adiante poderá detonar processos de discussão e debate acerca de temas como homofobia, corpo e homossexualidade, esporte e homossexualidade e outros.

Referências

- Alberoni, Francesco. (2003). **A amizade**. 20^a ed. Chiado: Bertrand.
- Altmann, Helena. (2001). Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. In **Revista de Estudos Feministas**. Vol.9, no.2, p.575-585.
- Andrade, Roger V. F. (2003) **Identidades e estereótipos nas aulas de Educação Física: breve histórico, muitas inquietações**. In Seminário Internacional de Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais. Florianópolis.
- Ariès, Philippe. (1985). Reflexões sobre a história da homossexualidade. In Ariès, Philippe & Béjin, André. **Sexualidades ocidentais**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Bernardet, Jean-Claude. (1981). **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense. 3^a ed.
- Berutti, Eliane B. (2002). Voz, olhar e experiência gay: resistência à opressão. In Garcia, W. & Santos, R. (Org.). **A escrita de adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil**. (pp 23-32). São Paulo: Xamã: NCC/SUNY.
- Bourdieu, Pierre. (1995). A Dominação Masculina. In **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, 20 (2): (pp. 133-184), Jul./Dez.
- _____ (1997). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1998). **O poder simbólico**. 2. ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bracht, Valter. (1989). Esporte-estado-sociedade. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, 10 (2): 69-73, Jan.
- _____.(1992). **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. (1997). **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**. Brasília: MEC/SEF.
- Burke, Peter. (1999). Escutar o silêncio. In **Folha de São Paulo**. 19 de Setembro.

Carvalho, Mario C. (2003). Inquisição flagrou primeiro gay de SP, diz pesquisador. In **Folha de São Paulo**. 25 de janeiro.

Chauí, Marilena S. (1994). **Convite a filosofia**. São Paulo: Atica.

Cogo, Denise M. & Gomes, Pedro G. (Orgs). (1998). **O adolescente e a televisão**. Porto Alegre: IEL: Editora da Unisinos.

Costa, Jurandir F. (1992). **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

_____. (1995). **A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II**. São Paulo: Editora Escuta.

Cunha Jr, Carlos F. F. & Melo, Vitor. A. (1996/2). Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações. In **Revista Movimento**. Ano III, (5).

D'Araújo, Maria C. (2003). Homossexualidade nos quartéis: iniciando o debate no Brasil. In **Boletim do Programa de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Saúde – CEPESC/IMS/UERJ**. Ano X, nº 19, set.

Dyer, Richard. (1993). **The matter of images: essays on representations**. London; New York: Routledge.

Domingues, José. (1986). **Interesses humanos e paradigmas curriculares**. In. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília.

Fleuri, Reinaldo M. (2000). Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educativos. In: **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**/ Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A.

Fry, Peter. (1982). **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar.

Fry, Peter. & MacRae, E. (1985). **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultura: Brasiliense.

Funck, Susana B. (1995). Da questão da mulher à questão do gênero. In S. B. Funck. (Org). **Trocando idéias sobre a mulher e a literatura**. (pp 17-22). PGI-DLLE/UFSC.

Gatti, José. (2002). O homem forte: ressignificações. In Lyra, Bernadete & Garcia, Wilton. (Orgs). **Corpo e imagem**. São Paulo: Arte & Ciência.

Goffman, Erving. (1982). **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Gomes, Romeu. (1994). A análise de dados em pesquisa qualitativa. In Minayo, Maria C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes.

Geertz, Clifford. (1989). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Green, James N. (2000). **Alem do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Ed. UNESP.

Gusmão, Neusa M. M. (2000). Desafios da diversidade na escola. In **Revista Mediações**. UEL. Vol.5, N. 2, jul/dez.

<http://www.cds.ufsc.br>. Acessado em 31/01/04.

<http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/08/10/ger018.html>. Acessado em 29/10/2003.

http://www.novae.inf.br/pensadores/vaticano_ensandecido.htm. Acessado em 29/10/2003.

<http://www.quasarciadedanca.com.br>. Acessado em 13/11/2003.

<http://www.sonypictures.com/classics/beautiful/index.html>. Acessado em 13/11/2003.

<http://www.nuteses.ufu.br/index3.html>. Acessado em 08 de abril de 2003.

<http://www.geocities.yahoo.com.br/luizmottbr/autobio.html>. Acessado no dia 19/10/2003

http://www.acd.ufrj.br/pacc/z/z_fase_um/ensaios/denilson.html. Acessado em 19/10/2003

Inácio, Emerson C. (2002). Homossexualidade, homoerotismo e homosociabilidade: em torno de três conceitos e um exemplo. In Garcia, W. & Santos, R. (Org.). **A escrita de adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil**. (pp 59-70). São Paulo: Xamã: NCC/SUNY.

Kunz, Elenor. (1991). **Educação física: ensino & mudanças**. Ijuí: UNIJUÍ.

Lago, Mara C. S. (1996). Refletindo sobre gênero a partir de textos freudianos. In **Anais Fazendo Gênero. Seminário de estudos sobre a mulher**. Ponta Grossa.

Lahire, Bernard. Reprodução ou Prolongamento Críticos? (2002). In **Revista Educação & Sociedade**. (pp. 37-55). Ano XXIII, n. 78, abril.

Lazari, Joana S. (1993). **Papéis de gênero em mulheres de escolaridade superior engajadas profissionalmente**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre.

Leitão, Fátima C. V. & Sousa, Iracema S. (1995). O homem que dança ... In **Revista Motrivivência**. Ano 07, nº 08, dez.

Louro, Guacira L. (1997). **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes.

_____. (2000). Corpo, escola e identidade. In **Revista Educação e Realidade**. vol. 25, n. 2. Porto alegre: UFRGS.

_____. (2001). Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. In **Revista de Estudos Feministas**. Ano 9, 2º sem.

Lupton, Deborah.(2000). Corpos, prazeres e práticas do eu. In **Revista Educação e Realidade**, vol. 25, n. 2. Porto Alegre: UFRGS.

Luz, Agripino A. Jr (2001).**Gênero e Educação Física: O que diz a produção teórica brasileira das anos 80 e 90?** Dissertação de mestrado, Centro de Desportos, UFSC, Florianópolis.

Mead, Margaret. (2000). **Sexo e temperamento**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva.

Meireles, Ir. R. M^a et all. (1999). **Sexualidade: cultura, ética e vida religiosa**. São Paulo: Loyola.

Minayo, Maria C. S. (1995). O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In Guareschi, Pedrinho A & Jovchelovitch, Sandra. **Textos em representações**. 2 ed. Petrópolis: Vozes.

Monteiro, Marko. (2002). O homoerotismo nas revistas Sui Generis e Homens. In Garcia, W. & Santos, R. (Org.). **A escrita de adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil**. (pp 275-290). São Paulo: Xamã: NCC/SUNY.

Motta, Joaquim Z. B. (1998). Homorrivalidade: A base emocional da violência no futebol. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**.19 (2), jan.

Nolasco, Sócrates A (1993). **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco.

Nóvoa, António (coord.). (1992). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote.

Nunan Adriana. (2003) **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Caravansarai: Rio de Janeiro.

Pais, José M. (1986). Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana. (pp. 7-57). In **Análise Social**, vol. XXII(90).

Parker, Richard G. (1991). **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller .

_____.(2002). **Abaixo do equador**. Rio de Janeiro: Record.

Reis, Alexandre B. (1994). **Imagem corporal homossexual: Reflexões sobre o discurso que se faz deste corpo em aulas de Educação Física**. Trabalho de conclusão de graduação em Educação Física da Unicamp,

Rodrigues, José C. (1975). **O tabu do corpo**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Achiamé.

Romano, Roberto. (1993). Ética e Política: pressupostos para ciência. In **Revista Motrivivência**. Florianópolis. Ano VI, N 4, jun.

Romero, Elaine. (1994). A educação física a serviço da ideologia sexista. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 15(3): 226-34.

Santos, Estevão. (1984). “**O Brasil de 1964 a 1984 E o surgimento do movimento homossexual**”. Mimeo. Salvador, jan.

Saraiva Kunz, Maria. C. (1993). **Quando a diferença é um mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física**. Dissertação de mestrado, Centro de Educação, UFSC, Florianópolis.

_____.(1992). Aula Coeducativa: uma chance de superação das desigualdades entre os sexos em aulas de Educação Física. In **Revista Espaço da Escola**, Ijuí, Ano 1(3): 29-36, Jan/Mar.

_____.(1996). Educação Física e Coeducação. In **Diretrizes Curriculares para a Educação Física no Ensino Fundamental e Na Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis/SC**. (pp 120-30). Florianópolis: NEPEF/UFSC – SMC.

_____.(1994). O Gênero: Confronto de culturas em aulas de educação física. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 15(3): 247-52, Jun.

_____. (1999). **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. Ijuí: UNIJUÍ.

Scott, Joan. (1995). Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. In **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, 20(2): 71-99, Jul./Dez.

Silva, Marco A. (2003). **Se manque! Uma etnografia do carnaval no pedaço GLS da ilha de Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da UFSC. Março.

Silva, Maurício R. (2003). **Trama doce-amarga: (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica**. Ijuí: Ed. Unijuí; São Paulo: Hucitec.

- _____.(2002). Recortando e colando as imagens da vida cotidiana do trabalho e da cultura lúdica das meninas-mulheres e das mulheres-meninas da Zona da Mata Canavieira Pernambucana. In *Cadernos CEDES 56: Infância e educação: as meninas*. Campinas: UNICAMP.
- Silva, Tomas T. (2000). A produção social da identidade e da diferença. In Silva, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. (pp 73-102). Petrópolis: Vozes.
- Souza, Eustáquia S. (1994). **Meninos à marcha! Meninas à sombra!** Tese de doutorado em Educação. Campinas, Unicamp.
- Spencer, Colin. (1996). **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record.
- Stoller, Robert J. (1993). **Masculinidade e feminilidade: apresentação do gênero**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Toledo, Regina A. G. et al. (1983). **A dominação da mulher: Os papéis sexuais na educação**. (2 ed.). Petrópolis: Vozes.
- Trevisan, João S. (2000). **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 3 ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Record.
- _____. (2003). Carta a um enrustido. In **Revista Gmagazine**. Novembro.
- Veyne, Paul. (1985). A homossexualidade em Roma. In Ariès, Philippe & Béjin, André. **Sexualidades ocidentais**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Viezzer, Moema. (1989). **O problema não está na mulher**. São Paulo: Cortez.
- Wajskop, Gisela. (1995). A brincadeira entre a teoria e a prática: pistas para uma reflexão. In **Revista Motrivivência**. Ano 07, nº 08, dez.
- Welzer-Lang, Daniel. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In **Revista de Estudos Feministas**. Vol.9, no.2, p.460-482.

Woodward, Kathryn. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Silva, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. (pp 7-72). Petrópolis: Vozes.